

PHILIP PULLMAN

UM MISTÉRIO DE SALLY LOCKHART



Pelo autor premiado de A Bússola de Ouro

SALLY E A MALDIÇÃO DO RUBI





PHILIP PULLMAN

SALLY E A MALDIÇÃO DO RUBI

Título original inglês

The ruby in the smoke – Sally Lockhart, vol. 1
1985

Tradução

Flávia Neves

Capa Bill Sanderson, 2009



2009

SINOPSE



Londres no tempo da rainha Vitória, quando o Reino Unido era o maior império do mundo. Uma menina sozinha no meio da cidade grande. Uma fortuna no horizonte. Uma cadeia de segredos em torno de um Rubi.

Sally Lockhart tem 16 anos, é órfã e acabou de matar um homem. Não com uma arma, apesar de estar com uma pistola e possuir a coragem para usá-la. Sally matou o sr. Higgs com apenas três palavras — “as Sete Bênçãos”. Ainda não sabe o significado delas, nem por que o colega de seu pai, desaparecido em alto-mar, morreu de medo quando as ouviu. Ela sabe apenas que fará qualquer coisa, será qualquer coisa e dirá qualquer coisa para descobrir.

Em busca de pistas, Sally se aventura no submundo sombrio da capital inglesa. Perseguida por vilões, essa mocinha intrépida acaba revelando dois mistérios, e descobre que ela mesma é a chave para ambos.



CURIOSIDADES



DE INTERESSE HISTÓRICO

1872

Charles Edward Cotton, de 7 anos, morre no dia 12 de julho, aparentemente de “febre gástrica”, porém subsequentemente são descobertos altos níveis de arsênico no corpo do menino. No ano seguinte, a madrasta, Mary Ann Cotton, seria condenada pela morte de Charles e enforcada. Embora declarada culpada apenas por esta morte, ela é suspeita de haver assassinado pelo menos 13 outras pessoas, incluindo alguns de seus maridos e filhos.

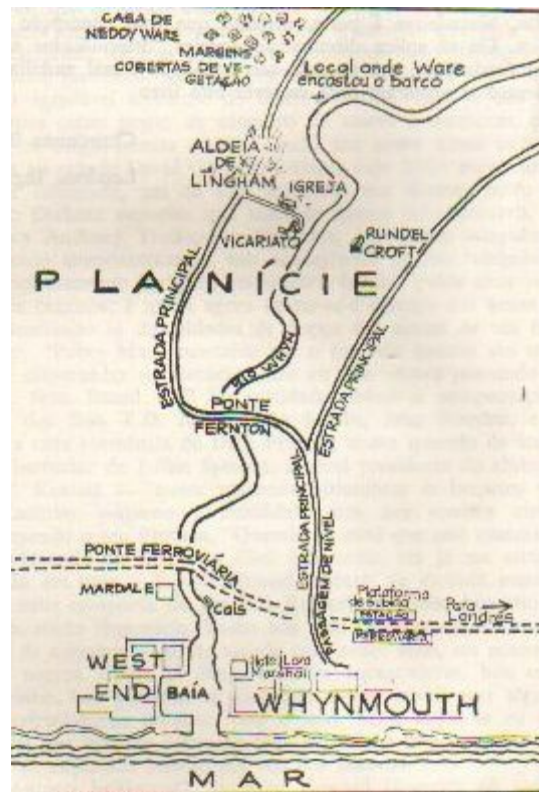
O primeiro jogo oficial de futebol internacional acontece em 30 de novembro, entre a Inglaterra e a Escócia, no campo do Scotland Cricket Ground, em Glasgow. Comparecem 4 mil torcedores e o resultado é 0-0.

A Reforma Legislativa de 1872 (*Reform Act*) introduz o voto secreto. Eleitores (na época apenas homens) podem agora votar em segredo e, logo, livrar-se de intimidações por parte de patrões e senhorios inescrupulosos.

A Lei de Parques e Jardins designa um local a nordeste do parque Hyde, em Londres, como o “Recanto do Orador”, onde qualquer um pode dizer o que quiser e fazer discursos em público.

O bergantim britânico *Dei Gratia* encontra o navio *Mary Celeste* à deriva no Atlântico. Ao embarcarem no navio, os britânicos descobrem que todos os tripulantes desapareceram — o capitão, sua família e 14 homens da tripulação —, embora a embarcação esteja em perfeito estado e com amplo estoque de mantimentos. Não há sinais de violência ou distúrbio. O *Mary Celeste* partira do porto de Nova York rumo à cidade de Gênova, no dia 5 de novembro.







As SETE BÊNÇÃOS

Numa tarde fria e opressiva, em princípios de outubro de 1872, uma carruagem de aluguel estacionou em frente à fachada da firma Lockhart & Selby Agentes Marítimos, no coração financeiro de Londres, e uma jovem saiu do cabriolé e pagou ao cocheiro.

A menina tinha cerca de 16 anos — estava só e era excepcionalmente bela. Era esguia e pálida e vestia trajes de luto, com um chapéu preto sob o qual enfiou uma madeixa que se soltara pela insistência do vento. Tinha olhos de um castanho-escuro incomum para uma pessoa tão loura. Seu nome era Sally Lockhart; e dentro de 15 minutos ela iria matar um homem.

Por um instante, ficou ali parada olhando o edifício, em seguida subiu os três degraus da escada de acesso ao prédio e entrou. Um corredor encardido a esperava adiante e, do lado direito, uma sala reservada ao porteiro, onde um senhor lia um dos folhetins de terror *Penny Dreadfuls*, em frente à lareira. Ela deu uma batidinha no vidro da porta e o homem endireitou-se na cadeira, constrangido, enfiando de impulso a revista por debaixo do assento.

— Desculpe, dona. Não vi a senhorita entrar.

— Procuro o sr. Selby — ela disse. — Mas ele não está me aguardando.

— Seu nome, por favor, senhorita.

— Lockhart. Meu pai era... O sr. Lockhart.

O homem se tornou afável na mesma hora.

— Srta. Sally, não é isso? Já estive aqui antes, senhorita.

— Estive? Desculpe, não me lembro...

— Faz dez anos, pelo menos. A senhorita se sentou em frente à lareira, comeu um biscoito de gengibre e me contou tudo sobre o seu pônei. Não se lembra mais? Caramba... Senti muito ao saber do seu pai, senhorita. Foi terrível, o navio afundar daquele jeito. Ele era um verdadeiro cavalheiro, senhorita.

— Era, sim... Obrigada. O motivo da minha vinda diz respeito, em parte, ao meu pai. O sr. Selby se encontra? Posso vê-lo?

— Bem, infelizmente, ele num tá, senhorita. Ele foi às Docas Índia Ocidental, a negócio. Mas o sr. Higgs está no edifício — o secretário da companhia. Ele ficará contente em falar com a senhorita.

— Obrigada. Gostaria de vê-lo então.

O porteiro tocou uma campainha e um pequeno garoto apareceu, como uma súbita solidificação de toda a fuligem do ar da rua do mercado de Cheapside. O casaco estava rasgado em três lugares, o colarinho se desprendera da camisa e os cabelos pareciam ter passado por uma experiência científica com choque elétrico.

— O que quer? — perguntou a aparição, cujo nome era Jim.

— Olhe os modos — disse o porteiro. — Leve a jovem senhorita até lá em cima para ver o sr. Higgs. E ande logo com isso. Esta é a senhorita Lockhart.

Os olhos aguçados do menino se detiveram nela por um instante e em seguida se voltaram desconfiados para o porteiro.

— Você pegou minha revista *Union Jack*. Vi você escondendo mais cedo, quando o velho Higgsy chegou.

— Não peguei nada — respondeu o porteiro, pouco convincente — Vá fazer o que foi pedido.

— Vou pegar de volta o que é meu — disse o menino. — Espera só. Num pode roubar um bem meu. Vem — se dirigiu a Sally e se retirou.

— Terá que me perdoar, srta. Lockhart — disse o porteiro. — Este aí não foi laçado cedo o suficiente para ser domesticado.

— Não tem importância — disse Sally. — Obrigada. Darei uma passadinha aqui antes de ir embora para me despedir.

O menino a esperava na soleira da escada.

— O chefe era o seu pai? — perguntou enquanto subiam.

— Era — ela respondeu, desejando poder dizer mais, porém sem encontrar as palavras.

— Era um bom sujeito.

Aquele foi um gesto de compaixão, ela pensou, grata.

— Você conhece alguém chamado Marchbanks? — ela perguntou. — Tem algum Marchbanks trabalhando aqui?

— Não. Nunca escutei esse nome antes.

— E já ouviu falar...

Eles já estavam quase no fim da escada quando ela parou para terminar a pergunta.

— Já ouviu falar das Sete Bênçãos?

— Uhn?

— Por favor — ela pediu. — É importante.

— Ouvi não — ele respondeu. — Parece nome de pub ou coisa parecida.

O que é?

— É algo que ouvi. Não é nada. Esqueça, por favor — ela pediu e avançou até o topo da escada. — Onde encontro o sr. Higgs?

— Por aqui — ele disse, batendo com força na porta de madeira trabalhada. Sem esperar que alguém respondesse do outro lado, ele abriu a porta e anunciou:

— Uma senhorita veio ver o sr. Higgs. Diz ser a srta. Lockhart.

Ela entrou e a porta atrás dela se fechou. O lugar era abafado pela fumaça de charuto e o ambiente era adornado de couro polido, mogno, tinteiros de prata, gavetas com puxadores de bronze e pesa-papéis de vidro. Um homem corpulento tentava enrolar um enorme mapa de parede na outra extremidade da sala e devido ao esforço empregado na tarefa tudo resplandecia: seu cocuruto resplandecia, suas botas resplandeciam, o brasão maçônico no pesado relógio de algibeira de ouro sobre sua pança resplandecia, e sua face brilhava, lustrosa por causa do calor e corada pelos anos de vinho e comilança.

Ele terminou de enrolar o mapa e ergueu os olhos. Sua expressão se tornou solene e piedosa.

— Srta. Lockhart? Filha do falecido Matthew Lockhart?

— Sim — respondeu Sally.

Ele estendeu as mãos:

— Minha cara srta. Lockhart — ele disse. — Não tenho palavras para lhe dizer quanto, sinceramente, todos nós sentimos ao saber de sua terrível perda. Um homem tão bom; um patrão generoso; um honrado cavalheiro; um nobre soldado; um... é... realmente uma irreparável perda, uma trágica e triste perda.

Ela inclinou a cabeça e falou:

— O senhor é muito gentil. Gostaria de saber se poderia lhe fazer uma pergunta.

— Minha querida! — Sua fala era expansiva e afável. Ele puxou uma cadeira para ela e ficou de pé, as largas costas voltadas para a lareira, alegre, radiante como um tio orgulhoso. — Tudo o que estiver ao meu alcance será feito, posso garantir!

— Bem, não é que necessite que algo seja feito, é mais simples do que isso, é apenas... Bem, por acaso, meu pai alguma vez mencionou um tal sr. Marchbanks? O senhor conhece alguém com esse nome?

Ele parecia refletir sobre a pergunta com diligência.

— Marchbanks — pensou em voz alta. — Marchbanks... Há um mercador de peças e acessórios para embarcações em Rotherhithe com esse nome, ou melhor, Mar-jo-ri-banks. Seria esse o senhor? Contudo, não me lembro de seu pobre pai jamais ter feito negócios com ele.

— Talvez seja ele — Sally respondeu. — O senhor saberia o endereço

dele?

— Ancoradouro da Tasmânia, creio — o sr. Higgs respondeu.

— Obrigada. Há mais uma coisa. Parece tolo... Não devia importuná-lo com isso, mas...

— Minha querida srta. Sally! Tudo o que puder fazer, eu farei. Apenas me diga como posso ajudá-la.

— Bem, alguma vez ouviu falar em “As Sete Bênçãos”?

Foi então que algo extraordinário aconteceu.

Como já havíamos mencionado, o sr. Higgs era um homem avantajado e bem alimentado; portanto, talvez não tenham sido tanto as palavras de Sally, e sim os anos de ancoradouro, de charutos cubanos e dos jantares substanciosos que antecederam os charutos que resultaram em um colapso no coração e uma dificuldade de respirar. Ele deu um passo à frente — e então a palidez invadiu-lhe a face, as mãos agarraram o colete e ele veio abaixo, estrondosamente, sobre o tapete turco. Um dos pés quicou e se contorceu cinco vezes, de forma medonha. Um dos olhos abertos pressionava o pé de madeira talhada da cadeira onde Sally estava sentada.

Ela não se mexeu. Tampouco gritou ou desmaiou. Sua única reação foi levantar a bainha do vestido que tocava a calvície reluzente do crânio dele e respirar fundo, várias vezes, de olhos fechados. O pai lhe havia ensinado isso como forma de atenuar o pânico. E o pai lhe ensinara bem. A estratégia funcionou.

Após recuperar a calma, ela se levantou e, cuidadosamente, se afastou do corpo. Sua mente era pura desordem, entretanto as mãos — ela notou — permaneciam perfeitamente estáveis. Que bom, pensou, posso contar com as minhas mãos quando estiver com medo. A descoberta a agradou de modo absurdo, e então ela escutou uma voz alta vinda do corredor.

— Samuel Selby. Agente Marítimo. Entendeu bem? — disse a voz.

— Sem o sr. Lockhart? — perguntou outra voz, timidamente.

— Não tem nenhum sr. Lockhart. O sr. Lockhart está agora há 100 braças, no fundo do mar, no mar do Sul da China. Ele que se dane. Quer dizer, que Deus o tenha. Apague o nome dele, me ouviu bem? Apague! Não gosto de verde. Quero uma cor alegre e vibrante para o meu nome, com as letras bem redondinhas. Coisa fina. Entendeu bem?

— Sim, sr. Selby — foi a resposta.

A porta se abriu e o dono da voz estridente entrou no recinto. Era um homem baixo e robusto, topete de cabelo alourado e bigodes *à la* Dundreary que destoavam desagradavelmente das coradas bochechas. Ele olhou ao redor — e não enxergou o corpo do sr. Higgs, oculto de sua vista pela longa escrivaninha de mogno. Os pequenos olhos ameaçadores pousaram em Sally.

— Quem é você? — interpelou. — Quem a deixou entrar?

- O porteiro — disse Sally.
- Qual o seu nome? O que quer aqui?
- Sou Sally Lockhart. Mas...
- Lockhart?

Ele assobiou baixinho.

- Sr. Selby, eu...
- Onde está Higgs? Ele pode cuidar de você. Higgs! Venha já aqui!
- Sr. Selby, *ele está morto*.

Ele ficou em silêncio e olhou para o local que ela assinalava com a ponta do dedo. Ele então deu a volta na escrivaninha.

- Mas o que está acontecendo aqui? Quando isso aconteceu?
- Neste instante. Conversávamos e de repente ele desfaleceu. Pode ter sido o coração... Sr. Selby posso me sentar?

— Ah, vá em frente. Idiota. Não você, ele. Por que não teve a decência de morrer no chão da própria casa? Suponho que esteja morto. Você verificou?

- Não creio que ele ainda esteja vivo.

O sr. Selby virou o corpo e perscrutou os olhos do homem, que estavam desagradavelmente virados para cima. Sally nada disse.

— Mortinho da silva — disse o sr. Selby. — Tenho que ligar para a polícia agora, suponho. Maldição. O que você queria aqui, afinal? Já empacotaram tudo do seu pai e mandaram para o advogado. Não há nada aqui para você.

Algo impeliu Sally a agir com cautela. Ela retirou um lenço de pano e com ele apalpou os olhos.

- Eu, eu apenas queria visitar o escritório de meu pai — comentou.

O sr. Selby soltou um resmungo desconfiado, abriu a porta e ordenou aos gritos que o porteiro chamasse um policial. Um escrevente que passava pela porta, carregado de livros de contabilidade, olhou para dentro da sala e esticou o pescoço. Sally se levantou.

- Posso ir embora agora?

— Provavelmente, não — respondeu o sr. Selby. — Você é uma testemunha. Terá que dar seu nome e endereço, e então aparecer para dar seu depoimento. O que veio fazer no escritório, afinal de contas?

Sally fungou sonoramente e exagerou ao enxugar os olhos com o lenço. Ficou na dúvida se deveria arriscar um choro. Queria ir embora dali para pensar; também começava a ter medo da curiosidade deste homem pequeno e feroz. Caso a menção das Sete Bênçãos tivesse realmente matado o sr. Higgs, não tinha nenhum desejo de pôr à prova a reação do sr. Selby.

Chorar era uma boa ideia. O sr. Selby não pareceu sensível o suficiente para suspeitar do fingimento e a dispensou com um abano desdenhoso de mãos.

— Ora, vá e fique na portaria — ele disse com impaciência. — O policial vai querer lhe falar, mas não tem por que ficar aqui choramingando. Desça, vá.

Ela se retirou. No corredor, um grupo de funcionários a olhava com enorme curiosidade.

Na portaria, ela encontrou o aprendiz de escritório recuperando sua revista, que estava atrás da caixa postal.

— Tá tudo bem — ele disse. — Num vou te entregar. Ouvi quando você matou o velho Higgsey, mas num vô contá pra eles.

— Eu não o matei! — ela refutou.

— Claro que matou. Escutei pela porta.

— Você estava escutando? Isto é horrível.

— Num foi minha intenção. Me deu uma canseira de repente e me apoiei na porta. Num sei como, as palavras atravessaram a porta — disse com um sorriso malicioso. — Morreu de susto, o velho Higgsey. Mortinho da silva de pavor. Seja lá o que seja isso de Sete Bênçãos, ele sabia muito bem o que é. Acho bom você tomar cuidado para quem vai perguntar isso.

Ela se sentou na cadeira do porteiro.

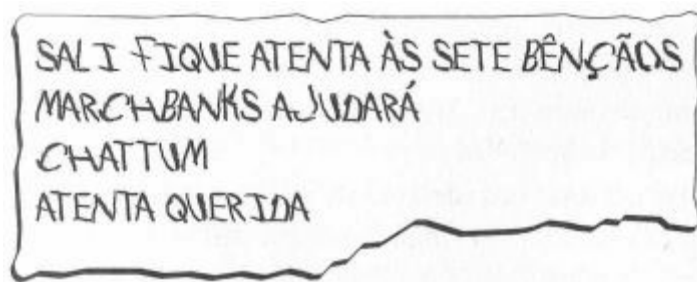
— Simplesmente não sei o que fazer — ela disse.

— A respeito do quê?

Ela estudou os olhos brilhantes e o rosto determinado e decidiu confiar nele.

— Sobre isso — disse. — Chegou nesta manhã. — Ela abriu sua bolsa e tirou uma carta amassada de dentro. — Foi postada em Cingapura. Esse foi o ultimo lugar em que meu pai esteve antes de seu navio afundar... Mas a letra não é dele. Não sei de quem é.

Jim a abriu. A carta dizia:



SALLY FIQUE ATENTA ÀS SETE BÊNÇÃOS
MARCHBANKS AJUDARÁ
CHATTUM
ATENTA QUERIDA

— Nossa — ele disse. — Acredite, ele não sabe soletrar.

— O meu nome, quer dizer?

— Qual o seu nome?

— Sally.

— Não, isto. — Ele apontou para o nome CHATTUM.

— O que pode significar isso? Você sabe?

— C-H-A-T-H-A-M, claro. Chatham, em Kent.

— É provável que seja.

— E esse Marchbanks mora lá. Aposto. É por isso que escreveu isso. Olha — ele disse, vendo que Sally olhava para cima —, não se preocupe pelo velho Higgsey. Se não fosse você, outra pessoa teria feito essa pergunta, mais cedo ou mais tarde. Ele tinha rabo preso. É coisa certa. E o velho Selby também tem. Não disse nada pra ele, disse?

Sally balançou a cabeça negativamente.

— Apenas a você. Mas nem mesmo sei seu nome.

— Jim Taylor. E se quiser me achar, estou no Edifício Fortuna, número 13, em Clerkenwell. Conte comigo.

— Faria isso de verdade?

— Pode apostar.

— Bem, se... Se souber de algo, escreva-me, aos cuidados do sr. Temple, da Lincoln's Inn.

A porta se abriu e o porteiro entrou.

— Está bem, senhorita? — ele perguntou. — Que incidente horroroso... Ei, você — ele disse a Jim —, pare de rabugice. O policial quer que tragam um doutor para certificar a morte. Vá, dê o fora e ache um médico.

Jim piscou para Sally e saiu. O porteiro se dirigiu à caixa postal e praguejou ao ver que nada havia atrás do recipiente.

— Jovem patife — murmurou —, devia ter desconfiado. A senhorita gostaria de uma xícara de chá? Aposto que o sr. Selby não pensou nisso, certo?

— Não, obrigada. Preciso ir. Minha tia já deve estar preocupada... O policial deseja me ver?

— Acredito que vai querer vê-la em breve. Ele descera quando quiser lhe falar. O quê, bom, como foi que o sr. Higgs...

— Falávamos sobre o meu pai — disse Sally. — E de repente ele...

— Coração frágil — disse o porteiro. — Meu irmão também foi tirado de nós da mesma maneira, no Natal passado. Comeu muito no jantar e acendeu um charuto, e caiu de cara na tigela com nozes. Oh, peço que me perdoe, senhorita. Não tive a intenção de insistir neste assunto.

Sally balançou a cabeça negativamente. Logo depois, o policial apareceu, anotou seu nome e endereço e se retirou. Ela permaneceu com o porteiro por mais alguns minutos; porém, se lembrando do que Jim a advertira, nada comentou sobre a carta enviada das Índias Orientais. Uma pena, pois, quem sabe, ele poderia ter lhe dito algo a respeito.



Logo, Sally não teve a intenção de matar — apesar da arma que levada na bolsa. A real causa da morte do sr. Higgs, a carta, chegara somente naquela manhã, através do advogado da residência na praça Peveril, Islington, onde Sally estava morando. A casa pertencia a uma parenta distante de seu pai, uma viúva chamada sra. Rees; Sally morava lá desde agosto e estava insatisfeita com isso. No entanto, não tinha escolha — a sra. Rees era sua única familiar viva.

O pai de Sally morrera três meses antes, quando a escuna *Lavinia* afundou no mar do Sul da China. Ele precisou ir até lá para investigar estranhas disparidades nos relatórios de comissários da empresa no Extremo Oriente. Era necessário realizar uma averiguação *in loco*, não havia como apurar de Londres. Ele a alertou que poderia ser perigoso.

— Quero conversar com nosso responsável em Cingapura — disse o pai.
— Trata-se de um holandês chamado Van Eeden. Sei que ele é confiável. Se por algum motivo eu não voltar, ele saberá lhe informar a razão.

— Não poderia enviar outra pessoa?

— Não, a empresa é minha, devo ir pessoalmente.

— Mas, pai, o senhor *tem que* voltar!

— Claro, voltarei. Entretanto, você precisa estar preparada para qualquer eventualidade. Sei que você será forte e valente. Mantenha a pólvora seca, minha garotinha, e pense em sua mãe...

A mãe de Sally morrera durante o Motim Indiano, havia 15 anos — com um tiro no coração, disparado do rifle de um sipai indiano, no mesmo instante em que a bala da pistola dela o matou. Sally tinha poucos meses de vida — a única filha do casal. A mãe fora uma jovem indomável, impetuosa e romântica, que montava como um cossaco, atirava como um campeão e fumava (para a indignação do fascinado Regimento) um charuto com uma piteira de marfim. Era canhota, motivo pelo qual segurava a arma com a mão esquerda e abraçava Sally com a direita, e também razão pela qual a bala que atingiu seu coração não acertou o bebê, mas passou de raspão pelo bracinho, deixando uma cicatriz. Sally não conseguia se lembrar da mãe, mas a amava. E desde então ela fora criada pelo pai — excentricamente, na visão de alguns intrometidos. Entretanto, a saída do capitão Matthew Lockhart da Marinha para assumir a inauspiciosa carreira de comissário de navio mercante já era algo bastante excêntrico. Era o próprio sr. Lockhart quem ministrava as lições para a filha, todo fim de tarde, e a deixava fazer o que bem entendesse durante o dia. Consequentemente, seus conhecimentos de literatura inglesa, de francês, história, arte e música eram inexistentes, embora tivesse um entendimento profundo de táticas

militares e livros de contabilidade, familiaridade com assuntos relacionados à Bolsa de Valores e noções de hindustâni. Além disso, montava bem (embora seu pônei não obedecesse aos procedimentos cossacos); e para seu aniversário de 14 anos, o pai comprou uma pequena pistola belga, que ela levava consigo aonde fosse, e a ensinou a atirar. Agora, ela era tão boa atiradora quanto a mãe. Era muito solitária, porém perfeitamente feliz; a única coisa negativa na infância fora o Pesadelo.

Este aparecia uma ou duas vezes ao ano. Ela se sentia como se estivesse sufocando, e o calor era intolerável — a escuridão intensa — e de algum lugar escutava um homem gritando de uma terrível agonia. Então, da escuridão surgia uma luz oscilante, como uma vela suspensa por alguém que corre a seu encontro, e outra voz gritava:

— Olhe! Olhe para ele! Meu Deus! Olhe...

Mas ela não queria olhar. Era a última coisa no mundo que desejava fazer, e era aí que ela acordava, ensopada de suor, ofegante e aos prantos. O pai vinha correndo, a acalmava e logo ela voltava a dormir; ainda assim, ela demorava um ou dois dias até esquecer.

Então chegou o dia da viagem do pai, as semanas de separação, e finalmente o telegrama comunicando sua morte. Imediatamente, o advogado do pai, sr. Temple, se encarregou de tudo. A casa de Norwood foi fechada, os empregados despedidos e o pônei vendido. Aparentemente, havia uma irregularidade no testamento do pai ou no fundo que ele criara, e, conseqüentemente, Sally ficaria muito mais pobre do que qualquer um poderia ter imaginado. Ela ficou sob os cuidados da prima de segundo grau do pai, a sra. Rees, e lá vivera até esta manhã, quando chegou a carta.

Antes de abrir, Sally tinha quase certeza de que o remetente era o comissário holandês, o sr. Van Eeden. No entanto, o papel estava rasgado e a letra era confusa, como se escrita por uma criança; certamente, um homem de negócios europeu não escreveria assim! Além disso, não estava assinada. Ela fora ao escritório do pai na esperança de que alguém soubesse do que se tratava o conteúdo da carta. E descobrira que alguém sabia.

Pegou um ônibus de três centavos para voltar à praça Peveril (não considerava o lugar seu lar) e se preparou para encarar a sra. Rees.



Não lhe fora dada a chave da casa. Era uma das formas encontradas pela sra. Rees para que Sally não se sentisse bem-vinda. Ela tinha que tocar a campainha sempre que quisesse entrar na residência e a empregada que lhe abria a porta sempre

o fazia com uma cara de quem havia sido interrompida em uma tarefa mais importante.

— A sra. Rees está na sala de estar, senhorita — disse afetadamente. — Ela pediu que a senhorita fosse vê-la assim que chegasse.

Sally a encontrou sentada perto da lareira de fogo fraco, lendo um volume dos sermões do falecido marido. Não ergueu os olhos quando a menina entrou na sala, e Sally olhou com desprezo os cabelos ruivos e soltos, a pele branca como a de um defunto. A sra. Rees ainda não passara dos 40 anos, porém havia descoberto cedo na vida que o papel de velha tirana lhe servia, papel que ela interpretava primorosamente. Se comportava como uma frágil senhora de 70 anos. Nunca movera um dedo para fazer alguma coisa ou tivera um pensamento bom a respeito dos demais. E aceitara a presença de Sally apenas para ter a quem amedrontar e importunar. A menina ficou parada em frente à lareira, esperou, e finalmente se manifestou.

— Desculpe-me pelo atraso, sra. Rees, mas...

— Oh, tia Caroline, tia Caroline — disse a dona da casa, irritada. — Meu advogado me informou que sou sua tia. Não esperava por isso. Não desejava isso; mas não devo me intimidar diante disso. — Sua voz era lamurienta e estridente, pensou Sally; e tão arrastada...

— A criada me disse que a senhora queria falar comigo, tia Caroline.

— Tenho me empenhado, sem muito êxito, sobre seu futuro. Você tem a intenção de ficar sob os meus cuidados para sempre, me pergunto? Ou cinco anos seriam suficientes, ou dez? Estou meramente tentando estabelecer um prazo. Está evidente que você não tem perspectiva de vida, Verônica. Pergunto-me se isso já passou pela sua cabeça. Que habilidades você tem?

Sally detestava o nome Verônica, mas a sra. Rees achava que Sally era nome de criada e se recusava a chamá-la por seu nome verdadeiro. Ela ficou muda, incapaz de pensar em uma resposta que pudesse ser educada, e notou que as mãos começavam a tremer.

— A srta. Lockhart está se dedicando com afínco em se comunicar através de telepatia, Ellen — disse a sra. Rees à empregada, que se encontrava na soleira da porta, subservientemente, com as mãos entrelaçadas, os olhos arregalados e abobalhados.

— Suponho que devo entendê-la sem o uso da fala. Minha educação, ai de mim, não me instruiu para tão difícil tarefa. Na minha época, usávamos com frequência as palavras para nos comunicarmos. Falávamos quando nos dirigiam a palavra, por exemplo.

— Infelizmente, não tenho... habilidades, tia Caroline — disse Sally em voz baixa.

— Nenhuma, com exceção da modéstia, quis insinuar? Ou é a modéstia a primeira de uma extensa lista? Certamente, um cavalheiro como seu falecido pai não haveria de deixá-la tão despreparada para a vida, ou haveria?

Sally balançou a cabeça negativamente, impotente. Primeiro a morte do sr. Higgs, e agora isso...

— Foi o que pensei — falou a sra. Rees, reluzente pelo triunfo irrelevante. — Então mesmo a modesta meta de governanta é ambiciosa demais para você. Devemos pensar em algo ainda mais modesto. Possivelmente, uma de minhas amigas, a srta. Tullett, quiçá, ou a sra. Ringwood, poderão fazer a caridade de hospedá-la como dama de companhia. Irei consultá-las. Ellen, pode trazer o chá.

A empregada fez um leve aceno e se retirou. Sally se sentou com o coração amargurado, antecipando mais um fim de tarde de sarcasmo e malícia, pressentindo o mistério e o perigo que a espreitavam do lado de fora.



A TEIA

Vários dias se passaram. Foi aberto um inquérito e Sally foi chamada a depor. A sra. Rees havia combinado (por mera casualidade) uma visita à grande amiga srta. Tullett naquela manhã e considerou o inconveniente dos mais vexatórios. Sally foi bastante sincera ao responder às perguntas do médico-legista: conversava com o sr. Higgs sobre o pai, ela contou, quando de repente ele morreu. Ninguém a pressionou a fundo. Aos poucos ela ia aprendendo que ao se passar por frágil e acuada, esfregando levemente o lenço sobre os olhos, conseguia se esquivar de todo tipo de pergunta embaraçosa. Detestava ter que fazer isso, mas não tinha nenhuma outra arma de defesa — com exceção da pistola. E esta não tinha serventia contra um inimigo que não podia ver.

No final, ninguém pareceu surpreso pela morte do sr. Higgs. Morte por causas naturais foi o veredito deliberado; a conclusão do médico-legista foi fraqueza do coração e o caso foi encerrado em menos de meia hora. Sally voltou para Islington; a vida voltou ao normal.

Com uma diferença: sem saber, ela havia estremecido a beira da teia e despertado a aranha que dormia no cerne da trama. Agora, enquanto Sally permanecia alheia ao que se passava (sentada no inóspito salão de visitas da srta. Tullett, ouvindo-a conversar furtivamente com a sra. Rees, aos sussurros, sobre seus problemas), três eventos aconteciam; cada um deles iria estremecer a teia um pouco mais e atrair o olhar da aranha em direção a Londres e na direção de Sally.

O primeiro: um senhor em uma casa fria lia um jornal.

O segundo: uma velha — como poderíamos chamá-la até conhecê-la melhor? Daremos a ela o benefício da dúvida e a chamaremos de senhora —, uma velha senhora oferecia chá a um advogado.

O terceiro: um marinheiro em circunstâncias desagradáveis desembarcou em terra firme, nas Docas Índia Oriental, e procurava uma estalagem.



O senhor em questão (seus criados, na época em que tinha um grande número de empregados, chegaram a chamá-lo de major) vivia à beira-mar, com a lúgubre paisagem de uma extensão de terra que alagava na maré alta, ficava enlameada na maré baixa, e sempre desolada. A casa estava praticamente vazia, com exceção do básico necessário para viver, pois a fortuna do major tinha sofrido uma perda considerável. E agora estava chegando ao fim. Nessa tarde, ele se sentou perto da janela saliente em sua fria sala de estar. O quarto estava ao norte, com vista para a enfadonha imensidão de água; cinza e frio como estava, algo o atraía constantemente a esse lado da casa, para observar as ondas e os navios que passavam ao longe. Mas, nesse momento, ele não estava olhando para o mar, estava lendo um jornal emprestado pela única criada que restava — uma cozinheira-governanta tão consumida pela bebida e desonestidade que mais ninguém a empregaria.

Desinteressado, ele virava as páginas, erguendo o jornal de frente para a claridade desbotada do dia, como se protelasse ao máximo o dispêndio de ter de acender a luz. Os olhos passeavam pelos artigos sem qualquer sinal de interesse ou expectativa — até notar repentinamente uma história numa das páginas internas da publicação, que o fez se apressar no assento.

O parágrafo que mais lhe chamou a atenção dizia:

A única testemunha deste triste incidente foi a srta. Verônica Lockhart, filha do falecido Matthew Lockhart, que fora sócio da companhia. A própria morte do senhor Lockhart, ocorrida no naufrágio da escuna *Lavinia*, foi reportada nestas páginas em agosto passado.

Ele leu o texto duas vezes, e esfregou os olhos. Então se levantou e foi escrever uma carta.

Além da Torre de Londres, entre as Docas Santa Catarina e a Nova Bacia Shadwell, está localizada a região conhecida como Wapping; um bairro de estaleiros e armazéns, de prédios decadentes e vielas cheias de ratos, ruas estreitas, com casas sem varandas, rodeadas por vigas descobertas e grosseiras, cabos e polés. As paredes de tijolos opacos de apenas um andar e os aparatos de aparência

desagradável pendurados acima atribuem ao lugar uma atmosfera de masmorra medonha vinda de um pesadelo, enquanto a luz, filtrada e entorpecida pela sujeira do lugar, parece vir de longe — como se chegasse através de uma janela alta com grades.

De todas as encardidas esquinas de Wapping, nenhuma era mais suja que as do Acoradouro do Carrasco. Apesar do nome, seus tempos de ancoradouro há muito haviam passado. Agora o local consistia em um labirinto de casas e comércios, com os fundos praticamente suspensos sobre a encosta do rio — uma loja náutica, uma casa de penhores, uma loja de tortas, um pub chamado Marquês de Granby e uma estalagem.

Estalagem, em East End, é uma palavra que cobre uma variedade de horrores. O pior deles significa: um quarto repleto de umidade e ar peçonhento, com uma corda estendida cortando o centro. Aqueles há muito devastados pela bebida e miséria pagam uma ninharia pelo privilégio de desabar sobre uma dessas cordas para evitarem o chão enquanto dormem. No melhor dos sentidos, quer dizer um local decente e limpo onde trocam a roupa de cama quando lembram. Em algum lugar entre essas duas classificações está a Estalagem Holland. Lá, uma noite de sono custa três centavos, uma cama individual custa quatro, um quarto individual, seis e o café da manhã, um centavo. Você nunca ficava sozinho na Estalagem Holland. Se as pulgas desdenhassem do seu sangue, os percevejos não se fariam de esnobes. Eram capazes de tirar uma casquinha de qualquer um.

A este estabelecimento se dirigiu Jeremiah Blyth, um robusto e sombrio advogado de Hoxton. Ele havia feito negócios com o dono da pensão fora dali; era sua primeira vez no Acoradouro do Carrasco.

Ao bater na porta, uma criança apareceu para abri-la — uma criança que, naquela tarde escura, parecia ter apenas um par de enormes olhos negros. Ela entreabriu a porta e sussurrou:

— Sim, senhor?

— Me chamo sr. Jeremiah Blyth — disse o visitante. — A sra. Holland me aguarda.

A criança então abriu a porta o suficiente para que ele pudesse passar, em seguida pareceu esfumaçar-se em meio à escuridão do corredor.

O sr. Blyth entrou e dedilhou os dedos sobre a ponta do chapéu, enquanto olhava para a gravura empoeirada da *Morte de Nelson*, e procurou não conjecturar a origem das manchas no teto.

Logo, seguido por um odor de repolho cozido e gato velho, arrastando os pés, a dona da casa entrou no recinto. Era uma mulher velha e enrugada, de bochechas chupadas, lábios pregados e olhos brilhantes. Ao cumprimentar o visitante, ela estendeu a mão que aparentava ter garras e disse algo — porém parecia

falar em turco, pois o sr. Blyth nada compreendeu.

— Perdão, senhora? Não entendi...

Ela emitiu um som que parecia um cacarejo e se dirigiu a uma apertada sala de visitas, onde o fedor de gato velho era ainda mais nauseabundo e impregnante. Uma vez que a porta se fechou, ela abriu uma pequena lata que estava sobre a bancada da lareira e tirou de dentro dela a dentadura postiça, encaixando-a na boca enrugada, estalando os lábios sobre os dentes falsos. Eram grandes demais e ficavam absolutamente horríveis nela.

— Bem melhor — ela disse. — Nunca lembro de botar. Eram de meu pobre marido. Marfim legítimo. Feitos para ele, lá do Oriente, 25 anos atrás. Olhe que acabamento de primeira!

Ela escancarou as presas amarronzadas e as gengivas cinza, como um animal prestes a atacar. O sr. Blyth deu um passo para trás.

— E quando ele morreu, pobre-diabo — continuou —, iam para a cova com ele, já que foi tudo tão rápido. Cólera. Ele foi embora em uma semana, pobrezinho. Mas eu arranquei da boca dele antes que fechassem a tampa do caixão. Ainda têm muitos anos pela frente esses dentes, pensei.

O sr. Blyth engoliu com dificuldade.

— Sente-se — ela disse. — Fique à vontade. Adelaide!

A criança se materializou. Era improvável, pensou o sr. Blyth, que a menina tivesse mais de 9 anos, e por isso, perante a lei, deveria estar na escola — visto que as novas Juntas Escolares haviam sido criadas apenas dois anos antes, tornando obrigatório o ensino para crianças menores de 13 anos. Entretanto, a consciência do sr. Blyth era tão vazia quanto a da criança — inconsistente demais para indagar, muito menos para protestar. Desta forma, tanto ele quanto a criança se mantiveram calados com suas consciências, enquanto a sra. Holland pedia o chá. E em seguida a menina se escafedeu novamente.

Voltando-se para o visitante, a sra. Holland se inclinou para mais perto, deu um tapinha no joelho dele e disse:

— Pois bem? Está com a dita, num tá? Vamos, não seja tímido, sr. Blyth, abra sua mala e compartilhe com a velha senhora seu segredo.

— Fale baixo, fale baixo — disse o advogado. — Embora não haja, teoricamente, segredo algum, obviamente, nosso acordo tendo sido feito em termos perfeitamente legais...

A voz do sr. Blyth costumava falhar no meio do caminho, em vez de terminar ao fim de cada discurso; parecia sugerir que ele estava sempre aberto a propostas alternativas que pudessem ser feitas no último minuto. A senhora concordava com a cabeça veementemente.

— Pois muito bem — ela disse. — Tudo preto no branco, às claras. Nada

de trapanças, nada disso. Continue, sr. Blyth.

O sr. Blyth abriu a maleta de couro e tirou uns papéis.

— Estive em Swaleness na última quarta-feira — ele disse — e formalizei o acordo com o cavalheiro nos termos que eu e a senhora havíamos discutido previamente em nosso último encontro...

Ele fez uma pausa ao ver que Adelaide entrava na sala carregando uma bandeja com o chá. Ela colocou a bandeja sobre uma mesinha empoeirada, fez uma reverência para a sra. Holland e, sem dizer uma palavra, se retirou. Enquanto a senhora se servia, o sr. Blyth prosseguiu seu discurso.

— Os termos... Naturalmente. O item em questão deve ser depositado no Hammond & Whitgrove, banqueiros, na rua Winchester...

— O item em questão? Não seja tímido, sr. Blyth. Vamos logo com isso.

Ele parecia extremamente constrangido em ter de dar nome às coisas. Ele abaixou a voz, se inclinou para a frente no assento e espreitou ao redor antes de falar.

— O... é... O Rubi será depositado no banco Hammond & Whitgrove, e lá permanecerá enquanto o cavalheiro viver. E depois disso, nos termos da herança dele, devidamente testemunhados por mim... ah... e pela sra. Thorpe.

— Quem é essa? Uma vizinha?

— É a servente, madame. Não é totalmente confiável. Bebe, pelo que sei. Mas sua assinatura, claro, é válida. A-ham... O Rubi permanecerá, como já disse, com Hammond & Whitgrove até a morte do cavalheiro, quando então passará a ser de propriedade da senhora...

— E isso é legal, não é?

— Perfeitamente, sra. Holland...

— Nada de joguinhos sujos. Surpresas de última hora?

— Nada disso, madame. Tenho aqui a cópia do documento assinado pelo próprio cavalheiro. Previne-se, como pode ver, de qualquer... ah... eventualidade...

Ela tomou o papel da mão dele e o esmiuçou avidamente.

— Me parece conforme — ela disse. — Muito bem, sr. Blyth. Sou uma mulher justa. O senhor fez um bom trabalho. Pagarei seus honorários. Quanto é a dolorosa?

— Dolorosa, madame? Oh... ah... sim, claro. Meu funcionário está preparando a conta. Farei com que seja enviada à senhora tão logo seja possível.

Quinze minutos se passaram ou um pouco mais que isso até ele ir embora. Após Adelaide o encaminhar até a porta da saída, fazendo tanto barulho quanto uma sombra, a sra. Holland permaneceu na sala de estar mais um tempo relendo o documento deixado pelo advogado. Então guardou a dentadura, depois de enxaguá-la no bule de chá, vestiu o manto e saiu para conhecer as dependências do banco



O terceiro de nossos novos conhecidos se chamava Matthew Bedwell. Ele fora segundo-oficial de um navio mercante no Extremo Oriente. No entanto, isso havia sido um ou mais anos atrás. No momento ele se encontrava em estado deplorável.

Vagava pelo labirinto de ruas sombrias nas proximidades das Docas Índia Ocidental, com uma mochila a tiracolo e uma jaqueta apertada e fina demais para se proteger do frio — que ele mal sentia, sem energia para procurar algo mais quente para vestir.

No bolso, levava um pedaço de papel com um endereço, que tirava amiúde para conferir o nome da rua onde estava, e em seguida o guardar novamente e retomar a caminhada. Quem o estivesse observando acharia que ele estava bêbado. Entretanto, não havia cheiro de álcool ao seu redor, sua fala não era enrolada e seus movimentos não eram estabaneados. Um observador mais compassivo suspeitaria que ele estivesse doente ou com dor. Esta suposição seria a mais próxima da realidade. Mas se alguém conseguisse entrar em sua mente, sentindo o caos que reinava nesse lugar escuro, acharia extraordinário que ele simplesmente conseguisse seguir adiante. Havia duas ideias fixas em sua cabeça: uma que o havia trazido até Londres após 19 mil quilômetros de viagem, outra contra a qual havia lutado desde o primeiro milímetro do caminho.

Então ocorreu que a segunda quase subjugou a primeira.

Bedwell passava por uma viela em Limehouse — local claustrofóbico e tosco, com paredes de tijolos sujos, cobertos de fuligem e caindo aos pedaços pela umidade — quando avistou uma porta aberta e um senhor agachado, imóvel, na soleira. O velho era chinês. Ele observava Bedwell, e quando este passou o senhor acenou de leve com a cabeça e disse:

— Querer fumaça?

Bedwell sentiu cada célula de seu corpo se contorcer na direção da porta. Ele oscilou e fechou os olhos.

— Não. Não querer.

— Fumaça de primeira — disse o chinês.

— Não. Não — repetiu Bedwell, que se forçou a mover adiante e para fora do beco. Uma vez mais consultou o pedaço de papel, uma vez mais, caminhou uns 90 metros antes de repetir a ação. Devagar e certo ele seguiu seu rumo ao oeste através de Limehouse e Shadwell, até se encontrar em Wapping. Outra consulta e

então uma pausa. A luz do dia esmorecia, pouco lhe restava de forças. Havia um bar próximo, o brilho amarelo do letreiro realçava a pálida calçada e o atraía como a uma mariposa.

Ele pagou por uma dose de gim e o tomou como se fosse remédio — desagradável, porém necessário. Não, decidiu, não seguiria adiante naquela noite.

— Estou procurando uma estalagem — falou à atendente do bar. — Há a chance de encontrar alguma aqui por perto?

— A duas portas daqui — disse a garçonete. — É da sra. Holland. Mas...

— Serve — disse Bedwell. — Holland. Sra. Holland. Lembrarei do nome.

Ele ajeitou a mochila no ombro.

— Você está bem, querido? — perguntou a garçonete. — Não está com uma aparência muito boa. Tome uma dose de gim por conta da casa. Pode tomar.

Ele fez que não com a cabeça e saiu do recinto.



Adelaide abriu a porta ao chamado e o acompanhou em silêncio até o quarto nos fundos da casa, de frente para o rio. As paredes estavam tomadas pela umidade, a cama estava imunda, mas ele não se importava. Adelaide lhe deu um pedaço de vela e o deixou; e tão logo a porta se fechou, ajoelhou-se e abriu a mochila furiosamente. Por alguns minutos suas mãos trêmulas estiveram bastante ocupadas — em seguida se deitou na cama, respirou fundo e sentiu tudo se dissolver e dissipar no esquecimento. Pouco depois, ele estava perdido em sono profundo. Nada o acordaria pelas próximas 24 horas. Ele estava a salvo.

Mas ele havia quase se rendido em Limehouse; o chinês, a fumaça... No covil do ópio, claro. E Bedwell era um escravo da poderosa droga.

Adormeceu, e com ele dormiu algo de grande importância para Sally.



O CAVALHEIRO DE KENT

Três noites depois, Sally teve o Pesadelo novamente. E no entanto não era um pesadelo, dizia para si mesma, era real demais... Aquele calor terrível.

Não conseguia se mover — suas mãos e seus pés estavam presos na escuridão... Passos.

E os gritos, ecoando tão repentinamente, e tão próximo dela! Gritos intermináveis e mais gritos.

A luz. Tremulando em sua direção. Um rosto ao fundo — dois rostos — lençóis brancos com bocas abertas de horror — nada mais.

Vozes vindas da escuridão:

— Olhe! Olhe para ele! Meu Deus...

E então ela acordou.

Ou melhor, emergiu à superfície como uma nadadora tomada pelo pavor de se afogar. Ouviu a si mesma soluçar e arfar, e recordou: não há pai. Você está sozinha. Precisa se virar sem ele. Precisa ser forte.

Com grande esforço ela controlou o choro. Se desvencilhou da roupa de cama sufocante e deixou que o ar frio da noite a invadissem até deixá-la arrepiada. Apenas quando já estava bem e tremendo de frio, o calor do pesadelo passou, ela se cobriu novamente. Mas isso foi bem antes de conseguir adormecer.



Na manhã seguinte, outra carta chegou. Sally escapou da sra. Rees tão logo terminaram o café da manhã e abriu a carta em seu quarto. Assim como a carta anterior, tinha escrita culta e fora enviada pelo advogado, porém o selo dessa vez era britânico. Ela tirou a única folha de papel barato do envelope — e se sentou concentrada.

Casa Foreland
Swaleness
Kent

10 de outubro de 1872.

Cara srta. Lockhart,

Não nos conhecemos — a senhorita nunca ouviu o meu nome —, e apenas o fato de que, há muitos anos, eu conheci bem o seu pai explica o motivo pelo qual lhe escrevo. Li no jornal sobre o triste incidente em Cheapside e me lembrei de que o sr. Temple de Lincoln's Inn era o advogado de seu pai. Eu espero que esta carta chegue até a senhorita. Entendo que seu pai já não se encontra entre os seus; por favor, aceite minhas sinceras condolências.

No entanto, a morte de Lockhart e certas circunstâncias que envolvem recentes acontecimentos que me dizem respeito exigem que lhe fale com urgência. No momento não posso dizer nada a não ser três pontos: primeiramente, que se refere ao Cerco de Lucknow; segundo, que um item de incalculável valor está em jogo; e, finalmente, que a senhorita corre extremo perigo.

Por favor, srta. Lockhart, tome cuidado, e leve a sério esta advertência. Em nome da amizade que tinha com seu pai — pelo bem de sua vida —, venha assim que puder e escute o que tenho a dizer. Tenho motivos para não poder ir a seu encontro. Permita identificar-me como um dia já fui, sem o seu conhecimento, durante toda sua vida, isto é,

Seu bom amigo,
George Marchbanks.

Sally leu a carta duas vezes, indescritivelmente atônita. Se seu pai e o sr. Marchbanks haviam sido amigos, como então ela nunca ouvira esse nome antes de receber a carta do Extremo Oriente? E que perigo era esse?

As Sete Bênçãos...

Claro! Ele devia saber o que o pai descobrira. O pai escrevera para ele, imaginando que a carta estaria segura lá.

Tinha pouco dinheiro na bolsa. Vestiu o manto, desceu ao primeiro andar silenciosamente e saiu da casa.

Sentou-se no trem, se sentindo como no início de uma operação militar. Sabia que seu pai teria planejado tudo friamente, demarcado linhas de comunicação e locais seguros, e criado alianças; então ela precisava fazer o mesmo.

O sr. Marchbanks se dizia um aliado. No mínimo, ele teria algo a contar. Nada era pior do que não saber o perigo que a cercava...

Ela observou a margem cinzenta da cidade dar lugar à extremidade cinzenta da zona rural e fitou atentamente o mar à sua esquerda. Nunca havia menos de cinco ou seis navios visíveis, navegando contra e o vento forte do leste, rumo à embocadura do rio Tâmis ou avançando trabalhosamente no coração do rio.

A cidade de Swaleness não era muito grande. Ela decidiu não tomar uma carruagem de aluguel da estação, mas poupar seu dinheiro e ir caminhando, depois de descobrir pelo cabineiro do trem que o caminho era curto até a Casa do Promontório — pouco mais de um quilômetro; ao longo da orla e então seguindo o curso do rio, disse ele. Ela não perdeu tempo. A cidade era sem graça e fria, o rio era estreito e lamacento, e serpenteava por entre salinas antes de desembocar no horizonte distante e cinza que era o mar. A maré estava baixa; a paisagem era desoladora. Via-se apenas um único ser humano.

Era um fotógrafo. Ele havia posicionado a câmera, acoplada à câmara escura portátil que os fotógrafos da época precisavam usar, bem no meio da estreita passagem à beira do rio. Parecia ser um jovem cordial, e como ela ainda não vira sinal de promontório, muito menos de uma casa, decidiu pedir informação a ele.

— A senhorita é a segunda pessoa indo para lá — ele disse. — A casa fica para aqueles lados, naquele vale estreito. — Ele apontou na direção de um bosque de árvores atrofiadas uns 800 metros adiante.

— Quem era a outra pessoa? — perguntou Sally.

— Uma senhora que mais parecia uma das bruxas de *Macbeth*, — ele disse. Sally não compreendeu a alusão, e ao notar que ela ficara confusa, ele prosseguiu. — Enrugada, sabe, e horrível, e por aí vai.

— Ah, sim, entendo.

— Meu cartão — disse o jovem. Primorosamente, ele surgira com um cartão tirado de lugar algum, como um mágico. O cartão dizia *Frederick Garland, Artista Fotográfico*, e exibia um endereço de Londres. Ela voltou a olhar para ele, simpatizara com o rapaz. Seu rosto era bem-humorado, o cabelo castanho-claro era duro e desgrenhado, sua expressão era viva e astuta.

— Perdoe-me a pergunta — ela disse —, mas o que está fotografando?

— A paisagem — respondeu. — Não é das melhores, não é? Queria algo lúgubre, entende? Estou experimentando uma nova combinação de químicas. Tenho a impressão de que será mais sensível a esse tipo de luz do que a usual.

— Colódio — ela disse.

— Isso mesmo. Você é fotógrafa?

— Não, mas meu pai gostava muito... Enfim, preciso ir. Obrigada, sr. Garland.

Ele sorriu animadamente e se voltou para a câmera.

O caminho fez uma curva, seguindo a margem enlameada do rio, e

finalmente a levou até o bosque. Ali, como o fotógrafo descrevera, estava a casa — coberta de estuque descarnado e telhado com várias telhas faltando; e o quintal estava malconservado e coberto de mato. Nunca havia visto um lugar com aparência tão triste. Sentiu um leve calafrio.

Ela entrou na pequena varanda de entrada da casa e estava prestes a tocar a campainha quando a porta se abriu e um homem saiu lá de dentro.

Ele fez sinal de silêncio e fechou a porta, tomando todo o cuidado para não fazer barulho.

— Por favor — sussurrou. Nem uma palavra. Por aqui, rápido...

Sally o seguiu, surpresa, enquanto ele contornava rapidamente a casa até chegar a uma varanda envidraçada, na parte lateral. Ele fechou a porta, apurou os ouvidos e então estendeu a mão.

— Srta. Lockhart — disse —, sou o major Marchbanks.

Ela apertou as mãos dele. Já tinha uma certa idade, ela supôs, por volta de 60 anos. A face era amarelada e as roupas lhe eram largas demais. Os olhos eram escuros e belos, embora encobertos por profundas olheiras. Estranhamente, a voz lhe era familiar, e havia uma intensidade na expressão dele que a assustou, até perceber que ele também estava assustado; muito mais do que ela.

— Sua carta chegou hoje de manhã — ela disse. — Meu pai lhe escreveu e pediu que se encontrasse comigo?

— Não... — ele parecia surpreso.

— Então... a frase As Sete Bênçãos significa algo para o senhor?

A pergunta não surtiu qualquer efeito. O major Marchbanks permanecia pasmo.

— Desculpe-me — ele disse. — Você veio até aqui para me perguntar isso? Sinto muito. Ele... seu pai...?

Resumidamente, ela contou a ele sobre a última viagem do pai, sobre a carta do Extremo Oriente, e sobre a morte do sr. Higgs. Marchbanks levou a mão à sobancelha. Parecia absolutamente desconcertado e aturdido.

Havia uma pequena mesa de jogos na varanda e uma cadeira de madeira ao lado da porta. Ele ofereceu a ela a cadeira e então falou em voz baixa.

— Tenho um inimigo, srta. Lockhart, que agora é seu inimigo também. Ela... é uma mulher muito, muito má. Ela está na casa agora. E é por isso que temos que nos esconder aqui e você tem que ir embora logo. Seu pai...

— Mas por quê? O que fez a ela? Quem é ela?

— Por favor, não posso explicar agora. Mas o farei em breve, acredite. Não sei nada sobre a causa da morte de seu pai, nada sobre As Sete Bênçãos, nada sobre o mar do Sul da China, nada sobre o navio mercante. Ele não tinha como saber do demônio que recairia sobre mim e que agora... Não posso ajudá-la. Nada posso

fazer. A confiança dele foi confiada à pessoa errada. Outra vez.

— Outra vez?

Ela viu uma tristeza desesperada tomar forma no rosto dele. Era a expressão de um homem completamente sem esperança, e isso a assustou.

Ela só conseguia pensar na carta do Oriente.

— O senhor já morou em Chatham? — perguntou.

— Já, há muito tempo. Mas por favor, não há tempo. Tome isto.

Ele abriu uma gaveta da mesa e tirou um pacote embrulhado com papel marrom. Tinha mais ou menos 15 centímetros de comprimento e estava lacrado com cola de cera e atado com um barbante.

— Isso lhe explicará tudo. Talvez, visto que ele não lhe contou nada, eu também não deveria... Você terá um choque quando ler isso. Por favor, prepare-se psicologicamente. Mas sua vida está em perigo você sabendo ou não sobre isso, e pelo menos você entenderá o motivo.

Ela pegou o pacote. Suas mãos tremiam fortemente. Ele viu e, por um breve e peculiar momento, tomou as mãos dela nas dele e abaixou a cabeça até elas.

E então uma porta se abriu.

Ele se afastou bruscamente, lívido, e uma mulher de meia-idade olhou ao redor da porta.

— Major, ela está no terreno, senhor... no jardim.

Ela parecia tão infeliz quanto ele e exalava um odor forte de bebida. O major Marchbanks fez um sinal para Sally.

— Pela porta — ele disse. — Obrigado, sra. Thorpe. Rápido, agora...

A mulher ficou parada meio desengonçada e tentou sorrir enquanto Sally se espremia para passar por ela. O major a guiou rapidamente pela casa; ela notou os quartos vazios, o piso sem revestimento, ecos e umidade e penúria. O medo dele era contagioso.

— Por favor — ela pediu ao alcançarem a porta da frente —, quem é essa inimiga? Eu não sei de nada! Você ao menos precisa me dizer o nome dela...

— Ela se chama sra. Holland — sussurrou, abrindo uma fresta da porta. Ele espreitou por entre a abertura. — Por favor, eu lhe imploro, vá agora. Veio a pé? A senhorita é jovem, forte, rápida; não espere mais. Vá direto para a cidade. Oh, me desculpe... Me perdoe, me perdoe.

As súplicas foram intensamente declaradas, com um soluço no tom de voz.

Sally saiu e fechou a porta. Praticamente dez minutos após chegar ela partia novamente. Olhou a parede branca da casa descascando e se perguntou: estaria essa inimiga a observando?

Ela seguiu o rumo do caminho tomado pelo matagal, além do bosque de árvores escuras, e de volta à trilha do rio. A maré começava a subir; uma corrente

preguiçosa se misturava com a margem lamacenta da encosta do rio. Não havia sinal do fotógrafo, infelizmente. A paisagem estava completamente vazia.

Ela apressou o passo, preocupada com o pacote que levava na bolsa. Na metade do caminho ao longo do rio, parou e olhou para trás. O que a fez olhar, ela não soube explicar, porém ao fazê-lo avistou uma pequena figura entre as árvores; uma mulher, vestida de preto. Uma velha. Estava longe demais para que Sally pudesse vê-la com nitidez, mas ela corria atrás de Sally. Sua pequena forma preta era o único elemento significativo em meio a toda aquela imensidão cinza.

Sally acelerou até chegar à estrada principal e voltou a olhar para trás. Era como se o ponto preto avançasse com a maré. Ela já não estava tão atrás quanto antes e parecia que logo a alcançaria. Onde Sally poderia se esconder?

A estrada que levava até a cidade tinha uma leve curva, que se afastava do mar, e ela pensou que se pudesse tomar um caminho alternativo, enquanto estivesse fora de vista, talvez conseguisse.

Então viu algo ainda melhor. O fotógrafo encontrava-se à beira-mar ao lado de sua pequena barraca, consultando um instrumento qualquer. Ela olhou para trás. A pequena substância preta estava escondida ao final de um declive próximo a uma fileira de casas a beira-mar. Sally correu até o fotógrafo, que a olhou com surpresa e então sorriu com satisfação.

— É você — ele disse.

— Por favor — ela disse —, pode me ajudar?

— Claro. Com prazer. O que posso fazer?

— Estou sendo seguida. Aquela senhora, ela está atrás de mim. Ela é perigosa. Não sei o que fazer.

Os olhos dele brilharam de júbilo.

— Entre na barraca — disse, erguendo a aba da entrada da tenda. — Não se mexa ou vai derrubar tudo. Não repare no cheiro.

Ela fez o que ele pediu e ele abaixou a aba e a fechou com um laço. O cheiro era forte — algo como saís que despertam após um desmaio. A escuridão era completa.

— Não diga nada — ele disse em voz baixa. — Avisarei quando ela já tiver ido embora. Minha nossa, aí vem ela. Ela está cruzando a estrada, está vindo na nossa direção...

Sally ficou imóvel, ouvindo o cantar das gaivotas, o galope de cavalos e o girar de rodas ao passar uma carruagem pela estrada, e então os passos rápidos e bruscos de botas pesadas se aproximando. Elas pararam a poucos metros de distância.

— Com licença, senhor — disse a voz, uma voz de velha com respiração dificultosa e com estalido feito com a língua de um jeito esquisito.

— O quê? Como? — a voz de Garland ecoou abafada. — Espere um momento. Estou compondo uma foto. Não posso sair da câmara escura até que esteja pronta... Pronto — disse em tom mais nítido. — O que deseja, madame?

— O senhor viu uma jovem passar por aqui? Uma garota vestida de preto?

— Vi, sim. Estava cheia de pressa. Uma menina incrivelmente bonita, loura, seria essa?

— Só um belo cavalheiro como o senhor para reparar! Sim, é ela mesma, afortunada seja! O senhor viu para que lado ela foi?

— Na verdade, ela me perguntou como fazia para chegar a Swan. Disse que desejava tomar o trem de Ramsgate. Eu lhe informei que ela tinha dez minutos para pegá-lo.

— Swan, senhor? Onde fica isso?

Ele explicou o caminho, a senhora agradeceu e partiu.

— Não se mova — ele disse em voz baixa. — Ela ainda não virou a curva. Sinto em dizer que terá que aguentar o fedor mais um pouco.

— Obrigada — ela disse. — Embora não houvesse necessidade de me elogiar, como o fez.

— Ora. Tudo bem, retiro o que disse. Você é quase tão feia quanto ela. Mas, afinal, o que está acontecendo?

— Simplesmente, não sei. Estou metida em uma confusão horrorosa. Não posso lhe dizer o quê...

— Sssshhh!

Passos se aproximaram lentamente, passaram pela barraca e desapareceram.

— Um gordo com um cachorro — ele disse. — Já se foi.

— Já a perdeu de vista?

— Sim, ela desapareceu. Para Ramsgate, tomara.

— Posso sair?

Ele desfez o laço e abriu a aba.

— Obrigada — ela disse. — Devo lhe pagar pelo uso da barraca?

Ele arregalou os olhos. Por um instante Sally pensou que ele fosse cair na gargalhada, mas, educado, o rapaz recusou a sugestão. Ela percebeu que havia ruborizado. Não deveria ter oferecido dinheiro. Virou-se de costas bruscamente.

— Não vá — ele pediu. — Nem mesmo sei o seu nome. Este pagamento irei cobrar.

— Sally Lockhart — ela disse, fitando o mar. — Desculpe-me, não tive a intenção de ofendê-lo. Mas...

— Em nenhum momento a senhorita me ofendeu. Mas não se pode pagar por tudo, se é que me entende. O que vai fazer agora?

Ela se sentiu como uma criança. E não era uma sensação que a agradava.

— Voltarei para Londres — ela disse. — Espero conseguir evitá-la. Adeus.

— Gostaria de companhia? Estou quase terminando. E se essa velha doninha for mesmo perigosa?

— Não, obrigada. Preciso mesmo ir. Ela se afastou. Teria adorado a companhia dele, porém nunca teria admitido. Ela achava, não sabia bem por que, que bancar a indefesa, tática infalível com os homens em geral, não funcionaria com ele. Por isso ofereceu um pagamento: queria tratá-lo de igual para igual. Mas isso também não havia funcionado. Sentia como se nada soubesse, e como se nada conseguisse fazer direito; e se sentiu muito só.



O MOTIM

Na estação, nem sinal da velha. Os únicos passageiros, além de Sally, eram um vigário e sua esposa, três ou quatro soldados e uma mãe com seus dois filhos. A menina encontrou um compartimento vazio sem dificuldade.

Esperou o trem dar a partida da estação para abrir o pacote. Os nós estavam cuidadosamente atados com lacre de cera, e ela chegou a quebrar uma unha tentando raspá-lo.

Finalmente, conseguiu abrir; descobriu um livro. Parecia uma espécie de diário. Era grosso e as páginas estavam repletas de palavras muito próximas umas das outras. A encadernação de papelão era tosca, o ponto de costura estava frouxo e uma parte caiu nas mãos dela. Sally recolocou as páginas cuidadosamente e iniciou a leitura.

A primeira página trazia a inscrição: *Uma Narrativa dos Acontecimentos em Lucknow e Agrapur, 1856-7; com considerações a respeito do desaparecimento do Rubi de Agrapur e do papel desempenhado pela criança de nome Sally Lockhart.*

Ela fez uma pausa e retomou a leitura. Ela! E um rubi. Uma centena de perguntas surgiu de repente como moscas agitadas em cima de um banquete e tumultuou a cabeça de Sally. Ela fechou os olhos e esperou até recobrar a calma; então voltou a abrir os olhos e ler.

Em 1856, eu, George Arthur Marchbanks, servia na 32^a Infantaria, do duque da Cornuália, em Agrapur, Oudh. Meses antes da eclosão do Motim, tive a oportunidade de visitar o marajá de Agrapur em companhia de três colegas comandantes: coronel Brandon, major Park e capitão Lockhart. Oficialmente, os motivos da visita eram de natureza particular e sem formalidades. Não obstante, nosso real propósito era discutir assuntos políticos secretos com o marajá. O conteúdo dessas discussões não diz respeito a este relato, a não ser na medida em que elas contribuíram para a suspeita de que o marajá estava refém de uma facção entre seus súditos — uma suspeita que levou, e que irei detalhar, à morte do marajá, durante os terríveis acontecimentos do ano seguinte.

Em uma segunda visita a Agrapur, o marajá ofereceu um banquete em nossa homenagem. Fosse ou não sua intenção nos impressionar com sua riqueza, o fato é que este foi certamente o efeito produzido; pois nunca antes havia eu contemplado tamanho esplendor e ostentação como os apresentados naquela noite.

O salão do banquete era repleto de pilastras de mármore primorosamente esculpido e nas partes superiores das colunas havia desenhos da flor de lótus, generosamente folheados a ouro. O piso sobre o qual caminhávamos era ornamentado com lápis-lazúli e ônix; uma fonte, em um dos cantos do aposento, tilintava gotas de água com essência de rosas e os músicos da corte do marajá tocavam melodias exóticas e vagarosas atrás de um biombo em mogno marchetado. A louça era de ouro maciço; porém a atração do espetáculo era o Rubi, de tamanho e esplendor incomparáveis, que brilhava no peito do marajá.

Tratava-se do famoso Rubi de Agrapur, do qual eu ouvira falar em diversas ocasiões. Não pude controlar meu olhar fixo para ele — confesso que algo na profundidade e beleza do vermelho fogo e líquido que parecia o preencher me fascinava e prendia minha atenção de uma maneira tal que me impulsionava a olhar mais do que a educação e a delicadeza permitiam; de modo que o marajá notou minha curiosidade e nos contou a história da pedra.

Fora descoberta na Birmânia seis séculos antes, e presenteada em tributo a Balban, o rei de Délhi, de quem o marajá era descendente no principado de Agrapur. Ao longo dos séculos, a pedra fora roubada, perdida, vendida e presenteada incontáveis vezes, mas sempre retornara aos originais donos da realeza. A joia também havia sido responsável por um extenso número de mortes, difícil de ser listado — assassinatos, suicídios, execuções; em uma ocasião chegou a ser motivo de guerra, quando a população de toda uma província foi exterminada à espada. Havia pouco menos de cinquenta anos, ela fora roubada por um aventureiro francês. Ele, pobre-diabo, pensou que engolindo a pedra não seria descoberto. Tolice: abriram-lhe o corpo, ainda vivo, e tiraram-lhe a pedra, quente, do estômago.

Os olhos do marajá encontraram os meus ao relatar o episódio.

— Gostaria de examiná-la de perto, major? — ele perguntou. — Segure-a contra a luz e olhe seu interior. Mas tome cuidado para não cair!

Ele a passou para mim e fiz o que me sugeriu. Quando a luz da lamparina incidiu sobre a pedra, um estranho fenômeno ocorreu: o brilho avermelhado no coração da joia pareceu rodopiar e se fragmentar como fumaça para revelar uma série de penhascos e abismos — uma paisagem fantástica de desfiladeiros, cumes e despenhadeiros assustadores, cuja profundidade era impossível avaliar. Apenas uma vez, tive a oportunidade de testemunhar paisagem como aquela; e foi sob efeito das alucinações e horrores decorrentes do ópio.

O efeito dessa visão extraordinária foi exatamente o que havia previsto o marajá. Eu vacilei, tomado repentinamente por uma vertigem avassaladora. O capitão Lockhart me pegou pelo braço e o marajá recuperou a pedra, às gargalhadas; o incidente foi esquecido com uma piada.

Nossa visita encerrou-se logo em seguida. Não voltei a ver o marajá até um ano depois ou mais, no decorrer do terrível episódio que configura o clímax desta narrativa — um episódio que me causou mais vergonha e infelicidade do que imaginaria possível. Que Deus (se é que existe Deus e não uma infinidade de demônios zombeteiros) me conceda o esquecimento, e que seja logo!

O ano que se passou após meu primeiro contato com a pedra foi um período de presságios e de augúrios — sinais da terrível tempestade que iria desabar sobre nós durante o Motim, sinais que, como de costume, nós homens falhamos em interpretar. Sobre os horrores e a selvageria que ocorreram durante o Motim, não me interessa no momento ressaltar aqui. Outros mais eloquentes que eu contaram a história desse período, com façanhas heróicas que brilharam como faróis no meio de cenas de horrenda carnificina; basta dizer que, enquanto centenas não sobreviveram, eu sobrevivi — eu e mais três, em cujos destinos o Rubi continua a desempenhar um grande e predominante papel.

Passo agora para o episódio que ocorreu durante o Cerco a Lucknow, pouco antes de Havelock e Outram libertarem a cidade.

Meu regimento estava ocupando a cidade, e...

Sally ergueu os olhos. O trem havia parado em uma estação — a placa dizia CHATHAM. Fechou o livro, a cabeça cheia de imagens estranhas; um banquete repleto de ouro, mortes horríveis e uma pedra tão intoxicante quanto o ópio... Três outros sobreviveram, disse o major; o pai e ela, pensou Sally de imediato. E o terceiro?

Abriu o livro novamente — porém voltou a fechá-lo rapidamente ao ver a porta da cabine se abrir e um homem entrar. Ele estava elegantemente vestido, com um terno de lã claro, um broche espalhafatoso no plastrão. Ele levantou o chapéu-coco para cumprimentar Sally antes de se sentar.

— Boa tarde, senhorita — disse.

— Boa tarde.

Ela desviou o olhar para a janela oposta à dele. Não queria conversa e havia algo de familiar no sorriso do homem que não lhe agradava. Meninas da classe de Sally não viajavam sozinhas; era raro e chamava um tipo de atenção equivocada.

O trem partiu da estação e o homem tirou um embrulho com sanduíches e começou a comer. Ele deixou de notá-la. Ela permaneceu sentada, contemplando o charco, a cidade ao longe, os mastros de navios nas docas e o estaleiro bem distante à direita.

O tempo passou. O trem por fim entrou na estação London Bridge, sob a escura e embaçada cobertura de vidro, e o som do motor mudou, enquanto o ruído da chaminé ecoou se misturando aos chamados dos cabineiros e ao grasnido das carruagens desniveladas. Sally se ajeitou no assento e esfregou os olhos. Havia adormecido.

A porta da cabine estava escancarada.

O homem não estava mais lá, o livro também não. Ele o havia roubado e se escafedeu.



O RITUAL DA FUMAÇA

Alarmada, ela deu um salto e correu para a porta. Mas a plataforma estava abarrotada e a única lembrança que tinha do homem era o terno de lã e o chapéu-coco — havia dezenas de homens vestidos exatamente assim...

Sally voltou para a cabine. A bolsa se encontrava no canto, onde ela estivera sentada. Ao se curvar para apanhá-la notou que, no chão, debaixo do assento, havia algumas páginas soltas.

A encadernação do livro estava frouxa — as folhas devem ter caído enquanto dormia e o ladrão não percebeu!

A maioria das páginas estava em branco, porém uma continha algumas linhas, continuação de uma página anterior. Dizia:

... um lugar de trevas, abaixo de um intricado nó. Três luzes vermelhas piscam claramente no local, quando a lua deita-se sobre a água. Tome-o. Está claro que é seu, não apenas por ser um presente meu, mas também porque assim exigem as leis da Inglaterra. Antequam haec legis, mortuus ero; utinam ex animo hominum tam celeriter memoria mea discedat.

Sally, que nada sabia de latim, dobrou a folha e a guardou na bolsa, e, tomada pela frustração, dirigiu-se para a casa da sra. Rees.



Enquanto isso, em Wapping, um pequeno e sinistro ritual recomeçava.

Uma vez por dia, sob as ordens da sra. Holland, Adelaide levava uma tigela de sopa para o cavalheiro do segundo andar. A sra. Holland descobrira o vício de Matthew Bedwell rapidamente e, como nunca perdia tempo em tirar proveito de uma situação, viu sua velha e maligna curiosidade fortemente revigorada.

Isso porque seu hóspede possuía fragmentos de uma história muito

interessante. Delirante, ele alternava momentos de transpiração intensa com dor e de devaneios com visões que brotavam das paredes imundas e invadiam o quarto. A sra. Holland ouvia pacientemente; fornecia pequenas doses da droga; continuava ouvindo e provia mais ópio em troca de detalhes sobre os relatos que ele narrava em seu desvario. Pouco a pouco, a história veio à tona — e a sra. Holland percebeu que estava diante de uma fortuna.

O conto de Bedwell fazia referência aos negócios da Lockhart & Selby, Agentes Marítimos. As orelhas da sra. Holland cresceram quando ouviram o nome Lockhart; seu interesse já era enorme por esta família e a coincidência a deixou atônita. Contudo, no desenrolar da história, ela percebeu que se tratava, na verdade, de um novo ângulo sobre o mesmo assunto: a perda da escuna *Lavinia*, a morte de seu proprietário, os extraordinários lucros provenientes dos negócios na China, centenas de outros detalhes. Embora não fosse uma mulher supersticiosa, a sra. Holland abençoou as mãos da Providência.

Por sua vez, Bedwell estava demasiadamente fraco para se mover. A sra. Holland não tinha certeza se havia extraído toda a informação da esfumaçada mente de Bedwell — motivo pelo qual ela ainda o mantinha vivo, se é que aquilo era estar vivo. Tão logo ela decidiu que o quarto dos fundos deveria ter outra serventia, a Morte e Bedwell, que haviam se desencontrado no mar do Sul da China, poderiam finalmente promover um encontro no rio Tâmis. Endereço apropriado: o Ancoradouro do Carrasco.

Então Adelaide despejava generosamente com uma concha uma sopa quente e gordurosa na tigela, cortava de qualquer jeito uma fatia de pão e subia as escadas rumo ao quarto dos fundos. Lá dentro reinava o silêncio. Ela torceu para que ele estivesse dormindo. Destrancou a porta e prendeu a respiração, sentindo aversão ao ar estragado e pesado e ao frio úmido que a atingiu ao entrar.

O homem estava deitado no colchão com um áspero cobertor sobre o peito, porém não dormia. Seus olhos seguiram os movimentos de Adelaide, enquanto ela apoiava a tigela sobre uma cadeira próxima.

— Adelaide — ele sussurrou.

— Sim, senhor?

— O que tem aí?

— Sopa, senhor. A sra. Holland disse que o senhor precisa comer, que vai lhe fazer bem.

— Tem um cachimbo para mim?

— Depois da sopa, senhor.

Ela não olhou para ele; ambos falavam sussurrando. Ele se apoiou em um dos cotovelos, num doloroso esforço para se levantar. Ela deu um passo para trás, encostando na parede como se não possuísse massa física — como se fosse uma

sombra. Apenas seus enormes olhos pareciam ter vida.

— Me dá isso aqui — ele disse.

Ela apanhou a tigela e esmigalhou o pão dentro, e então, enquanto ele comia, foi para a parede mais distante da cama. Mas ele não tinha apetite. Após duas colheradas cheias, afastou o prato.

— Não quero isto — disse. — Não tem gosto. Onde está o cachimbo?

— Deve comer, senhor, porque senão a sra. Holland vai me matar — disse Adelaide. — Por favor...

— Coma você, um pouco de comida te fará bem — ele disse. — Vamos, Adelaide, me dê o cachimbo, garota.

Relutante, ela abriu um armário, que junto com a cadeira e a cama eram os únicos móveis no cômodo, e retirou um longo e pesado cachimbo, composto de três partes desmembradas. Ele observou atentamente ela encaixar as peças, colocar o cachimbo na cama, ao lado dele, e remover um pequeno pedaço de resina da massa amarronzada.

— Deite — ela disse. — O efeito tem sido muito rápido. Precisa se deitar, senão vai cair.

Ele fez o que a garota pediu, se esticando languidamente de lado. A luz fria e cinzenta da tarde que desvanecia, forçada por entre a pequena janela encardida do quarto, dava à cena uma cor sombria de uma moldura de ferro. Um inseto se arrastava letargicamente sobre o travesseiro sujo, enquanto Adelaide levava um palito de fósforo aceso à pedra de ópio. Ela passou a droga transfixada por um alfinete em cima da chama, para a frente e para trás, até a resina borbulhar e impregnar o ar de fumaça. Bedwell aspirou pelo bocal, Adelaide pousou a pequena pedra sobre o forninho e a doce fumaça inebriante foi sugada cachimbo adentro.

Quando a fumaça acabou, ela acendeu outro fósforo e repetiu o processo. Adelaide detestava fazer isso. Detestava o efeito que a droga causava no rapaz, pois a fazia pensar que por detrás de todo rosto humano havia um idiota pasmado, babão e impotente.

— Mais — ele balbuciou.

— Tem mais não — ela sussurrou.

— Vamos, Adelaide — choramingou. — Mais.

— Só mais um pouco, então.

Novamente acendeu um fósforo, novamente o ópio borbulhou e defumou o quarto. A fumaça lançou-se no cachimbo, como um rio que desaparecia debaixo da terra. Adelaide apagou o fósforo e o jogou junto aos outros, no chão.

Ele deu um demorado suspiro. A fumaça que pairava no ar ficou ainda mais espessa e a deixou tonta.

— Sabe, não tenho forças para me levantar e ir embora — ele disse.

— Sei, senhor — sussurrou.

Quando ele estava em transe, algo estranho acontecia com sua voz; perdia a aspereza de marinheiro rude, tornando-se refinada e até gentil.

— Penso nisso, porém. Dia e noite. Ai, Adelaide... As Sete Bênçãos! Não, não! Vocês, demônios, espíritos malignos, me deixem em paz!

Ele começava a ter alucinações. Adelaide se sentou o mais afastada possível dele; não ousava sair do quarto, temendo que a sra. Holland pudesse perguntar a ela o que o cavalheiro havia dito; ao mesmo tempo, temia ficar, pois os relatos dele lhe causavam pesadelos. As Sete Bênçãos — era a segunda vez que ele mencionava a frase e, em ambas as ocasiões, estava tomado de pavor.

Não terminou frase. De repente, sua expressão mudou e ele se pôs lúcido e confidencioso.

— Lockhart — ele disse —, agora me lembro. Adelaide, está aí?

— Sim, senhor — ela sussurrou.

— Tente se lembrar de algo para mim. Tentará?

— Sim, senhor.

— Um homem chamado Lockhart... me pediu que encontrasse sua filha. Uma menina chamada Sally. Tenho um recado para ela. Muito importante... Pode encontrá-la para mim?

— Num sei, senhor.

— Londres é muito grande. Talvez não consiga.

— Posso tentar, senhor.

— Boa menina. Oh, Deus, o que estou fazendo? — continuou, desditoso.

— Olhe para mim, fraco como um bebê... O que diria meu irmão?

— Tem um irmão, senhor?

Quase já não havia luz; sob o ângulo distorcido pela névoa do ópio, Adelaide parecia uma mãe ao lado da cama do filho enfermo. Com o lençol imundo, ela secou o suor da face do rapaz e ele agarrou sua mão, em sinal de gratidão.

— Um homem distinto — murmurou. — Meu irmão gêmeo. Idêntico. Mesmo físico, mas seu espírito é repleto de luz, Adelaide, enquanto o meu é carregado de corrupção e escuridão. Ele é clérigo. Nicholas. Reverendo Nicholas Bedwell... Você tem irmãos?

— Não, senhor. Num tenho, não.

— Sua mãe está viva? Seu pai?

— Num tenho mãe. Mas tenho pai. É sargento.

Mentira. O pai de Adelaide era um mistério até para a mãe, que desapareceu 15 dias após o nascimento da filha; porém Adelaide inventara um pai e deu vida ao homem mais galante e esplêndido que sua tolhida existência já havia visto. Certa ocasião, um desses homens vistosos, de cartola garbosa e empertigada,

copo na mão, piscou para ela enquanto bebia com amigos, em frente a um pub, e ria escandalosamente de uma zombaria grosseira. Ela não ouviu a caçoadada. Tudo o que guardara na memória havia sido o esplendor heróico daquela imagem masculina, que se tornou um feixe de luz a iluminar sua medíocre e sombria vida. A piscadela deu origem a um pai.

— Homens distintos — ele balbuciou. — Um grupo distinto de homens.

Ele fechou os olhos.

— Precisa dormir, senhor — sussurrou.

— Não conte a ela, Adelaide. Não diga nada sobre... o que lhe contei. Ela é uma mulher diabólica.

— Sim, senhor...

E então ele voltou a sofrer alucinações e o quarto foi ocupado por fantasmas e demônios chineses, visões de tortura e transe nocivos, e imensos abismos das profundezas. Adelaide permaneceu ali, na penumbra, segurando a mão do homem e pensando.



MENSAGENS

Desde a morte do sr. Higgs, a rotina no escritório ficara cada vez mais maçante. A rixa entre o porteiro e Jim, o assistente de escritório, acabara gradualmente, tendo esgotado as opções de esconderijo do porteiro e Jim parado de comprar as revistas de um centavo. Na verdade, ele não tinha nada melhor para fazer naquela tarde do que atirar bolinhas de papel, com um estilingue indiano, no retrato da rainha Vitória sobre a lareira da portaria.

Quando Adelaide chegou e bateu no vidro da porta, Jim a princípio não reparou. Estava ocupado praticando a pontaria. O velho porteiro abriu a porta e perguntou:

— Sim? O que quer?

— A srta. Lockhart — sussurrou Adelaide. Jim a ouviu e olhou para ela.

— Srta. Lockhart? — perguntou o porteiro. — Tem certeza? Ela confirmou com a cabeça.

— O que quer com ela? — perguntou Jim.

— Não é da sua conta, peste — disse o velho.

Jim atirou uma bolinha de papel na cabeça do porteiro e se esquivou do leve safanão que recebeu do homem como resposta.

— Se tem um recado para a srta. Lockhart, pode deixar comigo — ele disse. — Venha aqui um minuto. — Ele a levou até o pé da escada, longe dos ouvidos do porteiro.

— Qual o seu nome? — perguntou.

— Adelaide.

— O que quer com a srta. Lockhart?

— Num sei.

— Quem a mandou aqui?

— Um cavalheiro.

Ele se inclinou para ouvi-la melhor e pôde sentir o aroma da Estalagem Holland nas roupas dela, além de perceber a sujeira na menina. Mas não era dado a frescuras e tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

— Já ouviu falar — perguntou — nas Sete Bênçãos?

Nas últimas duas semanas ele fizera a mesma pergunta a todo tipo de gente — com exceção do sr. Selby; e a resposta era sempre a mesma: ninguém nunca escutara falar disso.

Mas ela, sim. Estava assustada. Pareceu se encolher dentro da capa e seus olhos ficaram incrivelmente escuros.

— O que tem? — sussurrou ela.

— Já ouviu, não é?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Pois o que é? — ele continuou. — É importante.

— Num sei.

— Onde escutou isso?

Ela contorceu os lábios e olhou ao redor. Dois escreventes saíram de uma sala, e do topo da escada avistaram os dois.

— Veja só — disse um dos rapazes —, o jovem Jim cortejando.

— Quem é a garota, Jim? — perguntou o outro.

Jim olhou para o topo da escada e lançou um palavreado tão forte que se fosse uma arma poderia muito bem ter causado uma explosão em um navio de guerra. Ele não tinha nenhum respeito pelos escreventes. Para ele, eram formas inferiores de vida.

— Oh, escute isso — disse o primeiro escrevente, enquanto Jim fazia uma pausa para respirar. — Quanta eloquência!

— É o tipo de linguajar que mais admiro — disse o outro. — A paixão primitiva empregada em cada palavra.

— Primitiva é exatamente o termo — disse o primeiro.

— Feche essa latrina, Skidmore, e poupe seu rosto de uns tabefes — disse Jim. — Num tenho tempo pra perder ouvindo suas baboseiras. Ora — ele disse, e então se voltou para Adelaide. — Vamos lá para fora.

Ao som dos assobios e zombadas dos escreventes, ele tomou Adelaide pela mão e a arrastou bruscamente pelo corredor até a rua.

— Deixa eles pra lá — disse. — Escute, você precisa me contar o que são As Sete Bênçãos. Um homem já morreu aqui por causa disso.

Ele contou a ela o ocorrido. Ela não ergueu os olhos, porém estes se arregalaram.

— Preciso encontrar a srta. Lockhart, porque ele me pediu — ela disse quando Jim terminou de falar. — Só num posso contar pra sra. Holland, senão ela vai me matar.

— Bem, diga logo o que diabos ele disse, vamos! Hesitante, ela contou pausadamente; como não tinha a fluência de Jim e estava tão desacostumada a ser

ouvida, não sabia que tom de voz usar. Jim pediu que ela repetisse quase tudo.

— Certo — disse finalmente. — Vou buscar a srta. Lockhart, e você fala com ela, tá bem?

— Num posso — disse. — Num posso sair a não ser quando a sra. Holland me ordena. Ela me mata.

— Claro que ela num vai matar coisa nenhuma! Tem que sair, se não...

— Num posso — ela disse. — Ela matou a última menina, matou. Tirou todos os seus ossos. Ela me contou.

— E como vai encontrar a srta. Lockhart, então?

— Num sei.

— Ora, diabos. Bem, olhe... todas as noites passarei por Wap-ping na volta para casa e você se encontra comigo em algum lugar e me conta o que aconteceu. Onde pode me encontrar?

Ela baixou os olhos, torceu a boca, pensando.

— Na Velha Escadaria.

— Certo. Na Velha Escadaria, todas as noites, às seis e meia.

— Agora tenho que ir — ela disse.

— Num esqueça — ele gritou. — Seis e meia. Mas Adelaide já havia desaparecido.



13, Edifício Fortuna,

beco Chandler,

Clerkenwell.

Sexta-feira, 25 de outubro de 1872.

Srta. Lockhart,

9, praça Peveril,

Islington.

Cara srta. Lockhart,

Tomo a liberdade de lhe informar que descobri informações a respeito das

Sete (7) Bênçãos. Há um cavaleiro chamado sr. Bedwell que no momento se encontra na Estalagem Holland, no Ancoradouro do Carrasco, em Wapping. Ele vem fazendo uso do ópio e mencionando a senhorita. Ele também mencionou As Sete Bênçãos, mas não sei o que significa. A dona da estalagem se chama sra. Holland e não é confiável. Caso a senhorita possa comparecer amanhã ao coreto do jardim Clerkenwell, às duas e meia, poderei lhe dar mais detalhes.

Atenciosamente,

Seu humilde e obediente serviçal,

J. Taylor Esquire (Jim).

Portanto, Jim, após copiar o melhor modelo de correspondência utilizado pelos escreventes, postou a carta na sexta-feira, na expectativa confiante de que (não esqueçamos que a história acontece no século XIX) seria entregue antes do fim do dia, e de que o “amanhã” de Sally fosse o mesmo que o seu.

Estalagem Holland,

Ancoradouro do Carrasco, Wapping.

25 de outubro de 1872.

Samuel Selby, Esquire, Lockhart & Selby,

Cheapside, Londres.

Prezado sr. Selby,

Venho por meio desta, respeitosamente, lhe falar de um cavaleiro que possui informações referentes à sua empresa no Oriente. Tal cavaleiro quer que seja de seu conhecimento que ele se vê impelido a publicar o que sabe nos jornais, a não ser que certas condições sejam acertadas. Como prova de seus conhecimentos ele me pediu que mencionasse a escuna Lavinia e um marinheiro chamado Ah Ling. Desejando que a proposta lhe seja favorável e que esta carta chegue ao senhor tão logo seja entregue,

Meus cordiais cumprimentos,

M. Holland (sra.)

P.S. Ficariamos gratos em receber uma pronta resposta.

Ou seja, a sra. Holland, após retornar (de mãos vazias, porém não de todo

insatisfeita) de Swaleness.

Sally ficou sob a precária proteção de um limoeiro, praticamente desfolhado, no jardim Clerkenwell e esperou por Jim. A chuva já havia ensopado sua capa e seu chapéu e agora se insinuava pescoço abaixo. Para conseguir sair de casa precisou desobedecer à sra. Rees; tinha calafrios em pensar na recepção que a aguardava quando retornasse.

Não esperou muito. Pouco depois, Jim apareceu correndo, ainda mais ensopado do que ela, e a arrastou para o coreto vazio, localizado sobre uma pequena faixa de grama encharcada pela chuva.

— Por aqui — ele disse, levantando uma tábua solta do pequeno palco.

Ele mergulhou na escuridão como um furão. Ela o seguiu, mais cuidadosamente, pelos túneis de cadeiras dobradas até chegar a um buraco que se assemelhava a uma caverna, onde ele já acendia um toco de vela.

Sally se acomodou de frente para ele. O chão estava empoeirado, porém seco, e a chuva batucava sobre o palco acima deles, enquanto ele ajeitava a vela com cuidado entre os dois.

— Então? — ele disse. — Quer ouvir ou não?

— Claro que sim!

Jim repetiu tudo que Adelaide havia dito, embora com mais precisão. Ele era bom com as palavras; as aventuras de *Penny Dreadful* haviam sido de grande utilidade.

— O que acha? — ele perguntou ao terminar a história.

— Jim, deve ser verdade! A sra. Holland... é a mesma mulher da qual o major Marchbanks me falou. Ontem, em Kent.

Ela contou a ele o ocorrido.

— Um Rubi — ele disse, surpreso.

— Mas não vejo qual a ligação com o restante da história. Quero dizer, o major Marchbanks nunca tinha ouvido falar das “Sete Bênçãos”.

— E esse sujeito de que Adelaide falou nunca disse nada sobre um Rubi. Talvez haja dois mistérios, e não um. Talvez não tenham conexão.

— Mas há uma conexão — disse Sally. — Eu.

— E a sra. Holland. Houve uma pausa.

— Preciso vê-lo — disse Sally.

— Não pode. Pelo menos enquanto a sra. Holland estiver com ele. Ah, é! Esqueci, ele tem um irmão que é vigário. Seu nome é Nicholas. Eles são gêmeos.

— Reverendo Nicholas Bedwell — disse Sally. — Será que temos como encontrá-lo? Talvez ele possa tirar o irmão de lá...

— Ele é um escravo do ópio — disse Jim. — E Adelaide disse que ele tem pavor de chineses. Sempre que tem visões de chineses ele grita.

Eles ficaram em silêncio por um momento.

— Gostaria tanto de não haver perdido o livro — disse Sally.

— Você não perdeu. Ele foi roubado. Ela conseguiu.

— Ela? Mas foi um homem. Ele o furtou em Chatham.

— Por que alguém ia querer um livro sujo e velho se não soubesse o que tinha nele? Claro que foi armação dela.

Sally pestanejou; como não havia feito tal conexão? Agora parecia tão óbvio.

— Então ela tem o livro — disse. — Jim, vou acabar enlouquecendo! Para que cargas d'água ela iria querer isso?

— Você é devagar quase parando — ele a repreendeu. — É esse Rubi que ela quer. O que tem no pedaço de papel que ele deixou para trás?

Ela mostrou a ele.

— Agora, sim. “Tome”, é o que diz. Ele escondeu em algum lugar, fora do alcance dela, e tá te dizendo onde tá. E te digo mais — se ela quer encontrar o Rubi, vai voltar pra pegar isso.

Na noite seguinte, três pessoas se achavam sentadas na cozinha da Estalagem Holland, onde um imundo fogão a lenha produzia um calor tropical. Uma das três pessoas era Adelaide, e Adelaide não contava; estava sentada em um canto, ignorada pelos demais. Sentada à mesa, a sra. Holland folheava o livro do major Marchbanks; e a terceira pessoa era uma visita, acomodada na poltrona próxima ao fogão, ora tomando um pequeno gole da xícara de chá, ora esfregando a sobancelha. Ele vestia um terno xadrez claro. Um chapéu-coco marrom adornava sua cabeça e um brilhante broche estava pregado no plastrão.

Após ajeitar a dentadura na boca, a sra. Holland disse:

— Bom trabalho, sr. Hopkins — disse. — Muito benfeito.

— Extremamente fácil — disse o visitante, modestamente. — Ela dormiu. Tudo o que precisei fazer foi tirá-lo de seu delicado colo.

— Muito bem. O que acha de outro serviço?

— Quando quiser. Para a sra. Holland, estou sempre às ordens.

— Há um advogado em Hoxton. Blyth é o nome dele. Me fez um servicinho na semana passada, mas não deu certo, pois ele foi descuidado. Por isso precisei ir a Kent, para resolver o problema.

— Oh — disse o homem demonstrando fino interesse. — A senhora gostaria que o dito advogado recebesse uma reprimenda, é isso?

— É basicamente isso, sr. Hopkins.

— Bem, acredito que posso providenciar tal tarefa — ele disse à vontade, soprando seu chá. Esse... quer dizer... curioso esse livro, não?

— Não para mim — respondeu a sra. Holland. — Conheço a história de

cor e salteado.

— Oh — disse o sr. Hopkins, cauteloso.

— Mas também interessa à jovem senhorita. Inclusive, ousou dizer que se ela chegar a ler este livro, será um desastre sem precedentes. Todos os meus planos dariam em nada.

— Oh, não me diga!

— Por isso, acho melhor que ela sofra um acidente. Silêncio. Ele mudou de posição na poltrona, desconfortavelmente.

— Bem — disse com alguma demora. — Não creio que eu queira saber detalhes a respeito, sra. Holland.

— E eu não creio que o senhor tenha opção, sr. Hopkins — ela disse, folheando o livro. — Minha nossa, as páginas estão soltas! Espero que o senhor não tenha perdido nenhuma.

— Não compreendo, sra. Holland. Não tenho opção a respeito de quê?

Contudo, ela já não o escutava mais. Seus olhos vetustos encolheram; leu a última página do livro, voltou ao início, folheou o restante, leu novamente, ergueu o livro e o sacudiu, e finalmente o jogou no chão, blasfemando. O sr. Hopkins se encolheu assustado.

— Qual o problema? — ele perguntou.

— Você, maldita matraca intragável. Imprestável! Você perdeu a página mais importante de todo o maldito livro.

— Entendi a senhora dizer que sabia tudo de memória, madame. Ela empurrou o livro para ele.

— Leia isto, se conseguir. Leia!

Ela bateu repetidas vezes o dedo caloso sobre o último parágrafo do livro. Ele o leu em voz alta:

— Por esta razão, retirei o Rubi do banco. É a única chance que me resta de me redimir e de fazer algo certo nesta ruína que é minha vida. O testamento que fiz, sob as orientações daquela mulher, foi anulado; o advogado falhou em antever que havia uma brecha no contrato que assinei. Morrerei sem testamento. Mas é meu desejo que a senhorita fique com a pedra. Eu a escondi, e por precaução lhe direi a localização em forma de enigma. Está em... E nada mais havia. Ele se calou e a olhou.

— Sim, sr. Hopkins — ela disse sorrindo — Viu o que fez? Ele vacilou.

— Não estava no livro, madame — ele disse. — Eu juro!

— Eu mencionei algo sobre um acidente, verdade? Ele engoliu em seco.

— Bem, como disse, eu...

— Oh, o senhor vai providenciar um pequeno acidente para ela. Vai, sim, sr. Hopkins. Basta uma espiada no jornal de amanhã para o senhor fazer tudo o que

eu mandar.

— O que quer dizer com isso?

— Espere e veja — disse. — O senhor vai recuperar essa página, ela deve estar com a folha em algum lugar, e depois o senhor vai acabar com ela.

— Não vou — ele disse desconsolado.

— Ah, vai, sr. Hopkins. Tem minha palavra que sim.



AS CONSEQUÊNCIAS DAS FINANÇAS

Não tardou muito para que o sr. Hopkins encontrasse a história no jornal. Parecia saltar da página em sua direção, acompanhada de sinos de alerta, apitos de polícia e o tinido das algemas.

MORTE MISTERIOSA DE MAJOR APOSENTADO

GOVERNANTA ACUSA UM HOMEM DE TERNO XADREZ

UM SOBREVIVENTE DO MOTIM.

A polícia de Kent foi alertada nesta manhã sobre a misteriosa morte do major George Marchbanks, na residência Foreland, em Swaleness.

Seu corpo foi encontrado pela governanta, sra. Thorpe, na biblioteca da isolada moradia do major. Aparentemente, a morte foi causada por um tiro. Uma pistola descarregada foi encontrada no local.

O major levava uma vida pacata e a governanta era sua única criada. De acordo com uma declaração do tenente Hewett, da Força Policial de Kent, a polícia procura ansiosamente um homem vestido com um terno xadrez, chapéu-coco e um broche de diamante. Este homem visitou o major Marchbanks na manhã de sua morte, quando se acredita que houve uma discussão acalorada entre os dois.

O major Marchbanks era viúvo sem familiares vivos. Serviu muitos anos na Índia...

O sr. Hopkins estava tomado por raiva e precisou se sentar e recuperar o fôlego.

— Ser peçonhento — resmungou. — Viúva-negra. Raposa velha e traiçoeira. Vou...

Mas ele caíra na armadilha, e sabia disso. Caso não realizasse o desejo da sra. Holland, ela produziria evidências incontestáveis e o enviaria à forca por um crime que ele não cometera. Com um suspiro pesado, foi de imediato trocar suas roupas por um terno de sarja azul-marinho, enquanto se perguntava que jogo era aquele no qual a sra. Holland o havia metido. Se até assassinato estava em causa, qual seria o valor do prêmio?

Ellen, a criada da sra. Rees, detestava Sally, e não sabia por quê. No fundo, rancor e inveja estavam por trás da antipatia. E todo aquele emaranhado de sentimentos era tão desconfortável que, ao surgir uma justificativa para sua antipatia, ela imediatamente a aceitou, sem se permitir uma reflexão mais cuidadosa.

A justificativa lhe foi provida pelo sr. Hopkins. A sra. Holland conseguira descobrir o endereço de Sally por intermédio do escrevente do advogado da menina e o sr. Hopkins, com seus modos despretensiosos, se encarregou do restante. Apresentou-se a Ellen como investigador de polícia e disse que Sally era uma ladra que havia roubado algumas cartas — uma situação tão delicada — família altamente influente — evitar o mais sutil escândalo — o mais nobre dos nobres de toda a nação etc. Nada disso, obviamente, importava, mas era o tipo de arranjo que preenchia as páginas das revistas lidas por Ellen, e que a seduziu imediatamente.

A conversa se deu ao pé da escada. Ela foi rapidamente convencida de que seu dever perante ela própria, sua patroa e o país era permitir que o sr. Hopkins entrasse secretamente na casa, depois que todos já houvessem se retirado para os respectivos aposentos para dormir. Como combinado, por volta da meia-noite ela abriu a porta da cozinha, e o sr. Hopkins, guarnecido de uma boa dose de conhaque, subiu ao segundo andar e se dirigiu à porta do quarto de Sally. Embora preferisse o velho e bom furto da mão-boba em bolso alheio, ele tinha certa experiência com esse tipo de crime e não fez qualquer barulho. Após sinalizar com gestos que a criada fosse dormir e o deixasse cumprir sua missão, ele se acomodou e esperou até se assegurar de que Sally já tivesse dormido. Um cantil de prata lhe fazia companhia; este realizou duas viagens até a boca e, ao retornar, o sr. Hopkins estava mais leve, e decidiu que era hora de agir.

Girou a maçaneta da porta e abriu nada mais que 45 centímetros. Se passasse disso, explicou Ellen, a porta rangeria. Um lampião da praça, na rua, proporcionava luz suficiente, através da fina cortina, para que ele tivesse uma visão de quase todo o quarto, e durante dois minutos ele ficou imóvel, buscando se orientar, particularmente atento ao piso; não havia nada pior do que uma margem solta de tapete ou a queda brusca de alguma peça de roupa.

No recinto, só era possível escutar a respiração tranquila de Sally. Ocasionalmente, um barulho de carruagem vinha da rua, nada mais.

Então ele se moveu. Ele sabia onde ela guardava seus papéis. Ellen fora

muito generosa em seu relato. Hopkins esvaziou a bolsa de Sally sobre o carpete, encontrando-a mais pesada do que imaginara. Foi quando encontrou a pistola.

Levou um susto, imaginando estar no quarto errado. Mas ali estava Sally, adormecida a pouco mais de um metro de distância... Ele pegou a arma e avaliou seu peso.

— Que linda mocinha — disse consigo. — Você será minha.

E a pôs no bolso, juntamente com todos os fragmentos de papel que encontrou pelo caminho. Então parou e olhou ao redor. Deveria inspecionar todas as gavetas? Mas e se estivessem repletas de papéis? O que faria então? Afinal de contas, não havia nada mais ridículo do que pedir para roubar um maldito pedaço de papel sem importância. Agora, a pistola — essa, sim, valia a pena ter.

Mas não ia matar Sally. Ele a viu dormindo. Bela garota, pensou; não passa de uma menina. Será uma pena quando a sra. Holland a encontrar. Pois ela que cometa seus crimes. Não entrarei neste jogo.

Hopkins se retirou tão silenciosamente quanto entrou, e viva alma o escutou sair.

Contudo, não foi muito longe.

Ao contornar uma esquina sombria de uma das desertas ruas de Holborn, um braço laçou seu pescoço, um pé lhe deu uma rasteira e um pesadíssimo joelho acertou em cheio o diafragma. Foi tudo repentino demais; a faca que penetrou suas costelas era fria, gélida, e congelou seu coração de imediato, e o tempo só lhe permitiu pensar: “Não, na sarjeta, não — meu paletó novo — a lama...”

Mãos abriram o paletó à força e remexeram por entre seus bolsos. Um relógio de bolso com corrente, um cantil de prata, uma moeda de ouro, algumas moedas de cobre, uns papéis, um broche de diamante na gravata; e o que é isto? Uma arma? Uma voz deu uma leve risada e passos se dissiparam gradualmente.

Em seguida, choveu. Pequenos fragmentos de angústia agitavam a mente de Henry Hopkins. Mas não demorou muito para que tudo se dispersasse, caindo no esquecimento, enquanto o sangue que sustentava tais pensamentos se esvaía do recente orifício em seu peito, e sua vida se misturava com a água imunda que corria pela sarjeta da rua, em seguida afundando no esgoto e na escuridão.

— Ah — disse a sra. Rees na hora do café da manhã —, nossa querida hóspede resolveu sair de seus aposentos. E curiosamente cedo, visto que as torradas ainda não foram servidas. Geralmente, já estão frias quando ela chega. Mas há toucinho defumado, gostaria de toucinho defumado? E será que conseguirá mantê-los no prato, ao contrário dos rins de ontem? Embora o toucinho não role com a mesma facilidade que os rins, ousa dizer que você conseguiria empurrar para fora do prato se...

— Tia Caroline, fui roubada — disse Sally.

A mulher a olhou com intensa e indignada surpresa.

— Não entendo — ela disse.

— Alguém entrou no meu quarto e me furtou. Vários pertences.

— Ouviu isso, Ellen? — perguntou a sra. Rees à criada, que trazia as torradas. — A srta. Lockhart alega que foi roubada em minha casa. E por acaso ela acusa meus criados? Culpa meus criados, senhorita?

A pergunta foi feita em tom carregado de tamanha fúria que Sally quase perdeu a coragem.

— Não sei a quem culpar! Sei apenas que ao acordar encontrei minha bolsa remexida sobre o chão e senti falta de vários pertences. E...

A sra. Rees tinha a face vermelha. Sally nunca havia visto alguém tão contrariado; pensou que a senhora havia perdido completamente a razão e deu um passo para trás.

— Veja, Ellen, veja! Ela retribui nossa hospitalidade fingindo ser vítima de um furto! Diga-me, Ellen: a casa foi arrombada? Há vidro de janela estilhaçado, ou pegadas? Diga, criança. Não esperarei nem mais um segundo pela resposta. Me diga agora mesmo!

— Não, madame — disse a criada com um sussurro copioso, olhando para todos os lados, exceto para Sally. — Eu juro. Está tudo onde deveria estar, madame.

— Na sua palavra, pelo menos, posso confiar, Ellen. Agora, me diga, senhorita — voltando-se para Sally, sua face agora estava transfigurada, como uma máscara tribal, olhos pálidos saltados, lábios esbranquiçados delineados desdenhosamente. — Me diga, por que esses gatunos que não entraram na casa haveriam de escolher você? O que você tinha que alguém pudesse querer?

— Certos papéis — disse Sally, que agora tremia da cabeça aos pés. Não conseguia entender: a sra. Rees parecia estar possuída.

— Certos papéis? Certos papéis? Garota desprezível. *Papéis*. Deixe-me ver a cena do crime. Deixe-me ver. Não, Ellen, posso subir sem assistência. Não estou tão velha assim para que o mundo se aproveite de minha fraqueza. Saia do meu caminho, garota, saia do meu caminho!

O recado foi dirigido, aos gritos, a Sally, que, confusa, hesitou entre a porta e a mesa. Ellen, solícita, se manteve espertamente à margem, enquanto a sra. Rees subia, cambaleante, as escadas. Parou na entrada da porta do quarto de Sally, à espera de que alguém a abrisse, e mais uma vez Ellen estava lá para servir, Ellen também estava lá para a tomar pelo braço e a auxiliar a entrar na dependência — a mesma Ellen que, pela primeira vez, esboçou um olhar de dissimulado triunfo para Sally, que vinha logo atrás.

A sra. Rees olhou ao redor. A roupa de cama estava empilhada desorganizadamente; a camisola de Sally estava jogada metade na cama, metade

tocava o piso; e duas gavetas estavam abertas, com roupas amontoadas. No chão, uma patética, de tão pequena, pilha de pequenos objetos e a mala de Sally — uma bolsa, uma ou duas moedas, um lenço, um diário de bolso — eram quase imperceptíveis. Sally percebeu que aquele era um caso perdido mesmo antes de a sra. Rees se pronunciar.

— Bem? — foi o que ela disse. — Pois bem, senhorita?

— Devo ter me equivocado — disse Sally. — Peço que me perdoe, tia Caroline.

Ela falou com uma modéstia quase forçada, pois subitamente teve uma ideia naquele instante: algo um tanto inédito. Começou a apanhar suas coisas do chão e se pegou sorrindo.

— Por que esse sorriso largo, senhorita? De onde vem esse sorriso insolente, senhorita? Não admito que sorriam dessa forma à minha custa.

Sally nada disse, apenas começou a dobrar suas roupas, uma a uma, e as ajeitar ordenadamente sobre a cama.

— O que está fazendo? Responda! Me responda agora mesmo, garota insolente!

— Vou embora — Sally informou.

— O quê? O que disse?

— Vou embora, sra. Rees. Não posso continuar aqui, não posso e não irei.

Faltou ar tanto da madame quanto da criada, que ficaram de lado enquanto Sally passava por elas, resoluta, a caminho da porta.

— Providenciarei para que venham buscar meus pertences — ela disse. — Certamente, a senhora terá a bondade de os entregar quando estiver informada de meu novo endereço. Tenham um bom-dia.

E partiu.

E já na calçada da rua sentiu-se um tanto perdida sobre o que fazer em seguida.

Ela havia queimado seu último cartucho — não tinha dúvidas disso. Nunca mais poderia voltar para a casa da sra. Rees; porém, para onde mais poderia ir? Andou calmamente até a praça Peveril, passou por um vendedor de jornais e teve uma ideia. Gastou quase todo o dinheiro que ainda tinha — três centavos — e comprou um exemplar do Times, se sentando em um jardim de uma igreja para ler o jornal. Apenas uma pagina chamou sua atenção, e não foi a que continha anúncios de vagas para governantas.

Após fazer algumas anotações na margem da folha, ela caminhou ativamente rumo ao escritório do sr. Temple em Lincoln's Inn. Era uma bela manhã, após uma noite inteira de chuva fina, e o sol revigorou as energias de Sally.

O secretário do sr. Temple a recebeu. O advogado estava muito, realmente

muito ocupado, mas talvez fosse persuadido a dedicar cinco minutos de seu tempo a ela. Ela foi conduzida até a sala dele; o sr. Temple, calvo, magro e animado, se levantou e a cumprimentou.

— Quanto dinheiro me resta, sr. Temple? — ela perguntou, após os cumprimentos.

Ele apanhou um enorme livro e fez algumas contas.

— Quatrocentos e cinquenta libras referentes a dois e meio por cento de ações de papéis do Tesouro Público; cento e oitenta ações ordinárias da Companhia de Estrada de Ferro London and South Eastern; duzentas ações preferenciais da empresa de navegação Royal Mail Steam... tem certeza de que quer saber tudo?

— Tudo, por favor. — Ela foi anotando tudo no jornal, enquanto ele lia a lista.

Ele continuou. Não era longa.

— E a renda — ele concluiu — fica em torno de...

— Cerca de quarenta libras por ano — ela disse.

— Como sabe disso?

— Fui fazendo as contas, enquanto o senhor lia a lista.

— Santo Deus!

— E acredito que tenho alguma autonomia sobre meu dinheiro, correto?

— Bastante. Demais até, em minha opinião. Tratei de dissuadir seu pai, mas nada foi capaz de fazer com que mudasse de ideia, então compus o testamento como ele pediu.

— Pois fico feliz que o senhor não tenha obtido êxito em sua tentativa. Sr. Temple, gostaria que o senhor providenciasse a venda de 300 libras das ações do Tesouro e que com essa quantia comprasse na mesma proporção as ações das seguintes empresas: Companhia Ferroviária Great Western, companhias de Gás, Luz e Coca-Cola e C. H. Parsons Ltda.

Com o queixo caído, o sr. Rees anotou as orientações.

— Além disso — ela prosseguiu —, as ações preferenciais da empresa de navegação Royal Mail Steam, por favor, venda e compre ações ordinárias da companhia de navegação a vapor P&O; isto deve elevar a renda para pouco mais de cinquenta libras. Voltarei para ver como estão em aproximadamente um mês, quando... quando tiver tempo. Acredito que parte da minha herança tenha sido destinada para pagar à sra. Rees, não é?

— A sra. Rees foi paga... — ele virou a página. — Cem libras no dia da morte de seu pai. Isto foi um legado, obviamente, não um pagamento por qualquer serviço que pudesse vir a ser prestado. Os guardiões legais, sendo eu um deles, concordaram que o depósito pela custódia deveria ser pago à sra. Rees enquanto a senhorita estivesse sob os cuidados dela.

— Entendo — disse Sally. A mulher estava recebendo toda a renda de sua pensão, enquanto a acusava de viver de favor! — Bem — ela continuou —, andei conversando com a sra. Rees e concordamos que será melhor que o pagamento seja feito diretamente a mim, de agora em diante. O senhor poderia providenciar para que o dinheiro seja depositado em minha conta, na agência Strand do banco London & Midland?

O sr. Temple a olhou realmente preocupado. Suspirou e anotou, mas nada disse.

— E, por fim, sr. Temple, posso retirar algum dinheiro agora? O senhor não mencionou a existência de uma conta corrente, mas deve haver uma.

Ele virou a página do livro de registro de contabilidade.

— Há 22 libras, seis xelins e nove centavos — ele disse. — Quanto a senhorita gostaria de sacar?

— Vinte libras, por favor.

Ele abriu um cofre e contou o dinheiro em ouro.

— Srta. Lockhart, apenas pergunto, é prudente o que está fazendo?

— É o que quero fazer. E tenho o direito de fazê-lo, portanto é o que será feito. Um dia, sr. Temple, prometo que lhe direi o motivo. Oh, há mais uma coisa...

Ele guardou o cofre e a encarou.

— Sim?

— Alguma vez meu pai mencionou o nome major Marchbanks?

— Já ouvi falar. Acho que seu pai não o via há muitos anos. Acredito que era um amigo dos tempos de Marinha.

— E uma sra. Holland?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Ou algo chamado As Sete Bênçãos?

— Que nome extraordinário. Não, senhorita, não mencionou.

— Não tomarei mais seu tempo, sr. Temple, apenas gostaria de perguntar sobre as ações de meu pai da própria firma. Achei que tivessem algum valor.

O queixo do advogado voltou a cair e sua expressão era de desconforto.

— Srta. Lockhart, a senhorita e eu precisamos ter uma conversa. Não agora, pois estou ocupado; mas pode ser na próxima semana. Seu pai era uma pessoa um tanto incomum e a senhorita parece ser uma jovem um tanto incomum, se me permite. Tem o comportamento de um experiente homem de negócios. Estou impressionado. Por isso direi uma coisa que só diria à senhorita quando estivesse um pouco mais velha: estou preocupado com aquela empresa, e com o que seu pai fez antes de partir para o Oriente. A senhorita está certa, deveria haver mais dinheiro. Mas o fato é que ele vendeu toda a sua parte, por 10 mil libras, ao sócio, sr. Selby.

— E onde está esse dinheiro agora?

— É esse o motivo de minha preocupação. Ele desapareceu.



AS PAIXÕES ARTÍSTICAS

Na Inglaterra de 1872, eram poucos os lugares onde uma jovem senhorita poderia ir sozinha, sentar-se, pensar e possivelmente tomar um chá. Embora o chá não fosse tão importante então, mais cedo ou mais tarde ela teria que comer; e apenas uma classe de jovens mulheres se locomovia livremente dentro e fora de hotéis e restaurantes; e Sally não desejava ser confundida com uma dessas.

Entretanto, como bem assinalara o sr. Temple, ela era uma jovem um tanto incomum. Sua criação proporcionara uma mente livre que a tornava mais parecida com as meninas dos dias de hoje do que com as de seu tempo — razão pela qual ela fora embora e por que não estava intimidada com a perspectiva de ficar só.

Saiu de Lincoln's Inn e caminhou vagorosamente ao longo do rio até se deparar com um banco debaixo de uma estátua de algum rei com peruca e então se sentou para olhar o movimento.

O pior golpe de toda aquela história fora a perda da pistola. Ela havia copiado as três páginas perdidas — a mensagem do Oriente, da carta do major Marchbanks e a folha solta do livro — em seu diário; estavam protegidas. Mas a pistola fora um presente de seu pai, e, além disso, poderia um dia salvar sua vida.

Naquele momento, o que mais desejava era conversar com alguém. Jim Taylor seria a pessoa ideal, porém era uma terça-feira e ele estaria trabalhando. Depois, havia o sr. Marchbanks — mas a sra. Holland podia estar vigiando a casa, como fizera antes.

Foi então que se lembrou do cartão que guardara em seu diário. Graças a Deus, o ladrão não havia roubado isso também!

FREDERICK GARLAND
ARTISTA FOTOGRÁFICO
RUA BURTON, 45
LONDRES

Agora tinha algum dinheiro. Tomou um cabriolé de aluguel e informou o

endereço ao cocheiro.

A rua Burton era um lugar humilde e surrado, no bairro do Museu Britânico. A porta de número 45 estava aberta; uma placa pintada anunciava que ali W. e F. Garland, fotógrafos, administravam seu negócio. Ao entrar, Sally encontrou uma despretensiosa loja, estreita e empoeirada. Havia material fotográfico — lanternas mágicas, recipientes com substâncias químicas, câmeras e afins — amontoados desordenadamente sobre o balcão e nas prateleiras. Sally não viu viva alma, mas a porta atrás do balcão estava aberta e se ouviam vozes alteradas, em uma violenta discussão. Uma das vozes era a do fotógrafo.

— Não, eu não vou! — gritou. — Eu detesto todos os advogados por princípio, e o mesmo vale para seus escreventes borra-botas.

— Não estou falando de advogados, parvo lesado! — ecoou outra voz igualmente arrebatada de uma jovem. — Você precisa de um contador, não de um maldito advogado. E se não resolver tudo logo, não restará mais negócio algum!

— Quanta ladainha! Fique com sua lenga-lenga, sua virago escandalosa. Olha, Trembler, há cliente na loja.

Um homem pequeno e mirrado apareceu no balcão. Parecia ansioso, com ares de quem tratava de fugir de um tiroteio. Ele fechou a porta, mas a gritaria continuava.

— Sim, senhorita? — era tensa a voz que saiu por debaixo do enorme bigode estilo coador de sopa.

— Procuro o sr. Garland. Mas se ele estiver ocupado...

Ela olhou para a porta e ele se curvou, afastando-se da mesma, como se um míssil estivesse prestes a ser lançado dali.

— A senhorita não quer que eu vá lá buscá-lo, quer? — ele perguntou em tom de súplica. — Não tenho coragem, sinceramente.

— Bem... Suponho que não agora.

— O motivo é marcar uma sessão, senhorita? Podemos encaixá-la em qualquer horário...

Ele olhava a agenda.

— Não, não. Era para...

A porta se abriu e o pequenino homem se agachou por debaixo do balcão.

— Ao inferno com todo o bando de — rugiu o fotógrafo, que se calou repentinamente. Ficou ali parado sob o vão da porta e sorriu, e Sally descobriu que havia se esquecido de quão cheio de vida e expressividade era o rosto dele. — Olá! — ele disse, da forma mais afável possível. — Srta. Lockhart, não é isso?

Ele foi subitamente impulsionado para dentro da loja num gesto rápido e em seu lugar apareceu uma moça, dois ou três anos mais velha que Sally. Seus cabelos

ruivos se espalhavam em chamas sobre os ombros, os olhos lardeavam, e nas mãos, firmemente fechadas, segurava uma pilha de papéis. “Mas ela é linda!”, pensou Sally. E realmente era; surpreendentemente encantadora.

— Você é um desleixado, Frederick Garland! — ela vociferou. Estas contas estão esperando para serem quitadas desde a Páscoa.

E você, o que fez a respeito? Em que gastou o dinheiro? O que você faz além de...

— O que eu faço? — Ele se virou para ela, o tom de voz gradualmente engrossando. — O que eu faço? Eu trabalho duro, muito mais do que certos coadjuvantes que só sabem vadiar pela coxia do teatro! E as lentes polarizadoras? Por acaso pensa que assoviei para elas, e vieram ao meu chamado? E o processo de revelação de prata em gelatina?

— Que o diabo carregue sua prata em gelatina. O que quer dizer com *vadiar*? Não deixarei que meu trabalho seja insultado por um... daguerreotipista de segunda categoria, cuja única ideia sobre arte é...

— Daguerreotipista? Segunda categoria? Como se atreve, sua, sua marionete insolente!

— Seu falido irresponsável!

E, no momento seguinte, ele se virou para Sally, tão sereno quanto um bispo, e disse educadamente:

— Srta. Lockhart, me permita apresentar minha irmã, Rosa.

Sally piscou algumas vezes e notou que sorria involuntariamente. A outra jovem acenou e sorriu também. Claro, eram irmãos — ele não era nem remotamente tão bonito quanto ela, mas a intensa vivacidade e a expressão cheia de energia eram similares em ambos.

— Cheguei em má hora?

Ele riu, e o pequeno homem saiu debaixo do balcão, como um jabuti saindo do casco.

— Não — respondeu a senhorita Garland —, de forma alguma. Se quiser ser fotografada, chegou a tempo, é provável que amanhã este negócio nem exista mais.

Ela lançou um olhar raivoso ao irmão, que a ignorou.

— Não, não desejo ser fotografada — disse Sally. — Na verdade, vim somente porque... Bem, conheci o sr. Garland na sexta-feira passada e...

— Ah! Você é a menina de Swaleness! Ele me contou tudo a respeito.

— Posso retornar às minhas chapas agora? — perguntou o homenzinho.

— Sim, pode ir, Trembler — disse o fotógrafo, se sentando calmamente sobre o balcão, enquanto o homenzinho esfregava nervosamente a sobrancelha e se retirava com pressa. — Ele está preparando algumas placas, entende, srta. Lockhart,

e ficou preocupado. Minha irmã tentou me assassinar.

— Alguém deve — ela disse em tom de ameaça.

— Ela é por demais irritável. É atriz. É mais forte que ela.

— Sinto perturbá-los — disse Sally. — Não devia ter vindo.

— Está em apuros? — perguntou Rosa.

Sally confirmou com um movimento de cabeça.

— Mas não quero...

— É aquela bruxa, de novo? — perguntou o fotógrafo.

— Sim, mas... — ela se calou. “Será que terei a ousadia?”, pensou. —

Você disse, me perdoe, mas não pude deixar de ouvir, você disse que precisavam de um contador?

— Minha irmã pensa que sim.

— É claro que precisamos — ela disse exaltada. — Este palhaço fotográfico nos deixou em uma confusão das mais patéticas. Se não fizermos algo a respeito logo...

— Que exagero — ele disse. — Não demorará muito para solucionarmos o problema.

— Então faça isso! — retrucou a irmã.

— Não posso. Não tenho tempo. Não tenho o dom e certamente não tenho inclinação para isso.

— O que queria dizer é — Sally prosseguiu hesitante — que sou boa com números, costumava ajudar meu pai com o esboço do balancete de sua empresa e ele me ensinou tudo sobre contabilidade e prestação de contas. Seria um prazer se pudesse ajudar! Quero dizer, vim aqui pedir ajuda. Mas se puder fazer algo em troca, seria ainda melhor. Não sei.

Ela terminou, insegura, ruborizando. Fora um discurso difícil, mas estava decidida a terminar. Fitou o chão.

— Você está falando sério? — perguntou a outra jovem.

— Com toda a sinceridade. Sei que sou boa com números, do contrário teria me calado.

— Então ficaremos satisfeitiíssimos — disse Frederick Garland. — Viu só? — ele disse à irmã. — Falei que não havia com que se preocupar. Srta. Lockhart, almoçará conosco.

Naquela residência boêmia, o almoço consistia em uma jarra de cerveja e restos de um enorme quarto de rosbife, uma torta de frutas e uma cesta de maçãs, presenteadas na noite passada, contou Rosa, por um de seus admiradores, porteiro de um mercado em Covent Garden. Comeram com a ajuda de uma longa faca de bolso e das mãos, e tomaram a cerveja em potes de química vazios, na bancada do laboratório, abarrotada de coisas, nos fundos da loja. Sally estava encantada.

— Terá que perdoá-los, senhorita, peço desculpas por eles — disse o homenzinho, cujo nome parecia ser apenas Trembler. — Não se trata de falta de educação, mas de dinheiro.

— Pense no que os ricos estão perdendo, Trembler — disse Rosa. — Quem descobriria quão delicioso é rosbife com torta de ameixa se não tivesse nada mais para comer?

— Ora, Rosa — disse Frederick —, não passamos fome. Não houve um único dia em que ficamos sem uma refeição. Ficamos sem lavar a louça, isso sim — ele disse a Sally. — Por uma razão lógica. Se não há louças, não há por que lavar.

Sally se perguntou como eles conseguiam tomar sopa sem colher, mas não teve tempo de perguntar, pois para cada pausa na conversa havia uma pergunta de um deles. Quando o jantar chegou ao fim, eles sabiam tanto quanto ela sobre o mistério. Ou mistérios.

— Certo — disse Frederick (e de alguma forma, sem perceberem, durante o consumo da torta de ameixa, eles haviam progredido e já se chamavam pelo primeiro nome) —, me diga uma coisa: por que não vai à polícia?

— Não sei bem. Ou melhor, sim, sei. Simplesmente, porque parece que isso está relacionado com meu nascimento ou com a vida de meu pai na Índia... enfim, com meu passado, e quero que se mantenha em privado até que eu saiba mais a respeito.

— Você está certa — disse Rosa. — A polícia é tão estúpida, Fred, deveria ser a última coisa que ela deveria fazer.

— Você foi roubada — lembrou Frederick. — Duas vezes.

— Ainda assim prefiro não procurá-los. Há tantos motivos... Nem cheguei a contar ao advogado que fui roubada.

— E agora que você saiu de casa — perguntou Rosa —, onde vai morar?

— Não sei. Preciso encontrar um quarto.

— Pois é muito simples. Temos acres de espaço. Pode ficar no quarto do tio Webster por enquanto. Trembler mostrará onde é. Preciso ir ensaiar agora. Volto mais tarde!

E antes que Sally tivesse tempo de agradecer, ela já havia saído.

— Vocês têm certeza? — Sally perguntou a Frederick.

— Mas é claro! E se vamos fazer negócios, você poderá pagar pelo aluguel.

Ela pensou na oferta que fizera sobre a tenda em Swaleness, ficou confusa, mas ele estava ocupado fazendo anotações em um pedaço de papel.

— Trembler — ele disse —, poderia ir ao outro lado da rua até o sr. Eeles e pedir esses livros emprestados?

— Agora mesmo, sr. Fred. Mas têm as placas para pendurar e o magnésio.

— Termine quando voltar, Quando o homenzinho se retirou, Sally

perguntou:

— Seu nome é mesmo Trembler?

— Ele se chama Theophilus Molloy. Mas, honestamente, você consegue chamar alguém de Theophilus? Eu não consigo. E os antigos comparsas dele o chamavam de Trembler; creio que o nome pegou. Ele é um batedor de carteira fracassado. Eu o conheci quando tentava roubar minha carteira. Ele ficou tão aliviado quando o impedi que praticamente chorou de gratidão, e está conosco desde então. Mas, olhe, acho que você deveria ler o seu jornal. Vejo que tem um exemplar do *Times*. Dê uma olhada na página seis.

Surpresa, Sally fez o que foi sugerido. Próximo ao pé da página, ela encontrou um pequeno parágrafo relatando a mesma notícia que o sr. Hopkins lera um dia antes, em outro jornal bem mais sensacionalista.

— O major Marchbanks está morto? — ela exclamou atônita. Não posso acreditar. E este homem de terno xadrez, foi ele quem

roubou o livro! O que estava no trem! Você acha que ele havia acabado de voltar da...

— Ele não tomou o trem na estação de Chatham? Certamente, não o vi em Swaleness. A sra. Holland deve ter enviado um recado a ele, que então voltou na noite passada para recuperar as folhas perdidas.

— Ele está com minha arma também.

— Naturalmente que sim, bastou vê-la dando sopa. Mas você tem uma cópia das páginas. Que tal darmos uma olhada?

Ela abriu o diário e entregou a ele pela superfície escoriada da bancada. Ele se curvou para poder ler.

— ... um lugar de trevas, abaixo de um intrincado nó. Três luzes vermelhas piscam claramente no local, quando a lua se deita sobre a água. Tome-o. Está claro que é seu, não apenas por ser um presente meu, mas também porque assim exigem as leis da Inglaterra. *Antequam haec legis...* Meu Deus.

— O quê? Você entende latim?

— Você não sabe o que diz aqui?

— Não, o quê?

Diz: “Quando você ler isto, eu deverei estar morto. Que minha memória seja...” que palavra é esta mesmo? “Que eu seja rapidamente esquecido”.

Ela sentiu um frio repentino.

— Ele sabia o que lhe aguardava — disse.

— Talvez não tenha sido assassinato — disse Frederick —, talvez tenha sido suicídio.

— Pobre homem — disse Sally. — Ele parecia tão infeliz. — Ela tinha lágrimas nos olhos. Era a lembrança daquela casa vazia e fria e o modo gentil com

que o major falara com ela... — Me desculpe...

Ele balançou a cabeça e lhe ofereceu um lenço. Assim que ela enxugou os olhos, ele disse:

— Ele fala de um esconderijo, você notou? Ele está dizendo onde escondeu o Rubi e que este te pertence.

— As leis da Inglaterra, achei que pudesse significar um tesouro encontrado. Porém, se assim fosse, pertenceria à coroa britânica. Enfim, não consigo imaginar o que ele quis dizer com isso.

— Eu também não, ainda. E também há o viciado em ópio, o sr. Bedwell. De algum modo, ele pode ser mais fácil de lidar... Ah, aí vem Trembler.

— Aqui estão, sr. Fred — disse Trembler, entrando com três grandes livros. — Posso terminar as placas agora?

— Mas é claro, ah-ha, o anuário *Crockford* dos clérigos anglicanos. Bedwell... Bedwell...

Frederick folheou as páginas de um gordo e solene volume até encontrar o que procurava.

— Bedwell, reverendo Nicholas Armbruster. Nascido em 1842; educado em Rugby; graduado na Universidade de Oxford, 1864; cura da igreja São João em Summertown, Oxford.

— Eles são gêmeos — disse Sally.

— Exatamente. Acredito que se alguém pode tirar esse homem da Estalagem Holland, será o próprio irmão. Amanhã iremos a Oxford encontrá-lo.

Durante o restante do dia e da tarde, Sally conheceu um pouco da família Garland. Ele tinha 21 anos, ela 18, e a casa e a loja pertenciam ao tio, Webster Garland, que, segundo Frederick, era o maior fotógrafo de sua geração. No momento, ele se encontrava no Egito e Frederick estava administrando os negócios, cujos resultados haviam encolerizado Rosa. Trembler contou tudo isso enquanto ela, já instalada nos fundos da loja, começava a se familiarizar com as contas. Frederick saíra às três da tarde para tirar algumas fotos no Museu Britânico, e desde então Trembler se pôs a falar sem parar.

— Ele é um artista, senhorita, este é o problema — contou. — Há muito dinheiro nesse ramo da fotografia para quem quiser, mas o sr. Fred não está interessado em fazer retratos de pessoas ou de casamentos. Já o vi passar uma semana inteira imóvel como uma pedra em um único lugar, à espera da luz ideal sobre a água. Ele é bom, não se engane. Mas inventa coisas e isso traga todo o dinheiro em uma proporção que a senhorita não acreditaria. É a senhorita Rosa quem garante que isso aqui não afunde.

Rosa era atriz, como já dissera Frederick, e no momento estava na peça *Vivo ou Morto*, em cartaz no teatro Queen's. Uma ponta, disse Trembler, mas ela

estava predestinada a ser uma estrela um dia. Com tantos atributos físicos e aquela personalidade — bem, não havia como o mundo resistir a ela. Mas até então os frutos de seu talento haviam sido escassos. Ainda assim, sua renda era a maior contribuição na receita familiar da casa 45 da rua Burton.

— Mas Frederick também ganhou muito dinheiro — disse Sally, enquanto arrumava uma pilha desordenada de recibos e contas rabiscadas e separava os gastos de um lado e os recibos do que entrava de outro. — Na verdade, entra muito dinheiro. Contudo parece que vai embora logo em seguida.

— Se a senhorita encontrar uma forma de manter um pouco desse dinheiro em caixa, estará lhes fazendo o maior favor possível. Visto que, se depender dele, nunca conseguirá.

Ela trabalhou durante toda a tarde, reduzindo, pouco a pouco, o caos de contas não pagas, faturas estropiadas. E desfrutava aquilo imensamente. Finalmente, algo que ela entendia e podia resolver, algo claro, que fazia sentido! Às cinco da tarde, Trembler levou para ela uma xícara de chá e de vez em quando saía dos fundos da loja para atender um ou outro cliente.

— O que vocês mais vendem aqui? Sally perguntou.

— Placas fotográficas e químicas. Alguns meses atrás, ele comprou um grande estoque de estereoscópios, o sr. Fred, quando ganhou dinheiro com uma invenção sua. Mas não estão vendendo. As pessoas querem que a peça venha com imagens, mas ele quase não tem.

— Ele precisa tirar algumas.

— Diga isso a ele. Eu já tentei, mas ele não me ouve.

— De que tipo os clientes mais gostam?

— As de paisagens são as melhores. O estereoscópio causa um efeito diferente nas fotos. Depois, vêm as imagens humorísticas, as sentimentais, românticas, religiosas e as assustadoras. Ah, sim, e as do movimento contra a bebida. Mas o sr. Fred não quer nem saber destas. Diz que são vulgares.

Quando Frederick retornou a casa, às seis horas, ela já começara a esboçar uma relação completa do balancete da loja, discriminando com precisão o que eles haviam recebido e gastado nos últimos seis meses, desde que Webster Garland partira para o Egito.

— Formidável! — ele disse entusiasmado, guardando a câmera e a câmara escura antes de fechar a porta da loja.

— Precisarei de mais um ou dois dias para conseguir pôr tudo em ordem — ela disse. — E você precisa me esclarecer o que dizem algumas destas notas. Esta é a sua letra?

— Sinto dizer que sim. Como está a situação? A coisa está feia? Estou falido?

— Precisa se apressar para pagar as contas que deve. Há uma dívida de 56 libras e sete xelins de meses atrás, e vinte guinéus do mês passado. Caso consiga obter essa quantia, terá pago quase todas as suas dívidas. Mas precisa ser disciplinado e manter o registro apropriado de tudo.

— Não tenho tempo.

— Precisa arranjar tempo. É importante.

— Isso é tedioso demais.

— Então pague alguém para fazer o serviço por você. Tem que ser feito ou irá à falência. Você não precisa ganhar mais dinheiro — apenas administrar bem o que tem. E acredito que há meios de você ganhar mais.

— Gostaria desse emprego? — Eu?

— Ele a fitava um tanto sério. Seus olhos eram verdes. Ela não havia notado antes.

— E por que não? — ele disse.

— Eu, eu não sei — ela disse. — Fiz isso hoje porque... Bem, precisava ser feito. Em retribuição a sua ajuda por tentar desvendar... Quero dizer, você precisa de um consultor experiente. Alguém que possa assumir o controle da parte administrativa da loja...

— Bem, você quer fazer isso?

Ela fez que não com a cabeça, então deu de ombros, fez que sim involuntariamente, e então voltou a erguer os ombros brevemente. Ele riu e ela corou.

— Olhe — ele disse. — Me parece que você é a pessoa certa para o trabalho. Além disso, precisará de uma fonte de renda. Como vai sobreviver... E não quer ser governanta, quer?

Ela estremeceu.

— Não!

— Uma enfermeira ou cozinheira? Claro que não. E você é capaz de exercer a função e parece ser boa nisso.

— Amo fazer isso.

— Bem, por que está hesitante?

— Está bem, eu aceito. Aceito, e obrigada.

Eles deram um aperto de mão e acertaram alguns termos. O primeiro pagamento seria em forma de estada e comida; não havia como remunerá-la em dinheiro, visto que não havia dinheiro, enquanto não fizessem caixa, como ela bem apontou. Quando a loja comesçasse a ter lucro, ela passaria a ganhar 15 xelins por semana.

Uma vez acertados os detalhes, Sally ficou radiante de felicidade; e para comemorar o acordo, Frederick encomendou uma torta de carne no restaurante da

esquina, especializado em costeletas. Eles cortaram a torta em quatro, guardaram um pedaço para Rosa e se sentaram à bancada do laboratório para comer. Trembler fez café, e enquanto o tomava Sally se perguntava o que havia de tão peculiar naquele lar. Havia algo a mais por trás da rotina de não lavar pratos, comer em uma bancada de laboratório em horários esdrúxulos. Ela tentou montar aquele quebra cabeça, sentada em uma poltrona velha e capenga, ao lado da lareira da cozinha, enquanto Trembler lia o jornal à mesa e Frederick assobiava suavemente ao manusear químicas em um dos cantos do recinto. Ainda não havia encontrado a resposta quando, bem mais tarde, Rosa chegou, com frio e fazendo barulho e segurando um enorme abacaxi, triunfante; acordou Sally (que adormecera ali mesmo nos fundos da loja) e repreendeu os demais por não haverem mostrado o quarto de dormir à hóspede. Sally ainda estava encasquetada com a pergunta que fizera a si mesma quando se deitou tremendo de frio na estreita cama e puxou as cobertas. Mas pouco antes de adormecer, ela obteve a resposta. Claro, pensou. Eles não consideram Trembler um criado. E eles não me tratam como uma garota. Somos todos iguais. Isto é o que há de tão peculiar nesse arranjo familiar...



A VIAGEM A OXFORD

A sra. Holland tomou conhecimento da morte do sr. Hopkins por uma de suas comadres, uma mulher que praticava atividades sujas a poucas quadras da estalagem, no asilo São Jorge — que abrigava pessoas muito pobres em troca de trabalhos desagradáveis e árduos. A tal mulher ouvira a notícia de uma operária que morava no asilo, que por sua vez ficara sabendo do assassinato pelo irmão, que era varredor de rua, que ouviu a história quando limpava uma via em que se encontrava um vendedor de jornal, cujo primo conversara com o homem que encontrou o corpo; e dessa forma, por mexericos, as notícias do mundo do crime londrino se espalhavam de um canto a outro da cidade. A sra. Holland ficou praticamente sem ar, tamanha sua cólera pela incompetência do sr. Hopkins: deixar-se morrer de forma tão submissa! Obviamente, a polícia nunca encontraria o assassino, embora a sra. Holland estivesse determinada a achá-lo. O anúncio se propagou como fumaça pelos becos, pátios, ruas e ancoradouros e por toda a zona portuária: a sra. Holland, do Ancoradouro do Carrasco, daria uma boa recompensa por informações sobre o assassinato de Henry Hopkins. Ela espalhou a notícia e esperou. Alguma informação surgiria; e não tardaria muito.

Outro cidadão já estava sendo perseguido pela sra. Holland. Este era Samuel Selby.

A carta que ela enviara o pegou completamente de surpresa. Imaginara impossível ser chantageado; as pistas haviam sido muito bem apagadas. E logo alguém de Wapping, de todos os lugares...

Contudo, após alguns dias de silencioso pânico, ele reformulou seu raciocínio.

Havia elementos na carta dos quais ninguém deveria jamais saber — isto era bem verdade. Porém as informações ainda mais comprometedoras não haviam sido mencionadas. E onde estavam as provas? Onde estavam as faturas, o conhecimento da carga do transporte marítimo, os documentos do navio que poderiam arruiná-lo? Não havia sequer alusão a isso.

Não, ele pensou, quiçá a situação fosse menos grave do que aparentava. Mas é prudente me assegurar...

Portanto, escreveu uma carta.

Samuel Selby,
Agente Marítimo,
Cheapside.
Terça-feira, 29 de outubro de 1872.

Sra. M. Holland
Estalagem Holland
Ancoradouro do Carrasco
Wapping

Prezada sra. Holland,

Agradeço seu comunicado enviado no dia 25. Venho por meio desta informar que a proposta de seu cliente é de meu interesse e gostaria de convidá-la ao meu escritório às 10h da manhã, na quinta-feira do dia 31.

Atenciosamente,
Seu humilde criado,
S. Selby.

Veremos, ele pensou, ao postar a carta. Estava inclinado a duvidar da existência de tal cliente, o misterioso cavalheiro. Não passava de falatório de cais do porto, mexerico. Nada além disso.

A manhã daquela quarta-feira era fria, de intensa neblina. Frederick anunciou a Sally, durante o café da manhã, ovos cozidos na chaleira, que ele a acompanharia a Oxford. Assim teria a oportunidade de tirar algumas fotos, ele disse; além disso, ela poderia precisar de alguém para mantê-la acordada no trem, caso estivesse tentada a adormecer como da última vez. O tom era descontraído, mas Sally sabia que I Frederick estava preocupado com sua segurança. E a verdade era que sem sua arma ela se sentia vulnerável; e a companhia dele a agradava.

A viagem foi breve. Ao meio-dia, já haviam chegado a Oxford e almoçado no hotel Railway. Sally conversara descontraidamente no trem — conversar com Frederick, ouvi-lo, parecia a coisa mais natural e agradável do mundo; porém, uma vez sentada à mesa em frente a ele, com talheres, guardanapos e copos, parecia que um gato havia comido sua língua.

— Por que essa carranca? — ele perguntou finalmente.

Ela estivera todo o tempo com os olhos fixos no prato, procurando algo

para dizer. E agora ruborizava.

— Não fiz carranca alguma — ela respondeu, soando petulante e infantil, e se dando conta disso em seguida. Ele ergueu a sobrancelha e não fez comentários.

Em resumo, a refeição não foi das mais agradáveis e os dois se retira iam tão logo acabaram de comer; ela para tomar uma carruagem de aluguel até o vicariato São João, ele para fotografar alguns edifícios.

— Tenha cuidado — ele disse, quando ela partia. Ela quis voltar e explicar o seu silêncio durante o almoço, mas já era tarde.

O vicariato São João ficava a cerca de 3 quilômetros do centro de Oxford, no vilarejo de Summertown. O veículo tomou a estrada Banbury, passando pelas recém-construídas casas de campo da rua North Oxford, todas de tijolos. O vicariato estava localizado ao lado da igreja, em uma pequena e tranquila estrada repleta de olmos.

A névoa da manhã já se dissipara e o pálido sol brilhava timidamente quando Sally bateu na porta.

— O vigário não se encontra, mas o sr. Bedwell pode recebê-la, senhorita — disse a criada que abriu a porta para Sally. — Por aqui, por favor...

O reverendo Nicholas Bedwell era um homem baixo e forte, louro, de expressão alegre. Seus olhos se arregalaram ao vê-la entrar e ela percebeu surpreendida que ele a observava admirado. Ele ofereceu uma cadeira para que Sally se sentasse e afastou a sua da mesa para poder se sentar de frente para ela.

— Pois bem, srta. Lockhart, em que posso lhe servir? Proclamas de casamento?

— Tenho notícias sobre seu irmão.

Ele deu um salto da cadeira e um entusiasmo súbito invadiu sua face.

— Eu sabia! — ele exclamou, batendo um dos punhos sobre a palma da mão. — Ele está vivo? Matthew está vivo?

Ela confirmou com a cabeça.

— Diga-me! — ele disse, com os olhos azuis em chamas. — Diga-me tudo o que sabe!

— Ele se encontra em uma estalagem em Wapping. Está lá há mais ou menos uma semana, suponho, e... fumando ópio. Não creio que consiga sair de lá por conta própria.

O rosto do cura se fechou na mesma hora, e ele se afundou na cadeira. Sally contou sucintamente como ficara sabendo disso e ele a escutou com atenção, balançando a cabeça negativamente quando ela terminou o relato.

— Há dois meses recebi um telegrama — ele disse. — Disseram-me que ele estava morto, que o navio em que estava havia afundado. A escuna *Lavinia*. Ele era o segundo imediato do navio.

— Meu pai estava a bordo — disse Sally.

— Oh, minha cara jovem! — ele exclamou. — Eles disseram que não houve sobreviventes.

— Ele morreu afogado.

— Sinto muito...

— Mas o senhor disse que sabia que ele estava vivo?

— Somos gêmeos, srta. Lockhart. Durante toda nossa vida nós sentimos as emoções um do outro, o que cada um estava fazendo, e eu tinha certeza de que ele não estava morto. Tinha tanta certeza disso quanto tenho da existência desta cadeira! — ele bateu no braço da cadeira em que estava sentado. — Nem uma ponta de dúvida! Mas não sabia o paradeiro dele. A senhorita mencionou ópio...

— É provavelmente por esse motivo que ele não consegue sair dela.

— Essa droga é uma invenção do demônio. Já arruinou mais vidas, desperdiçou mais fortunas e envenenou mais corpos que o álcool. Há momentos, sabe, em que sinto vontade de deixar esta paróquia para dedicar minha vida a lutar contra isso... Meu irmão se viciou há três anos, no Oriente. Eu... eu também senti quando ele teve sua primeira experiência. E a não ser que isso acabe, a não ser que ele largue o ópio, essa droga vai acabar matando-o.

Sally ficou em silêncio. O cura olhava sério para a lareira apagada, como se as cinzas que ali estavam fossem as da droga. Os punhos se fechavam e abriam lentamente; Sally notou que eram grandes e fortes e tremendamente ameaçadores. O rosto tinha marcas de desgaste; as bochechas tinham cicatrizes e o nariz era levemente torto. Com exceção das vestimentas, nada nele se assemelhava a um clérigo.

— Mas veja bem, senhor — ela disse momentos depois —, seu irmão sabe algo sobre a morte de meu pai. Só pode ser isso. A menina disse que ele tinha um recado para mim.

Ele olhou para ela de repente.

— Pois sim, claro, perdoe-me. Isto lhe diz respeito também, não é verdade? Bem, vamos ao que interessa. Precisamos tirá-lo daquele lugar o quanto antes. Não posso deixar a paróquia hoje nem amanhã, oração esta tarde e um funeral amanhã... — Ele folheava um diário.

Na sexta-feira estarei livre. Bem, não há nada que não possa ser adiado. Há um homem em Balliol que fará a missa por mim. Assim, poderemos tirar Matthew de lá na sexta-feira.

— Mas e a sra. Holland?

— O que tem ela?

— Adelaide disse que ela o mantém prisioneiro e que...

— É o ópio que o mantém prisioneiro. Estamos na Inglaterra! Não se pode

manter alguém preso contra sua vontade.

A expressão dele era tão obstinada que Sally sentiu pena de quem o tentasse deter.

— Contudo, há um porém — ele prosseguiu, agora mais calmo. — Ele precisará de um pouco da droga imunda por um tempo até que possa ser tratado. Eu o trarei para cá e o ajudarei a se recuperar, mas, a princípio, sem a droga ele não conseguirá seguir adiante. Terei de curá-lo do vício pouco a pouco...

— Como conseguirá tirá-lo de lá?

— Com meus punhos, se for necessário. Ele virá. Mas... Olhe, poderia fazer algo por mim? Poderia me ajudar a encontrar um pouco da droga?

— Posso tentar. Claro que tentarei. Mas não a vendem em Oxford? Em uma farmácia?

— Apenas na forma de láudano. E o viciado precisa da pasta, ou resina, ou seja lá o que for essa droga do diabo. Sinto muito em ter que lhe pedir este favor, mas se não a encontrarmos teremos que tentar assim mesmo.

— Certamente, posso tentar — ela disse.

Ele pôs a mão no bolso e tirou três moedas de ouro no valor de 20 xelins.

— Tome. Compre o máximo que puder. E caso Matthew não necessite delas, pelo menos a droga estará fora do alcance de algum outro infeliz.

Ele a levou até a porta e os dois se cumprimentaram com um aperto de mãos.

— Obrigado por vir — ele disse. — É um grande alívio saber onde ele está. Na sexta-feira, então, irei à sua residência na rua Burton. Espere-me por volta do meio-dia.

Sally foi caminhando de volta a Oxford para economizar o dinheiro do táxi. A estrada era larga e agradável, repleta de carroças e carruagens; as casas silenciosas e seus jardins frondosos pareciam vir de outro planeta, distinto da escuridão e mistério e mortes súbitas, para os quais ela voltava. Passou por uma casa onde três crianças, a mais velha um pouco mais nova que ela, preparavam uma fogueira ao ar livre, em um alegre e desordenado jardim. Seus gritos e gargalhadas a deixaram frustrada e desanimada; para onde fora sua infância? E, no entanto, há pouco mais de uma hora suas bochechas queimavam de constrangimento, porque ainda era uma criança e não tinha a desenvoltura de um adulto. Daria tudo para poder esquecer Londres, a sra. Holland e As Sete Bênçãos e morar em uma dessas espaçosas e confortáveis casas, com crianças e bichos, fogueiras, lições e brincadeiras... Talvez não fosse tarde demais para ser governanta ou babá ou...

Sim, era tarde demais. Seu pai estava morto, algo de muito errado acontecia, que só ela, mais ninguém, poderia solucionar. Apertou o passo e entrou na

larga rua Santo Egídio, que levava ao centro da cidade.

Faltava cerca de uma hora e meia para se encontrar com Frederick. Inicialmente, contemplou a paisagem, sem grande entusiasmo, pois os antigos edifícios da universidade não lhe interessavam muito. Foi então que avistou uma loja de fotos e se encaminhou para lá de imediato. Ali ficou por uma hora, conversando com o proprietário e verificando o que havia no estoque. Ao sair do estabelecimento se sentia muito mais leve e contente, e esquecera por completo (pelo menos temporariamente) de Wapping, do ópio e do Rubi.

— Eu sabia que deveria ter vindo a Oxford — Frederick disse no trem. — Você nunca adivinhará com quem estive conversando esta tarde.

— Então me conte — ela disse.

— Bem, fui a New College visitar um velho amigo dos tempos da escola. E ele me apresentou a um colega chamado Chandra Sen, um indiano. Veio de Agrapur.

— É mesmo?

— É matemático. Um sujeito instruído e muito sério. Enfim, conversamos sobre críquete por um momento e então ele ficou um pouco mais descontraído. Foi quando perguntei o que ele sabia a respeito do Rubi de Agrapur. Ele ficou perplexo. Aparentemente, há mais histórias sobre essa pedra na Índia do que qualquer outra. E ninguém mais a viu desde o Motim. O marajá foi assassinado, sabia?

— Quando? Por quem?

— Foi durante esse período, pois seu corpo foi encontrado após a libertação da cidade de Lucknow. Mas ninguém sabe quem o matou. O Rubi desapareceu e nunca mais o encontraram. Havia tantos distúrbios na época e tanta morte e destruição... Ele me perguntou como fiquei sabendo da história e respondi que li em um velho livro de viagens. Ele então me disse algo muito estranho. Não acreditava na história, por ser um homem muito racional, mas diz a lenda que o demônio que habita a pedra não descansaria enquanto não encontrasse uma mulher que estivesse a sua altura. Perguntei o que isso queria dizer e ele me respondeu, quase desdenhosamente, que não fazia ideia, que era apenas uma superstição. Bom sujeito, porém um pouco vaidoso demais. Enfim, mais uma informação, mesmo que não saibamos o que signifique.

— O major Marchbanks diz, no início do livro, que o clímax era... Não me recordo as palavras exatas, mas... horrível, acho que foi o que ele disse...

— O assassinato do marajá. Você acredita que ele fez isso?

— Não, impossível.

Ela fez que não com a cabeça e ambos ficaram em silêncio por um tempo. Então ele disse:

— E o que você descobriu? Me disse, na estação, que tinha algo para me

contar.

Com certo esforço ela conseguiu afastar os pensamentos da Índia.

— Estereogramas — ela disse. — Passei cerca de uma hora em um laboratório de fotografia no centro de Oxford. Faz ideia de quantas pessoas passaram por lá para comprar, enquanto eu estava lá? Seis, em apenas uma hora. Você sabe quantas já foram a sua loja perguntando por eles?

— Não tenho a mais vaga ideia.

— Trembler diz que há mais pessoas interessadas nessas fotos do que em qualquer outra coisa. E por que comprar tantos estereoscópios se você não os vende junto com as fotografias?

— Nós vendemos as câmeras estereográficas, as pessoas podem tirar suas próprias fotos.

— Elas não querem. Tirar esse tipo de fotos é tarefa de um profissional. E, além disso, as pessoas gostam de fotos de lugares longínquos, de outros países e coisas do gênero, imagens às quais não tem acesso cotidianamente. — Mas...

— Os clientes poderiam comprar as fotos como compram livros e revistas. Comprariam milhares! Que tipo de fotos você tirou hoje? — Prédios e afins.

— Bem, você poderia tirar fotos de lugares como Oxford e Cambridge e vender como coleção. As faculdades de Oxford, ou as pontes de Londres, castelos famosos, honestamente, Frederick, você poderia vender milhares de fotos.

Ele coçava a cabeça. O cabelo bicolor estava rigidamente arrepiado e o rosto, dinâmico e vivido, característica que compartilhava com a irmã, parecia se esforçar por controlar três ou mais expressões distintas e simultâneas.

— Não sei — ele disse. — Seria algo simples, tanto quanto tirar uma foto convencional. Mas não saberia como vendê-las.

— Mas eu saberia.

— Ah, bem, aí é diferente. Mas saiba que a fotografia está mudando. Em alguns anos, não estaremos mais usando essas placas enormes e pouco práticas. Haverá negativos em papel com câmeras levíssimas. Trabalharemos em ritmo vertiginoso. Há muitas experiências em progresso... Bem, eu mesmo tenho as minhas. E no futuro ninguém mais usará essas estereografias ultrapassadas.

— Mas estou falando do presente. Neste momento, as pessoas as querem e pagarão por elas. E como você realizará algo incrível no futuro se não conseguir ganhar dinheiro agora?

— É, talvez tenha razão. Alguma outra ideia?

— Várias. Para começar, uma nova forma de exposição das mercadorias da loja. E fazer propaganda. E...

Ela se calou e olhou pela janela. O trem passava ao longo do Tâmisa. A tarde daquele fim de outono escurecia rapidamente e o rio estava cinza e frio.

Aquelas águas logo transcorreriam pelo Ancoradouro do Carrasco, ela pensou. Ambos vamos naquela direção.

— O que foi? — ele perguntou.

— Frederick, pode me ajudar a comprar ópio?



MADAME CHANG

Na tarde seguinte, Frederick levou Sally a East End. Um ano antes, ele ajudara o tio com um projeto de fotografar o cotidiano da vida londrina, utilizando uma luz experimental de magnésio. A luz fora apenas parcialmente exitosa, porém Frederick havia feito contatos no decorrer do projeto, um deles era a proprietária de um covil de ópio, em Limehouse: uma senhora de nome Madame Chang.

— A maior parte desses lugares é abominável — ele disse, ao se sentarem no ônibus. — Um pedaço de madeira sobre o qual se deitar, um cobertor imundo, um cachimbo e nada mais. Mas Madame Chang sabe cuidar de seus clientes e mantém o lugar limpo. Suponho que seja porque ela não faz uso da droga.

— Eles são sempre chineses? Por que o governo não os detém?

— Porque é o próprio governo quem cultiva e vende o produto e obtém um lucro considerável com esse negócio.

— Mas é claro que isso não é verdade.

— Você não sabe nada de história?

— Bem... Não.

— Nós entramos em uma guerra há trinta anos por causa do ópio. Os chineses se opunham à entrada de mercadores ingleses que contrabandeavam o ópio dentro do país deles e tentaram banir a droga na China. Por isso entramos em guerra e os forçamos a aceitar. O cultivo é feito na Índia, sob a supervisão do governo britânico.

— Mas isso é horrível! O governo continua a fazer isso? Não posso acreditar.

— Pergunte você mesma à Madame Chang. Hora de saltar; continuamos a conversa no caminho.

O ônibus fez sua parada na estação das Docas Índia Ocidental. Ao passarem pelo portão de entrada do cais, uma fileira de armazéns se estendia por quase um quilômetro à esquerda e sobre seus telhados se viam mastros de navios, lanças de guindastes apontando para o céu cinzento como dedos esqueléticos.

Eles seguiram pela direita, em direção ao rio. Passaram pela larga quadra

de escritórios, Escritórios das Docas, onde o pai deveria ter ido muitas vezes a negócio, ela supôs, e em seguida entraram por uma ruela e por entre um labirinto de vielas e ruas perpendiculares. Algumas delas nem tinham nomes, mas Frederick conhecia o caminho e não hesitou em momento algum. Crianças descalças, sujas e maltrapilhas brincavam entre o lixo e os córregos de água fétida, que escoava abundantemente ao longo da rua de paralelepípedos. Mulheres nas soleiras das portas de casa se calavam ao vê-los passar e os encaravam com olhares hostis, braços cruzados, até perdê-los de vista. Pareciam tão envelhecidas, pensou Sally: mesmo as crianças tinham rostos tensos e envelhecidos. Homens apoiados na parede, outros agachados no degrau da porta; as roupas surradas e coalhadas de sujeira, o ódio transbordava de seus olhos. Um deles se levantou e outros dois se afastaram da parede quando Frederick e Sally se aproximaram, como se os desafiando. Mas o rapaz não alterou o passo. Caminhou diretamente sem mudar seu rumo e os homens se dispersaram no último momento, desviando o olhar.

— Desempregados, pobres coitados — Frederick disse, assim que viraram a esquina. — O que resta é a rua ou o asilo, e quem escolheria o asilo?

— Mas deve haver trabalho nos navios ou nas docas, ou algo assim. Estão sempre precisando de mão de obra, não?

— Não. Sabe, Sally, em Londres há coisas que fazem o ópio ser (ao pouco prejudicial quanto chá.

Ela imaginou que ele se referia à pobreza. E, ao olhar a sua volta, leve de concordar.

Pouco depois, eles chegaram a uma pequena porta de madeira incrustada na parede de um beco encardido. Havia uma placa ao lado da porta, com caracteres pretos em chinês sobre fundo vermelho. Frederick tocou a campainha e após alguns minutos a porta se abriu e um chinês apareceu. Ele vestia um largo robe de seda preta, um barrete e uma pequena trança. Fez uma reverência e abriu passagem.

Sally olhou ao redor. Encontravam-se em um hall forrado com papel de parede delicadamente pintado. A madeira dos móveis era envernizada com um vermelho intenso e lustroso e uma lanterna adornada pendia do teto. Havia um cheiro doce e forte no ar.

O criado se retirou para em seguida voltar acompanhado de uma senhora chinesa de meia-idade, vestida com um penhoar suntuoso e enfeitado. Os cabelos estavam impecavelmente presos, e ela usava calças pretas de seda por debaixo do penhoar e sandálias vermelhas sob os pequeninos pés. Ela os reverenciou e fez um gesto na direção do interior da casa.

— Por favor, me conceda o prazer de mostrar meu humilde lugar de trabalho — ela disse. Sua voz era suave e melódica e ela quase não tinha sotaque. — O senhor é o sr. Frederick Garland, o artista fotográfico. Mas ainda não tive a

honra de conhecer sua bela companhia.

Eles entraram em uma sala. Enquanto Frederick explicava quem era Sally e o que buscavam, Sally olhava tudo, maravilhada. Havia pouca luz no ambiente; apenas duas ou três lanternas chinesas penetravam a escuridão enfumaçada. Tudo que pudesse ser pintado ou laqueado no local tinha a mesma cor vermelha e intensa, as ombreiras da porta e as quinas no teto eram adornadas com dragões entalhados em ouro. A sensação era de opressiva riqueza. O lugar parecia a personificação dos sonhos de todos aqueles que haviam estado ali em busca de esquecimento. Ao longo das paredes — era um longo e amplo espaço — havia sofás na altura do chão e em cada um deles havia um homem deitado, aparentemente adormecido. Não! Havia uma menina, pouco mais velha que Sally; e outra ali, de meia-idade; bem-vestida, aliás. Então um dos clientes se agitou e o velho criado se apressou em sua direção com um longo cachimbo e se ajoelhou para prepará-lo.

Frederick e Madame Chang conversavam em voz baixa, atrás de Sally. Ela procurou um lugar para se sentar; estava tonta. A fumaça do recém-aceso cachimbo chegara até ela, doce, tentadora e misteriosa. Ela respirou fundo mais uma vez e...

De repente, escuridão. Calor sufocante.

Ela estava no pesadelo.

Ficou imóvel, olhos bem abertos, examinando a escuridão. Um medo convulsivo comprimiu seu coração. Tentou se mover, mas não conseguiu — ainda assim não se sentiu presa; as pernas estavam fracas demais.

Sabia que momentos atrás ela estava acordada...

Mas tinha tanto medo. O medo só fez crescer. Desta vez era pior do que das anteriores, pois era tão mais vivido. E sabia que a qualquer momento, próximo a ela, em meio à escuridão, um homem começaria a gritar, e Sally chorou de temor. E então o pesadelo teve início.

O grito rasgou a penumbra, como uma espada afiada. Ela pensou que fosse morrer de tanto medo. Porém havia vozes! Isto era novo — e não conversavam em inglês, embora Sally conseguisse entender o que diziam...

— *Onde está?*

— *Não está comigo! Eu imploro, suplico, está com um amigo.*

— *Eles estão vindo! Rápido!*

De repente, um som tenebroso de um instrumento cortante penetrando a carne, som de algo se rasgando, ecoou, seguido de um súbito sobressalto e de um gemido, como se todo o ar houvesse sido forçado a deixar o pulmão de um homem, de uma só vez; e finalmente um esguicho, um ostensivo barulho que se dissipou gradualmente em uma gota.

Luz.

Havia um fio de luz vindo de algum lugar. (Oh, mas ela estava acordada,

naquele covil de ópio! Isto era impossível).

E não conseguia escapar do sonho. Ele se desvelava sem cessar, e ela teria que viver tudo aquilo até o fim. Sabia o que viria a seguir: uma vela gotejante e a voz de um homem...

— Olhe, olhe para ele! Meu Deus!

Era a voz do major Marchbanks!

Esta era a parte em que ela sempre despertava, porém algo novo acontecia. A luz se aproximou e parou, e o rosto de um jovem apareceu. Ele a olhava: era severo, com bigodes escuros, olhos brilhantes, e tinha uma gota de sangue na face.

Na mesma hora ela ficou petrificada de medo. Estava quase perdendo a razão. Pensou: “vou morrer” — ninguém pode chegar a ter tanto medo assim sem morrer ou enlouquecer...

Um sopro brusco atingiu sua face. O som do sopro, ela ouviu apenas um segundo depois; as coisas estavam desconjuntadas, fora de ordem, e a escuridão voltou a reinar. Sally teve uma sensação desoladora de perda.

Foi então que acordou, de joelhos, o rosto úmido pelas lágrimas. Frederick estava ajoelhado ao lado dela, e, instintivamente, Sally envolveu seus braços ao redor do pescoço dele e chorou. Ele a abraçou com força sem dizer nada. Estavam no hall. Como havia chegado até ali? Madame Chang se encontrava um pouco mais afastada, observando tudo atentamente.

Ao ver Sally recuperar a consciência, se aproximou e se curvou.

— Por favor, sente-se no divã, srta. Lockhart. Li Ching trará algo de beber.

Ela bateu com a palma das mãos. Frederick ajudou Sally a se sentar no divã forrado com seda e o velho criado lhe ofereceu uma xícara de porcelana contendo um líquido quente e cheiroso. Ela deu um gole e aos poucos sua mente se tornou mais clara.

— O que aconteceu? Quanto tempo fiquei...

— Você foi afetada pela fumaça — disse Frederick. — Deve ter inalado mais do que deveria. No entanto, uma reação assim tão forte é muito incomum, não acha, Madame Chang?

— Este não foi o primeiro contato que ela teve com a fumaça — disse a senhora, ainda de pé, imóvel, na penumbra.

— Mas nunca fumei ópio na vida! — exclamou Sally.

— Ouso contradizê-la, srta. Lockhart. Mas a senhorita já inalou a fumaça anteriormente. Já assisti a milhares de pessoas em contato com a droga e sei do que falo. O que viu em sua alucinação?



EMPRESA DE REPERTÓRIO ESTEREOGRÁFICO

Ao retornarem de Limehouse, Sally foi direto para a cama e dormiu sem sonhar por um bom tempo. Acordou assim que amanheceu. O céu estava iluminado e azul; os horrores do ópio e das mortes pareciam ter se dissipado com a noite, e ela se sentia tranquila e confiante.

Após se vestir rapidamente e acender a lareira da cozinha, decidiu conhecer o resto da casa. A própria Rosa sugerira isso na manhã anterior: achava que estavam desperdiçando espaço. Quem sabe não haveria um lugar para inquilinos.

Sally concordou. A casa era muito maior do que aparentava, para quem a via da rua. Possuía três andares, incluindo o sótão e o porão, e um longo pátio nos fundos. Havia dois quartos repletos de aparatos fotográficos, além do quarto de revelação e do laboratório. O aposento ao lado da loja, no andar térreo, estava sendo usado como estúdio para retratos. Um dos quartos do segundo andar estava ocupado com uma miscelânea de coleções, o que fez Sally pensar ter entrado em um museu; mas havia dois quartos vazios no sótão e outros três que poderiam se tornar quartos bem confortáveis, uma vez decentemente mobiliados.

As impressões do passeio foram divididas com os demais moradores durante o café da manhã, preparado por ela — mingau, que julgou estar muito gostoso.

— Frederick, você está ocupado nesta manhã?

— Incrivelmente. Mas nada que não possa esperar.

— Rosa, terá que sair para ensaiar?

— Só depois da uma da tarde. Por quê?

— Trembler, pode me dedicar um pouco de seu tempo?

— Não sei, senhorita. Tenho pendências para terminar.

— Não vai demorar muito. Apenas gostaria de lhes falar sobre como podemos ganhar dinheiro.

— Bem, para isto — disse Rosa — temos todo o tempo que desejar. Como?

— Foi uma ideia que tive em Oxford. Comecei a contá-la a Frederick no

trem.

— Mmm — ele disse. — Estereoscópios.

— Não se trata deles especificamente, mas das fotos que os acompanham. As pessoas estão sempre querendo elas. Eu estava vendo o restante da casa hoje pela manhã e de repente me dei conta do que podemos fazer aqui. Há um quarto que está cheio de coisas estranhas — lanças e tambores, ídolos e nem sei mais o quê.

— É o escritório do tio Webster — Rosa disse. — Ele vem colecionando aquilo tudo há anos.

— Bem, essa é uma parte — prosseguiu Sally. — A outra depende de você, Rosa. Acha que seria possível contar uma história em fotografias? Usando pessoas, atores em situações dramáticas, como em uma peça de teatro, com cenários e coisas do gênero?

Todos ficaram em silêncio por um instante.

— Acha que isso seria rentável? — perguntou Rosa.

— Venderia mais que benditas tortas assadas — disse Trembler. — Se me derem mil, as venderei antes do jantar. Claro que são rentáveis.

— Propaganda — disse Sally. — Poderíamos usar uma coluna nos jornais. Precisamos pensar em um nome interessante para elas. Posso cuidar de tudo, será fácil. Mas como as produziríamos?

— Não há mistério — disse Rosa. — É uma ideia maravilhosa! Poderíamos tirar fotos de cenas de peças populares...

— E vendê-las no teatro!

— Música — disse Trembler. — Fotografias para ilustrar todas as músicas inéditas nos teatros de variedades.

— Com anúncios no verso — disse Sally. — E assim ganharíamos um extra para cada foto vendida.

— Sally, é uma ideia brilhante! — disse Rosa. — E com todos aqueles acessórios!

— E há espaço lá fora para um estúdio de verdade. De um verdadeiro artista. Com lugar para cenários, locações e tudo o mais.

Todos olharam para Frederick, que ainda não se manifestara. Sua expressão era de resignação. Ele abriu as palmas das mãos.

— O que posso fazer? — disse. — Adeus, arte!

— Oh, não seja tolo — disse Rosa. — Crie arte a partir disso. Ele se virou para ela. Sally pensou: eles são como panteras; são tão vivos e intensos...

— Tem razão! — ele disse subitamente, e bateu com as mãos na mesa.

— Não acredito — disse Rosa.

— Claro que ela está certa, tolinha. Percebi na hora. E é o que vamos fazer. Mas e quanto às dívidas?

— Primeiramente, ninguém está realmente nos cobrando dinheiro. Devemos muito, mas se mostrarmos que estamos nos esforçando para saldar as dívidas, creio que dará tudo certo. Em segundo lugar, há os que nos devem dinheiro. Enviarei lembretes ainda hoje. E terceiro, Rosa disse algo a respeito de inquilinos. Resta um quarto vazio, mesmo comigo morando aqui. Isso traria renda estável, mesmo que alguns xelins por semana. E, por último, há o estoque de produtos. Frederick, gostaria que você verificasse comigo, agora pela manhã, o que temos, e assim poderemos nos desfazer de tudo que esteja fora de uso ou que seja desnecessário. Faremos uma promoção. Assim, poderemos angariar dinheiro com rapidez para pagar pelos anúncios. Trembler, você poderia começar pelo pátio? Precisamos de um espaço aberto e limpo. Rosa...

Ela percebeu que todos olhavam para ela espantados. E então Frederick sorriu e ela sentiu a face queimar de vergonha. Olhou para o chão, confusa.

— Me desculpem! Não foi minha intenção sair dando ordens... Pensei que... Não sei onde estava com a cabeça. Sinto muito.

— Que besteira! É isto o que queremos! — disse Frederick. — Precisamos de um gerente. É isso o que você é.

— Começarei agora mesmo — disse Trembler, deixando a mesa.

— E eu vou lavar a louça — disse Frederick. — Só dessa vez. Ele as retirou e saiu.

Rosa disse:

— Sabe, você consegue ter duas personalidades bem diferentes.

— Eu?

— Quando você está no comando é tão forte...

— Eu?

— E quando não está, fica tão quieta que nem parece estar presente.

— Que horrível! Sou muito mandona? Não é minha intenção.

— Não! Não quis dizer isso, de forma alguma. É que parece que você sabe exatamente o que fazer enquanto nem eu nem Fred temos a mais vaga ideia... É maravilhoso!

— Rosa, sei tão pouco! Nem mesmo sei conversar com as pessoas. E o que sei é tão... não sei como me expressar. Apenas não é o tipo de conhecimento que uma garota deveria ter. Amo o que faço. Não posso explicar quanto amo o que faço, apenas não é... Me sinto culpada, de certa forma. Como se eu devesse ser normal, saber costurar e ser prendada.

Rosa deu uma risada. Ela era magnífica; a luz do sol parecia irradiar seus cabelos como uma espuma sobre a rocha, que se desfaz em milhares de cintilantes fragmentos.

— Normal! — ela disse. — O que você acha que eu sou? Uma atriz, pouco

melhor do que uma mulher da vida! Meus pais me expulsaram de casa por causa da minha escolha. E nunca fui tão feliz, assim como você.

— Eles a colocaram para fora de casa? Mas e Frederick e seu tio?

— Fred teve uma terrível discussão com eles. Queriam que ele fosse para a universidade e seguisse todas essas formalidades. Meu pai é bispo. Foi horrível. O tio Webster é uma espécie de renegado, de qualquer forma, a ovelha negra da família. Mas não está preocupado. Fred trabalha com ele há três anos. Ele é um gênio. Os dois são. Sally, você já fez alguma coisa errada?

Sally piscou.

— Creio que não.

— Então não se sinta culpada. Está bem? — continuou. — Está bem... Está bem. Não me sentirei mais culpada!

— Ótimo!

Rosa deu um salto.

— Vamos dar uma olhada nos acessórios. Não entro naquele cômodo há séculos...

Eles trabalharam a manhã toda; e Trembler, contagiado pelo entusiasmo generalizado, vendeu um estereoscópio a um cliente que entrara apenas para marcar uma sessão de retratos. Finalmente, ao meio-dia, o reverendo Bedwell apareceu.

Sally estava atrás do balcão, escrevendo lembretes às pessoas que lhes deviam dinheiro. Ela ergueu os olhos e ao ver a figura forte do cura de São João, não o reconheceu de imediato, pois ele estava vestido com um velho casaco de lã e calça de veludo côtelé, sem a gola clerical. Na verdade, ele não vestia gola alguma e tinha a barba por fazer; tanta era a transformação de um cura dócil para um rufião mal-encarado que Sally foi tomada pelo impulso de convidá-lo para participar da peça estereográfica.

— Peço perdão — ele disse —, sei que não é o tipo de roupa apropriada para fazer uma visita. Meus trajes de pároco estão guardados em uma bolsa, no maleiro da estação Paddington. Só espero que haja uma cabine vazia na volta para casa, para me trocar. Não posso voltar para o vicariato assim...

Rosa entrou na loja, foi apresentada ao cura e prontamente o convidou a ficar para o almoço. Bastou olhar para ela e ele aceitou o convite. Pouco depois, estavam todos sentados à mesa, e, enquanto comiam pão, queijo e sopa servidos por Rosa, o cura explicou o que pretendia fazer.

— Tomarei um cabriolé de aluguel até o Ancoradouro do Carrasco e tirarei meu irmão de lá pelo pescoço. Ele não resistirá, mas a sra. Holland talvez... Enfim, eu o trarei para cá, se me permitirem, para que a srta. Lockhart possa ouvir o que ele tem a dizer, e em seguida voltaremos, os dois, para Oxford.

— Vou com você — Sally disse.

— Não, não vai — ele disse. Ele está em perigo e você também estará se ficar perto dessa mulher. — Eu irei — disse Frederick.

— Esplêndido. Já lutou boxe?

— Não, mas pratiquei esgrima na escola. Acredita que haverá briga?

— É por isso que estou vestido assim. É vergonhoso fazer os movimentos do boxe vestido como um clérigo. A verdade é que não sei o que esperar.

— Temos uma pequena espada no escritório — disse Rosa. — Querem levar? E quem sabe não posso te vestir de pirata, Fred. Uma venda no olho e um bigode grosso e escuro.

— Então poderíamos fotografá-los.

— Vou como estou — disse Frederick. — Se quisesse bigode deixaria crescer.

— Você e seu irmão são idênticos? — perguntou Rosa. — Já conheci gêmeos que eram, mas não se pareciam muito.

— Somos absolutamente indistinguíveis, srta. Garland. Com exceção do ópio; quem sabe? Caso eu houvesse sido tentado dessa forma, talvez estivesse na sarjeta como ele. Mas que horas são? Precisamos ir. Obrigado pela refeição. Nós voltaremos... em algum momento, mais tarde!

Ele partiu com Frederick e Rosa ficou sentada pensativa por um minuto.

— Gêmeos idênticos — ela disse. — Que grande oportunidade... Minha nossa! Que horas são mesmo? Vou chegar atrasada. O sr. Toole ficará furioso...

O sr. Toole era o empresário de atores com quem ela estava ensaiando e aparentemente um grande defensor de todo tipo de regra. Ela vestiu o casaco e saiu afobada.

Trembler voltou para o pátio, deixando Sally sozinha. A casa se tornou subitamente silenciosa e vazia. O sr. Bedwell havia deixado um jornal e ela o apanhou para ver os classificados. Leu que uma empresa chamada Companhia Estereográfica de Londres estava vendendo fotos recentes do sr. Stanley, o famoso explorador, e a última fotografia do dr. Livingstone. Havia dezenas de outros anúncios, porém nenhum oferecendo cenas dramáticas ou histórias em fotografia. O mercado seria de exclusividade deles.

Então seu olhar se ateve a um pequeno anúncio na coluna pessoal.

DESAPARECIDA. Desaparecida desde terça, dia 29 de outubro, uma JOVEM de 16 anos; esbelta, de cabelos louros e olhos castanhos; usava um vestido preto de musselina e um manto preto; ou um vestido verde-escuro de linho cru e sapatos com fivelas de metal. Levava consigo uma pequena maleta de couro com as iniciais V. L. Qualquer

informação será gratamente recebida pelo sr. Temple, do escritório de advocacia Temple & King, na Lincoln's Inn.

Um calafrio percorreu Sally e ela se sentiu extremamente exposta, como se toda a população de Londres estivesse a sua procura. Precisava trocar de roupa! E ficar dentro de casa o máximo possível. No entanto, não poderia ficar isolada para sempre; e obviamente Londres era grande o suficiente para se manter no anonimato...

O problema era que ela não sabia o quanto poderia confiar no sr. Temple. Parecia ser um bom homem e o pai depositara toda sua confiança no advogado; havia o porém das 10 mil libras desaparecidas (onde o bendito dinheiro poderia estar?); Sally simplesmente não se sentia segura em relação a ele. Certamente, ele já teria descoberto que ela não mais se encontrava na casa da sra. Rees; na angústia de encontrá-la, ele era capaz de chegar a entrar com pedido de tutela judicial de Sally. E o que ela ganharia com isso? Teria ainda menos liberdade do que antes.

Não, um dia procuraria o sr. Temple e explicaria tudo; mas até lá permaneceria com os Garland e evitaria sair à rua.

Por quanto tempo conseguiria ficar ali, sem dinheiro?

Quanto tempo quisesse, contanto que trabalhasse.

Lavou a louça e se sentou para rascunhar anúncios para os principais jornais. Aquilo a reanimou; então um cliente entrou na loja para reservar uma sessão de fotos para ele e sua noiva, e Sally destacou uma folha do livro de registros de Trembler e vendeu ao cliente um estereoscópio. Em breve, a loja teria a mais notável seleção de estereogramas de Londres, ela disse. O homem foi embora impressionado.

Mais tarde, porém, ela se pegou remoendo o Pesadelo: voltando ao calor sufocante, à escuridão, ao medo familiar e tenebroso... e aos novos elementos: as vozes...

— *Onde está?*

— *Não está comigo! Eu imploro, suplico, está com um amigo...*

— *Eles estão vindo! Rápido!*

Vozes que ela compreendia, embora não falassem em inglês. Uma estranha sensação, como se conseguisse ver através de uma parede. Mas claro! Era hindustâni! Quando mais nova, ela e o pai utilizavam a língua quando queriam compartilhar segredos. E o que estava sendo procurado? O que poderia estar com um amigo? Seria o tal Rubi? Impossível saber. E o rosto do pai, tão jovem, tão tenso; e a voz que apenas agora, após aquele dia desolador em Swaleness, ela sabia ser a do major Marchbanks...

Intensos calafrios gradualmente tomaram conta de seu corpo e nem mesmo o calor do carvão na lareira da cozinha os dispersou. Algo deve ter acontecido

naqueles poucos minutos, 16 anos atrás, resultando, tanto tempo depois, em perseguição, perigo e morte. Talvez mais do que uma morte. E se quisesse saber mais, teria que se embrenhar no Pesadelo novamente...

Estremeceu. Sentada, esperou pela volta dos demais.

Nesse dia, Jim Taylor tirou a tarde livre, sem pedir autorização. Foi um truque simples: saiu do edifício com uma encomenda fictícia debaixo do braço, como se fosse ao correio, e deixou dois ou três diferentes recados contraditórios sobre seu destino e quem o havia enviado. Utilizara o mesmo pretexto antes, mas não gostava de abusar.

Um trem da estação da Ponte de Londres o levou pela mesma paisagem desoladora, ao longo da costa, por onde Sally havia passado, na viagem a Swalesness. Quis fazer uma averiguação do local; além disso, teve uma ideia, inspirada pelo *Penny Dreadful*, mas uma boa ideia. Exigiu muita espera e exercício de boa dose de persuasão. Mas, no fim, descobriu que havia estado certo desde o início. Na volta para casa, ao se sentar na cabine (bem mais atento que Sally), ele se perguntou o que aquilo acarretaria, mas não sabia a resposta. Afinal, ali estava algo a altura dos *Contos Intrigantes para Rapazes da Grã-Bretanha* ou *As Aventuras de Jack Harkaway* — mais uma vez, *Penny Dreadful* provava ser um guia confiável e certo para a vida. E a premissa do *Penny Dreadful* sobre qualquer coisa relativa ao Oriente era inequívoca: significava transtorno.

Transtorno especificamente para Sally, por quem Jim criara forte simpatia nas últimas semanas.

Vou guardar isso comigo por enquanto, pensou. Será mais sensato. Haverá tempo de sobra para contar tudo a ela depois.

Enquanto isso, a sra. Holland se inteirava de novidades.

Um dos bandidos que ela contratava às vezes, Jonathan Berry, veio vê-la praticamente na mesma hora em que o reverendo Bedwell chegou à rua Burton.

O sr. Berry era um homem enorme, de 1, 80 metro de altura, e largo, e ocupou todo o espaço do estreito hall da Estalagem Holland, o que aterrorizou Adelaide. Agarrou-a com uma das mãos e a ergueu bem próximo a sua orelha suja.

— A se... se... sra. Holland está com um cavalheiro, senhor — ela sussurrou, quase sem ar.

— Vá buscá-la — rosnou o sr. Berry. — Não existem cavalheiros aqui, seu vermezinho mentiroso.

Ele a largou e Adelaide fugiu como um camundongo assustado. Ele riu, um som sinistro como de pedras caindo dentro de uma caverna.

A sra. Holland ficou contrariada por ser interrompida. Bedwell falava, em seu desvario, sobre um sujeito de nome Ah Ling, cujo nome nunca era mencionado sem um tremor de pavor; um junco apareceu na história, e uma faca, e luzes por

debaixo da água, e muito mais. Ela blasfemou e ordenou que Adelaide permanecesse no quarto para ouvir o restante da história. Adelaide esperou que a mulher se retirasse e se deitou ao lado do transpirado e murmurante marinheiro e chorou intensamente, aferrada à mão indiferente dele.

— Ora, ora, sr. Berry — disse a sra. Holland ao visitante, após colocar a dentadura. — Faz tempo que saiu?

Ela se referia à prisão Dartmoor.

— Estou fora desde março, madame. O sr. Berry apresentava o melhor comportamento que lhe era possível. Havia inclusive retirado o gorro encardido e agora o amassava nervosamente entre as mãos, enquanto se sentava na pequena poltrona que a sra. Holland lhe oferecera na sala de estar. — Ouvi dizer que a senhora busca o assassino de Henry Hopkins.

— É possível, sr. Berry.

— Bem, soube que Salomon Lieber...

— O penhorista da rua Wormwood?

— Ele mesmo. Bem, soube que ele penhorou um broche de brilhantes ontem, idêntico ao que Hopkins costumava usar.

A sra. Holland levantou na mesma hora.

— Está ocupado, sr. Berry? Gostaria de dar um passeio?

— Nada me agradaria mais, senhora.

— Adelaide! — gritou a senhora do hall. — Estou de saída. Não deixe ninguém entrar.

— Um broche de brilhante, senhora? — perguntou o velho penhorista. — Tenho um encantador. Presente para o seu estimado cavalheiro? — ele perguntou, piscando para o sr. Berry.

A resposta do sr. Berry foi agarrar o homem pelo cachecol de algodão ao redor do pescoço e arrastá-lo para cima do balcão, derrubando uma prateleira repleta de relógios e uma bandeja de anéis.

— Não queremos comprar, queremos ver o broche que você penhorou ontem — disse.

— Certamente, senhor! Não sonharia em me opor! — disse o velho ofegante, agarrando debilmente o abrigo do sr. Berry para não ser estrangulado. As pernas estavam penduradas sobre o balcão. O sr. Berry o largou e ele desabou no chão. — Oh, por favor, por favor, não me machuque. Por favor, senhor, não me bata, eu imploro! Minha senhora...

Ele tremia muito e gaguejava, e tentou se reerguer agarrando-se às calças do sr. Berry. Este o empurrou.

— Traga a sua mulher e eu arrancarei as pernas dela — vociferou o brutamontes. — Ache o broche, rápido!

As mãos trêmulas do penhorista abriram uma gaveta e retiraram um broche.

— É este, senhora? — perguntou o sr. Berry, arrancando o broche do penhorista.

A sra. Holland o examinou de perto.

— É este. E quem o trouxe, sr. Lieber? Se a memória falhar, o sr. Berry pode refrescá-la.

O sr. Berry deu um passo à frente na direção do senhor, que concordou com a cabeça, energicamente.

— Claro que me recordo — ele disse. — Seu nome é Ernie Blackett. Um jovem rapaz. Vive no Croke's Court, Seven Dials.

— Obrigada, sr. Lieber — disse a sra. Holland. — Vejo que o senhor é um homem sensato. Precisa tomar cuidado para quem empresta seu dinheiro. Não vai se incomodar se levamos o broche?

— Não posso, quero dizer, só o tenho há um dia. Não estou autorizado a vendê-lo ainda; é a lei, madame — ele disse, muito nervoso.

— Bem, eu não estou comprando — ela disse. — Então não tem problema, não é mesmo? Tenha um bom-dia, sr. Lieber.

Ela se retirou e atrás dela foi o sr. Berry, após esvaziar, distraidamente, outras gavetas no chão, quebrar uma dúzia de guarda-chuvas e chutar as pernas do sr. Lieber.

— Seven Dials — ela disse. — Vamos pegar o ônibus, sr. Berry. Minhas pernas não são mais as mesmas.

— As dele também não — disse o sr. Berry, impressionado com a rapidez e destreza da própria piada.

Croke's Court, Seven Dials, era o local mais povoado e vil de toda Londres. Mas sua vilania era distinta da de Wapping. A proximidade com o rio dava certo ar náutico aos crimes que prosperavam ao redor do Ancoradouro do Carrasco, enquanto Seven Dials era meramente sórdido e metropolitano. Além disso, a sra. Holland estava (ora de seu território).

Não obstante, a presença sólida e pesada do sr. Berry resolvia o problema. Graças ao charme dele, logo descobriram o local que procuravam — uma habitação coletiva, onde moravam um irlandês, sua esposa e seus oito filhos; um músico cego; duas vendedoras de flores; um vendedor de impressões de letras de baladas e dos últimos depoimentos de assassinos antes de morrerem; e um apresentador de teatro de marionetes.

O local em questão foi indicado pela esposa do irlandês. O sr. Berry arrombou a porta e ao entrarem eles encontraram um jovem gordo, adormecido em uma cama imunda. Ele se espreguiçou, porém não acordou.

O sr. Berry fungou.

— Está bêbado — anunciou. — Nojento.

— Desperte-o, sr. Berry — disse a sra. Holland.

O sr. Berry levantou o pé da cama e a inclinou, quem nela dormia, as cobertas e o que mais havia ali no chão.

— Que foi isso? — perguntou o jovem com a boca coberta pelo travesseiro.

Como resposta, o sr. Berry o levantou e o jogou no único móvel que havia no quarto, além da cama: uma cômoda vagabunda. Esta se partiu ao meio na mesma hora; o jovem caiu esparramado, gemendo entre os destroços.

— Levanta! — disse Berry. — Onde estão seus modos?

O jovem se levantou com dificuldade, apoiando-se na parede. O susto, além do que parecia ser uma ressaca substancial, deixou seu rosto com uma peculiar tonalidade de verde. Ele os encarou com olhos turvos.

— Quem são vocês? — ele conseguiu perguntar.

A sra. Holland estalou a língua em sinal de desaprovação.

— Pois bem — disse. — O que sabe sobre Henry Hopkins?

— Nada — disse o jovem, e o sr. Berry o golpeou. — Me deixa! Ai, me deixa em paz!

A sra. Holland mostrou o broche de diamante.

— E isto?

Os olhos do rapaz se espremeram dolorosamente.

— Nunca vi isso na vida — ele disse e recuou. Mas dessa vez o sr. Berry apenas apontou um dedo para ele.

— Pense melhor — disse. — Você é uma decepção para nós.

E então voltou a golpeá-lo. O jovem caiu de joelhos, choramingando.

— Está bem, eu o achei. Levei para Solly Lieber e ele me deu cinco libras por ele. Isto é tudo, juro! — Onde pegou isso? — Eu já disse, eu achei! A sra. Holland suspirou. O sr. Berry balançou a cabeça em desaprovação à teimosa perversidade da natureza humana, e o golpeou novamente; e dessa vez o jovem perdeu a paciência. Cruzou o quarto vertiginosamente como um rato e cavoucou nervosamente o que havia restado da cômoda até encontrar uma pistola. Os dois visitantes ficaram mudos.

— Se chegar mais perto eu te m... m... mato, desgraçado — ele disse.

— Vá em frente — disse o sr. Berry.

— Mato! Mato!

O sr. Berry avançou e tomou a arma das mãos do rapaz como se arrancasse uma maçã da árvore. O jovem tombou.

— Dou outro soco nele, madame? — perguntou.

— Não! Não! Não me bata! — implorou o jovem com voz trêmula. — Vou

contar tudo!

— Bata nele assim mesmo — disse a sra. Holland, ao pegar a arma. — O que mais você roubou de Henry Hopkins?

— O broche, a arma — soluçou. — Umas moedas. Um relógio e um cantil de prata.

— O que mais?

— Nada mais, madame, eu juro!

— Nenhum pedaço de papel? O jovem ficou sem fala.

— Aha — disse a sra. Holland. — Vá em frente, sr. Berry, faça o que quiser, apenas deixe-o com voz.

— Não! Não! Por favor! — gritou Ernie Blackett assim que o sr. Berry ergueu o punho. — Estão aqui, tome-os! Tome!

Ele tirou do bolso uns pedaços de papel amassados e se virou, se contorcendo. A sra. Holland os apanhou e esmiuçou um a um, enquanto o sr. Berry aguardava.

Ela ergueu o olhar.

— Isto é tudo? Nada mais?

— Nada de nada! Eu juro! Palavra!

— Ah, mas você não tem palavra — disse a sra. Holland, severamente. — Este é o problema. Bem, vamos, sr. Berry. Levaremos a arma como recordação do nosso bom e falecido amigo Henry Hopkins.

Ela foi mancando até a porta e esperou no fétido hall enquanto o sr. Berry falava com o anfitrião.

— Não gosto de ver jovens da sua idade bebendo — ele disse solenemente. — É a ruína de um jovem, a bebida. Bastou entrar no quarto para eu saber que você estava bêbado. Um gole, por menor que seja, é o primeiro passo para um caminho de insanidade, alucinações, enfraquecimento do cérebro e decadência moral. É de cortar o coração saber quantas vidas foram perdidas por causa da bebida. Fique longe disso, é o meu conselho. Vá e faça o voto de abstinência de bebidas alcoólicas, como eu fiz. Você será um homem melhor. Aqui — ele revistou um de seus bolsos internos. — Fique com um folheto que será muito útil e o ajudará. Se chama O Lamento do Beberrão, por Aquele que Já Viu a Luz Divina.

Ele enfiou o valioso documento na mão trêmula de Ernie Blackett e foi se juntar à sra. Holland na soleira da escada.

— Isso é tudo, sra. Holland?

— Isso é tudo, sr. Berry. Ela é mais esperta do que havia imaginado, a pequena cadela.

— Eh?

— Esqueça... De volta para Wapping, sr. Berry.

Ernie Blackett fizera bem em desistir e dar os papéis para a sra. Holland. Do contrário, o próximo passo da velha teria sido pedir ao sr. Berry para revistá-lo; e quando os papéis fossem encontrados, Ernie iria se juntar a Henry Hopkins em algum lugar reservado para criminosos metropolitanos de quinta categoria, onde poderiam aprofundar a relação. Pois ele tivera sorte ao final da negociação, cuja punição se resumira apenas em duas costelas quebradas, um olho roxo e um panfleto de abstinência.



A SUBSTITUIÇÃO

Enquanto a sra. Holland e o sr. Berry entravam no ônibus de volta para Wapping, uma carruagem alugada chegava ao Ancoradouro do Carrasco. Frederick Garland pediu ao cocheiro que esperasse e o sr. Bedwell bateu na porta da Estalagem Holland.

Frederick olhou para ambos os lados da rua. A pequena fileira de prédios estava localizada logo atrás da rua Wapping High e era tão colada ao rio que parecia bastar um leve empurrão para tudo tombar rio abaixo. A Estalagem Holland era a mais imunda e estreita e, sem dúvida, o mais decrépito de todos os edifícios dali.

— Ninguém atende? — Frederick perguntou, enquanto o sr. Bedwell voltava a bater na porta.

— Estão se escondendo, suponho — disse o cura, tentando abrir a porta e notando que estava trancada. — Que situação inconveniente. O que faremos agora?

— Vamos escalar até lá dentro — disse Frederick. — Afinal, sabemos que ele está aí.

O rapaz, verificou a parte lateral do edifício. Entre a Estalagem Holland e a casa ao lado havia uma passagem muito estreita, com menos de um metro de largura, que levava até o rio, onde os mastros dos navios se aglomeravam. No primeiro andar, uma janela defrontava a passagem.

— Acha que consegue? — perguntou o clérigo.

— Continue batendo na porta. Faça uma cena para que ninguém possa ver o que estou fazendo.

Frederick já havia escalado na Escócia e na Suíça, e em segundos pôs os pés contra uma parede e as costas contra a outra, subindo entre o vão que separava as casas. Demorou um pouco mais para abrir a janela, mas enfim conseguiu se apoiar no parapeito e procurou ouvir algum ruído de dentro da casa.

O cura ainda estava socando a porta, mas, além disso, a casa era só silêncio. Frederick correu para o primeiro andar e destrancou a porta.

— Muito bem! — disse o sr. Bedwell, entrando rapidamente na estalagem.

— Não escutei ninguém. Teremos que procurar em todos os cômodos.

Parece que a sra. Holland saiu.

Revistaram rapidamente os quartos no subsolo e em seguida passaram para o primeiro andar, mas não encontraram nada. Já estavam no segundo andar quando alguém bateu na porta.

Os dois se olharam.

— Espere aqui — disse o cura, indo rapidamente para a porta. Frederick esperou no alto da escada.

— Quanto tempo vão me fazer esperar? — inquiriu o cocheiro. — Não me levem a mal, terei que cobrar um extra. Esta não é a parte mais segura de Londres para ficar à toa.

— Aqui — disse Bedwell. — Tome este dinheiro e espere na calçada do outro lado da ponte por onde viemos. Se não sairmos em meia hora, o senhor pode ir embora.

O sr. Bedwell fechou a porta e correu de volta para o segundo andar. Frederick fez sinal com a mão.

— Ouça — sussurrou, apontando para uma porta. — Por aqui. Caminharam o mais cuidadosamente possível sobre as tábuas desprendidas do chão. A voz de um homem murmurava algo ininteligível por trás de uma das portas e se ouvia outra voz dizendo “Shhhh, shhh...” Ficaram do lado de fora por um instante. Bedwell escutou atentamente.

Enfim, olhou para Frederick e balançou a cabeça positivamente. Frederick abriu a porta.

O ar esfumaçado, impregnado de um odor desagradável, fez os dois torcerem o nariz. Uma criança — ou melhor, um par de olhos rodeados de sujeira — olhou-os apavorada. E deitado na cama, o duplo do cura.

Bedwell se debruçou sobre o irmão e o sacudi pelos ombros. A criança recuou em silêncio e Frederick ficou admirado com a extraordinária semelhança entre os dois homens. Aliás, não eram semelhantes — eram idênticos.

Nicholas tentava erguer o irmão, mas este sacudia a cabeça e o afastava.

— Matthew, Matthew! — disse o cura. — Sou eu! Nicky! Vamos, companheiro! Saia desta! Abra os olhos e veja! Veja quem é!

Matthew estava em outro mundo. Nicholas o soltou e olhou para o teto, frustrado.

— É inútil — disse. — Teremos que carregá-lo.

— Você é Adelaide? — perguntou Frederick. Adelaide confirmou com a cabeça.

— Onde está a sra. Holland?

— Num sei — ela sussurrou.

— Ela está na casa?

Adelaide fez que não com a cabeça.

— Bem, melhor do que nada. Agora escute, Adelaide, vamos levar o sr. Bedwell daqui.

Na mesma hora, ela agarrou Matthew; os pequenos e finos braços se engancharam ao redor do pescoço do marinheiro.

— Não! — ela implorou. — Ela vai me matá!

E então Matthew Bedwell acordou com o som da voz de Adelaide. Ele se sentou e pôs os braços ao redor dela; foi quando viu o irmão e ficou imóvel, sem palavras.

— Está tudo bem, meu irmão — disse Nicholas. — Vim levá-lo para casa...

Os olhos do marinheiro se voltaram para Frederick, e Adelaide o segurou mais forte que nunca, sussurrando:

— Por favor, num vai. Ela me mata se você num estiver aqui. Ela vai...

— Adelaide, precisamos levar o sr. Bedwell embora — disse Frederick gentilmente. — Ele não está bem. Não pode ficar aqui. A sra. Holland o está mantendo aqui ilegalmente.

— Ela disse para num deixá ninguém entrar. Ela vai me matá!

A criança estava perturbada pelo medo e Matthew Bedwell acariciava seus cabelos mecanicamente, tentando entender o que acontecia.

E então o cura levantou a mão, pedindo silêncio.

Podiam ouvir passos e vozes no andar de baixo; em seguida, uma voz estridente de velha gritou:

— Adelaide!

A menina soltou um gemido e se encolheu contra a parede. Frederick a pegou pelo braço e disse em voz baixa:

— Há uma escada nos fundos?

Ela fez que sim. Ele se voltou para Nicholas Bedwell e viu que este já se preparava para sair do quarto.

— Sim — ele disse —, vou fingir ser meu irmão. Vou mantê-la ocupada até que você consiga tirá-lo daqui.

— Não se preocupe, querida — ele disse para Adelaide. — Ela nunca perceberá a diferença.

— Mas ela tá... — Adelaide começou a falar, com a intenção de mencionar a presença do sr. Berry, mas voltou a ouvir o grito da sra. Holland e se calou.

O cura saiu do quarto prontamente. Os demais o escutaram correr pelo corredor e em seguida descer as escadas. Frederick agarrou Matthew Bedwell com força. Vacilante, o marinheiro se pôs de pé com dificuldade.

— Venha — disse Frederick. — Vou tirá-lo daqui, mas precisa se mover

rapidamente e em silêncio.

O marinheiro assentiu com a cabeça.

— Vamos, Adelaide — ele balbuciou. — Mostre o caminho para nós, menina.

Adelaide sussurrou:

— Num tenho coragem.

— Mas precisa — disse Bedwell. — Senão vou me zangar. Vamos, ande.

Receosa, ela ficou de pé e em seguida correu para a porta. Bedwell a seguiu, após apanhar sua mochila de lona, e Frederick foi logo atrás, parando para escutar a voz do cura e em seguida a resposta aguda da sra. Holland. Por que todos tinham tanto medo dela?

Adelaide os guiou até uma escada ainda mais estreita e suja que a principal. Saíram no corredor do andar térreo. A voz do cura, forte e áspera, vinha de algum lugar na parte da frente da casa e Frederick sussurrou para a criança:

— Nos mostre a saída dos fundos.

Tremendo, ela abriu a porta da cozinha e eles entraram. E se encontraram frente a frente com o sr. Berry. Ele colocava uma caldeira no fogão. Ergueu os olhos e os encarou, e um pequeno vinco se formou na testa rochosa. Frederick pensou com rapidez.

— Como vai? — disse com um aceno. — Onde é o quintal, companheiro?

— Por ali — disse o grandalhão, inclinando a cabeça. Frederick cutucou Bedwell, que avançou rapidamente, de mãos dadas com Adelaide. Ela o seguiu a contragosto. O sr. Bedwell os observou sair da cozinha, como um tolo, e então se sentou para acender um cachimbo.

Eles se depararam com um pequeno e escuro quintal. Adelaide apertava com força a mão do sr. Bedwell e Frederick viu que ela tremia violentamente. Estava pálida.

— O que foi? — perguntou.

Ela não conseguia sequer falar. Estava aterrorizada. Frederick olhou ao redor. Havia um muro de tijolos de quase 2 metros de altura e do outro lado algo que parecia ser um beco.

— Bedwell — disse Frederick —, salte e leve a menina. Adelaide, você vem conosco. Não pode ficar aqui e viver apavorada assim...

Bedwell subiu o muro com grande dificuldade, e então Frederick notou que Adelaide estava petrificada pelo medo e não tirava os olhos de um punhado de terra grudado na parede. Frederick a içou por cima do muro e em seguida estendeu o braço para que Bedwell o ajudasse a subir.

Bedwell estava envergado e parecia muito doente. Frederick olhou para trás. Estava preocupado com o cura e com o que aconteceria quando a sra. Holland

descobrisse a farsa. Mas naquele momento tinha um homem enfermo e uma criança amedrontada para cuidar, com a possibilidade de uma perseguição a qualquer momento.

— Vamos — disse. — Há uma carruagem aguardando do outro lado da ponte. Vamos embora daqui...

Apressou os dois para fora do beco e para longe.

Entretida com o texto do anúncio, Sally foi surpreendida pela chegada de Frederick, carregando o inconsciente Bedwell. A princípio não viu a menina que os seguia.

— Sr. Bedwell! — ela disse. — O que aconteceu? Ou este é...

— Este é o irmão, Sally. Escute, preciso voltar para lá agora mesmo. A outra metade da família dele ficou lá, mantendo a farsa. Mas há um homem enorme e horroroso lá, e eu precisei pegar um cabriolé de aluguel para trazer estes dois até aqui. Ah, esta é Adelaide. Ela irá morar conosco.

Ele deixou o marinheiro no chão e correu para fora da casa.

Muito tempo depois, ele retornou. Com ele, o reverendo Nicholas, com um olho roxo.

— Que briga! — ele disse. — Sally, você precisava ter visto! A lenda de Horácio na ponte não é páreo para ele. Eu cheguei bem na hora...

— É verdade — disse o cura. — Mas como está Matthew?

— Na cama, dormindo. Mas...

— Adelaide está bem? — perguntou Frederick. — Não podia deixá-la. A menina estava aterrorizada.

— Ela está com Trembler. O seu olho, sr. Bedwell! Está severamente contundido. Venha se sentar. Deixe-me dar uma olhada. O que aconteceu, afinal?

Foram todos para a cozinha, onde Adelaide e Trembler tomavam chá. Trembler serviu uma xícara de chá para os dois homens, enquanto o cura explicava o ocorrido.

— Deixei ela falar, enquanto os outros fugiam. Depois deixei que me pusesse de volta na cama. Fingi estar desvairado. Ela saiu à procura de Adelaide e eu então me levantei e tentei sair, foi quando ela mandou o grandalhão me deter.

— Ele é um monstro — disse Frederick. — Mas você conseguiu segurá-lo bem. Ouvi a briga da rua e forcei a porta para entrar. Que briga!

— Ele era forte, porém só isso. Não tinha agilidade ou inteligência. Se fosse na rua ou no ringue eu o teria feito pedir clemência, mas lá dentro não havia espaço suficiente. Se ele tivesse me encurralado num canto, eu não teria saído de lá vivo.

— E a sra. Holland? — perguntou Sally.

Os dois homens se olharam.

— Bem, ela tinha uma arma — disse Frederick.

— Garland acertou o grandalhão com um pedaço de madeira do corrimão que estava destruído e o homem tombou como uma árvore recém-cortada. Foi quando a sra. Holland apareceu com uma pistola. Ela teria atirado em mim, se você não tivesse arrancado a arma das mãos dela com o pau — disse o clérigo a Frederick.

— Uma pequena pistola perolada — disse Frederick.

— Ela costuma carregar uma pistola? — perguntou a Adelaide.

— Num sei — sussurrou a menina.

— Enfim, ela disse... — ele fez uma pausa, com uma expressão tristonha, e então olhou para Sally. — Ela disse que encontrará você onde estiver e a matará. Pediu que lhe dissesse isso. Não tenho ideia se ela sabe onde você está. Mas ela não sabe quem eu sou ou onde moro, não há como saber. Você está segura aqui, assim como Adelaide. Ela nunca as encontrará.

— Vai encontrar, sim — murmurou Adelaide.

— Como? — perguntou Trembler. — Você está mais segura aqui do que no Banco da Inglaterra. Deixe eu te contar uma coisa: eu também estou fugido, assim como a srta. Sally e você, e ainda não me encontraram. Então basta você ficar aqui conosco e nada de ruim acontecerá.

— Você é a srta. Lockhart? — Adelaide perguntou a Sally.

— Sou — respondeu Sally.

— Ela vai me encontrar — sussurrou Adelaide. — Se eu me escondesse no fundo do mar, ela me encontraria e me arrancaria de lá. Encontraria, sim.

— Bem, não vou deixar — disse Sally.

— Mas ela também tá atrás de você, num tá? Ela disse que vai te matar. Mandou o Henry Hopkins causar um acidente, só que ele acabou morto.

— Henry Hopkins?

— Ela pediu pra ele roubar uns papéis seus. E teria que causar um acidente e acabar com você.

— Foi onde ela conseguiu a pistola — disse Sally desanimada.

— Minha pistola...

— Tudo bem — disse Trembler. — Ela não vai te encontrar aqui.

— Vai, sim — repetiu Adelaide. — Ela sabe tudo. Conhece tudo e todos. Tem uma faca na bolsa que usou para matar a outra garota. Ela me mostrou. Não tem nada nem ninguém que ela não conheça. Todas as ruas de Londres e todos os navios nas docas. E agora que fugi, ela vai afiar a faca. Ela disse que faria isso. Tem uma pedra para afiar e um caixote onde me colocar, e um lugar no quintal para me enterrar. Mostrou onde ia me enterrar depois que me cortasse em pedacinhos. As últimas meninas tão enterradas lá. Odeio ir lá fora, no quintal.

Todos ficaram em silêncio. A voz falha de Adelaide se calou e ela se sentou, curvada, os olhos vidrados no chão. Trembler se inclinou sobre a mesa.

— Aqui — ele disse. — Coma seu pão doce, boa menina. Ela pegou o pão.

— Vou ver como está meu irmão — disse Bedwell. — Se me permitirem.

Sally saltou da cadeira.

— Eu lhe mostrarei onde ele está — ela disse e o levou até o andar de cima.

— Dorme como uma pedra — disse ao retornar. — Já o vi assim antes. Provavelmente, irá dormir 24 horas.

— Mandaremos notícias quando ele acordar — disse Frederick.

— Pelo menos você sabe onde ele está. Você passará a noite conosco? Ótimo. Nossa, que fome! Trembler, que tal uns arenques defumados? Adelaide, de agora em diante você vai morar conosco. Pode nos ajudar começando por encontrar xícaras e pratos. Sally, ela precisará de roupas novas. Há uma loja que vende roupas usadas, virando a esquina. Trembler mostrará onde fica.



O fim de semana passou sossegado. Rosa, após o susto de ver a casa tão cheia, simpatizou com Adelaide à primeira vista e parecia saber todo tipo de coisas que Sally desconhecia: como ensinar Adelaide a se lavar, a hora em que devia ir para a cama e como aparar os cabelos e escolher roupas para a menina. Sally queria ajudar; tinha impulsos de bondade, mas não sabia como expressar sua afeição, enquanto Rosa abraçava e beijava a menina espontaneamente, ajeitava seus cabelos, conversava com ela sobre teatro; Trembler lhe contava piadas e ensinava jogos de cartas.

Por isso, enquanto Adelaide estava cada vez mais confiante com os outros, não se sentia à vontade com Sally e se calava quando as duas ficavam a sós. Sally teria ficado magoada com isso, não fossem as palavras de Rosa, que fazia questão de incluir Sally em todas as conversas e a consultar sobre o futuro de Adelaide.

— Você acredita que ela não sabe nada? — disse Rosa no domingo à tarde. — Não conhece o nome de lugar algum em Londres, com exceção de Wapping e Shadwell. Não sabia sequer o nome da rainha! Sally, por que você não a ensina a ler e escrever, e por aí em diante?

— Não creio que poderia...

— Claro que poderia. Você é perfeita para a tarefa.

— Ela tem medo de mim.

— Ela só está preocupada com o que a sra. Holland disse. E por causa do

cavalheiro. Adelaide já esteve lá em cima para vê-lo várias vezes. Fica lá sentada, segurando a mão dele e vai embora...

Matthew Bedwell despertou somente no domingo pela manhã, e foi Adelaide quem o acordou. Contudo, ele se achava tão desorientado que não conseguia apreender onde estava e o que havia acontecido. Sally subiu para vê-lo, depois que ele já havia tomado um pouco de chá, mas o marinheiro nada contou.

— “Não sei”, ele dizia, ou “esqueci”, ou “minha memória se foi”. E apesar de todos os esforços de Sally para o incentivar, mencionando o nome do pai e da companhia, do navio e do representante da empresa, o sr. Van Eeden, ele permaneceu calado. Apenas as palavras “As Sete Bênçãos” causaram reação no marinheiro, e esta não foi animadora; o pouco de cor que lhe restava na face se esvaiu de imediato, e ele começou a transpirar e tremer, Frederick aconselhou que ela esperasse um ou dois dias.

Na tarde do sábado, Sally saiu para se encontrar com Jim no lugar habitual e revelou onde estava morando e o motivo. Ao ouvir sobre o resgate de Bedwell e Adelaide, ele se mostrou frustrado por não ter participado da aventura. Prometeu que estaria mais presente tão logo quanto possível para se certificar de que os novos amigos eram confiáveis.

— Nunca se sabe em quem confiar — ele disse.

Ele ensaiou dizer algo mais. Tentou umas três vezes, balbuciou algo e parou, balançando a cabeça e dizendo a si mesmo que esperaria. Finalmente, Sally perguntou:

— Jim, o que foi? Você descobriu algo? Pelo amor de Deus, me conte!

Mas ele não contaria.

— Vou esperar — disse. — Não custa nada.

Também naquele fim de semana foram tirados os primeiros estereogramas artísticos e dramáticos. A produção fora mais fácil do que Sally havia imaginado. Uma câmera estereográfica era como qualquer outra, exceto pelas duas lentes distantes entre si, como dois olhos, cada um captando uma imagem diferente. Depois eram impressas uma ao lado da outra e vistas por um estereoscópio, que nada mais era do que um artifício com duas lentes fixadas no ângulo certo para se sobreporem em uma única imagem. A pessoa visualizava uma foto em três dimensões. O efeito era quase mágico.

Frederick montou primeiro algumas fotos cômicas, para vê-las separadamente. Uma delas se chamava “Uma horrenda descoberta na cozinha”, e mostrava Rosa como uma esposa desmaiada e Trembler como seu marido em estado de choque. O motivo era o que Sally, no papel de cozinheira, mostrava para eles; um armário com uma dúzia de besouros, cada um do tamanho de um ganso. Adelaide os havia confeccionado com cartolina marrom e os pintado de preto. Trembler queria

uma fotografia de Adelaide também. Então o fantasiaram, ela se sentou em seu colo e tiraram a foto para ilustrar uma canção sentimental.

— Encantador! — comentou Frederick. E assim se passou o fim de semana. Em outro lugar de Londres, a atmosfera já não era tão serena.

O sr. Berry, por exemplo, passava por um mau momento. A sra. Holland o fez limpar a bagunça que havia sido feita no hall e reparar o corrimão quebrado. Quando ele ousou se queixar, ela deixou evidente sua opinião a respeito dele.

— Um homem grande e forte como você — ela disse — se deixar derrubar por um fracote insignificante como aquele? E o outro, idiotizado pelo ópio! Minha nossa, detestaria vê-lo se atracar com algo mais feroz, como, por exemplo, uma barata.

— Oh, pare com isso, sra. Holland — choramingou o grandalhão, nervoso, pregando uma ripa na porta danificada. — Ele deve ter sido um craque. Não é vergonha ser derrotado por um especialista. Ide deve ter lutado com os melhores, aquele lá.

— Bom, dessa vez ele lutou com o pior de todos. Até mesmo a pequena Adelaide teria brigado melhor. Ora, sr. Berry, você me deve muito, ah, se deve. Ande e termine logo esta porta. Há uma pilha de batatas para você descascar.

O sr. Berry resmungou consigo mesmo, mas em silêncio. Ele não se atreveu a contar o que deixara acontecer na cozinha. Ela sabia apenas que Adelaide havia desaparecido; mas a súbita aparição do fotógrafo de Swalesness a fez se lembrar de Sally. Então ela também tinha interesse em Bedwell, seria isso? E havia a substituição do papel com as instruções do esconderijo do Rubi por outro com palavras sem sentido, algo que a sra. Holland considerou um ato de esperteza da parte de Sally. Sally estava com o Rubi agora, tinha que estar. Bem, a sra. Holland a encontraria. E onde ela estivesse, estaria também o fotógrafo, Bedwell e a fortuna.

Seu descontentamento aumentou e com ele as tarefas que a sra. Holland impôs ao sr. Berry, cujo fim de semana foi especialmente desagradável.

Entretanto, talvez, o homem mais apreensivo naquele fim de semana em Londres fosse Samuel Selby. Estava aborrecido, depois do prejuízo de cinquenta libras, em troca da promessa da sra. Holland de que ela voltaria em breve para novas negociações.

Consequentemente, naquela tarde de sábado, em sua casa em Dalston, a residência Laburnum, ele disse desaforos à esposa e à filha, vociferou com os criados, chutou o gato e se retirou cedo para o salão de bilhar. Lá, vestiu seu paletó de veludo carmesim que usava para fumar, serviu-se de uma boa dose de uísque e acrescentou algumas pedras de gelo enquanto buscava uma forma de deter a

chantagista.

Contudo, não importava o quanto tentasse, não conseguia entender como ela havia tomado conhecimento da história.

Tampouco tinha ideia do quanto ela sabia. A perda da escuna *Lavinia* e o pedido fraudulento do seguro já eram desgraça suficiente; mas o outro assunto, o mais fundamental deles, o negócio que Lockhart estava a ponto de descobrir, este ela não mencionou.

Será que ela não sabia?

Cinquenta libras eram uma quantia pífia, era bem verdade, comparada ao montante que estava em jogo...

Ou estaria ela ganhando tempo para uma nova visita?

Ou seu informante guardava segredo por algum motivo particular?

Demônios!

Ele mirou o taco na bola branca, errou, rasgou o pano da mesa e quebrou o taco violentamente com o joelho antes de se atirar numa poltrona.

A garota? A filha de Lockhart — teria ela algo a ver com isso? Impossível saber.

O assistente de escritório? O porteiro? Não, era absurdo. O único homem que sabia de tudo era Higgs, e Higgs...

Higgs estava morto. Morreu enquanto conversava com a garota Lockhart. Morreu de susto, de acordo com o médico. Ela deve ter dito algo que alarmou Higgs, algo que o pai lhe disse; e Higgs, em vez de blefar, escolhera morrer.

O sr. Selby bufou com desprezo. Mas não deixava de ser uma especulação interessante; e quem sabe, afinal de contas, a sra. Holland não fosse sua maior inimiga.

Talvez fosse melhor recrutar a velha do que a enfrentar. Por mais repulsiva que fosse, ela tinha estilo, e o sr. Selby sabia reconhecer uma velha raposa quando via uma.

Sim! Quanto mais pensava a respeito, mais gostava da ideia. Esfregou as palmas das mãos e mordeu a ponta do charuto cubano; então vestiu sua boina com borla, para evitar que o cheiro da fumaça do tabaco impregnasse os cabelos, acendeu o charuto e se acomodou para escrever uma carta à sra. Holland.



Pelo menos, uma pessoa teve seu fim de semana como planejado pela Cia. de Navegação Peninsular e Oriental. Era um certo passageiro que estava a bordo do *Drummond Castle*, de Hankow. O mar havia estado agitado na baía de Biscaia, mas

o passageiro não se abateu. Parecia indiferente à maioria das intempéries. E quando o navio adentrou o canal na velocidade estável de 10 nós, ele pôde ser encontrado no convés, local em que mais se sentia à vontade desde Cingapura, lendo a obra do escritor Thomas De Quincey.

O vento frio e a chuva fraca não o incomodavam em nada. Na verdade, à medida que o ar se tornava mais frio e o céu mais escuro, mais entusiasmado ele ficava.

Ele comeu e bebeu com mais vontade quanto mais o navio mergulhava enjoativamente nas ondas do canal, e fumava sem parar uma série de charutos negros. No fim da tarde de domingo o navio contornou o promontório do norte, e começou a parte final da viagem para dentro do estuário do rio Tâmis. O navio se movia lentamente nessas águas congestionadas, e à medida que o dia se esvaía, os passageiros se dirigiram ao convés e de lá observavam atentamente, à esquerda, as luzes na costa de Kent, calmas, suaves e quentes; a espuma cremosa espectral arremessada para cima pela proa do navio; e a infinidade de luzes que piscavam das boias e dos faróis que guiavam inocentes viajantes, assim como ele, por entre os bancos e tribulações do mar.

E no momento em que teve esse pensamento, o passageiro, de repente, começou a rir.



LUZES SUBMERSAS

No escritório de Cheapside, os decoradores já estavam a postos. Tinas de cal e pintura a tempera ocupavam o hall, pincéis e escadas obstruíam a passagem dos corredores. O local estava prestes a fechar, na tarde daquela segunda-feira, quando o porteiro chamou Jim.

— O que quer? — inquiriu Jim, notando um garoto de recado em pé de frente para a lareira. Jim o olhou com hostilidade, focando sua atenção no chapéu do menino, em forma de caixa.

— Chegou uma carta para o sr. Selby — disse o porteiro, apontando para o mensageiro. — Será que ele está esperando pelo mestre, com seu órgão de realejo?

— Não é da sua conta — disse o mensageiro.

— Tem razão — concordou o porteiro. — Este aqui é um rapaz esperto. Ele vai longe.

— E por que ainda não foi?

— Porque está esperando por uma resposta, por isso.

O mensageiro sorriu com desdém e Jim se retirou, carrancudo.

— Ele quer uma resposta, sr. Selby — disse no escritório principal. — Está lá embaixo aguardando.

— Está, é? — disse o sr. Selby, rasgando o envelope para abri-lo. As bochechas estavam fortemente coradas e os olhos muito vermelhos; Jim observava com interesse, se perguntando se o patrão não acabaria morrendo de apoplexia. De repente, ocorreu um fenômeno curioso, e o semblante do sr. Selby sofreu uma mudança radical; o vermelho-fogo do rosto sumiu, dando lugar à palidez, emoldurada pelas aparadas costeletas ruivas. Ele se sentou bruscamente.

— Diga — ele disse com voz rouca. — Quem está lá embaixo? O próprio remetente?

— Um mensageiro, sr. Selby.

— Ah, olhe. Dê uma olhada rápida pela janela sutilmente e veja quem está lá fora.

Jim obedeceu. A rua estava escura e as luzes dos escritórios, na dianteira

das carruagens e dos ônibus, brilhavam na escuridão.

— Vê um homem de barba feita, cabelo claro, corado, corpulento... ?

— Há centenas de pessoas lá fora, senhor. Que roupa ele estaria vestindo?

— Não faço ideia da maldita roupa que ele possa estar vestindo, garoto! Há alguém lá fora, parado, como se esperando alguma coisa?

— Ninguém.

— Mmm. Bem, é melhor escrever uma resposta, suponho.

Ele escreveu algo às pressas no papel e o colocou de qualquer jeito em um envelope.

— Dê isto a ele — disse.

— Não vai escrever o endereço, sr. Selby?

— Para quê? O garoto sabe aonde levar.

— Para o caso de o mensageiro cair morto no meio da rua. Parece doente. Aposto que vai bater as botas antes de a semana acabar...

— Ah, saia daqui!

Como não obteve sucesso em descobrir o causador da ansiedade do sr. Selby, Jim tentou uma nova estratégia com o mensageiro.

— Aqui — ele disse, procurando fazer amizade. — Pensei que talvez você pudesse se interessar por um desses? Pode ficar, se quiser.

Ele entregou um exemplar surrado do livro *A Tripulação de Esqueletos* e de *O Brilho Fluorescente de Ned*. O garoto lançou um olhar frio sobre os livros e apanhou um, sem se pronunciar, enfiando-o no bolso do paletó.

— Onde está a resposta que estou esperando?

— Ah, sim, claro, que tolíce a minha — disse Jim. — Aqui está. Só que o sr. Selby se esqueceu de escrever o nome do cavalheiro no envelope. Posso fazer isso para você, basta me dizer — ele ofereceu, mergulhando uma pena no tinteiro do porteiro.

— Vá se danar! — respondeu o mensageiro. — Dê isso aqui. Sei para onde levar.

— Claro que sabe — respondeu Jim. — Apenas pensava que seria mais profissional.

— Dane-se o profissional — contestou o mensageiro, se afastando da lareira. Jim abriu a porta para ele, havia algo obstruindo a passagem e ele se curvou para poder abrir o caminho. O porteiro elogiou o uniforme do mensageiro.

— É como eu sempre digo, o vestir é uma arte — disse o visitante. — Seja elegante e você vencerá.

— Sim, sim, é a mais pura verdade — disse o porteiro. — Está ouvindo, Jim? Eis um rapazinho que tem a cabeça no lugar.

— Sim, sr. Buxton — disse Jim, respeitosamente. — Vou tentar me lembrar

sempre disso. Por aqui, vou mostrar a saída.

Com uma das mãos amigavelmente sobre as costas do menino, Jim abriu a porta e indicou a rua.

O mensageiro saiu sem dizer uma palavra, mas antes que ele tivesse caminhado cinco metros, Jim o chamou:

— Ei, não está esquecendo de nada?

— De quê? — perguntou o garoto, dando meia-volta.

— Isso — respondeu Jim, atirando uma bolinha encharcada de tinta de escrever, com seu estilingue indiano, acertando o rapaz bem no meio dos olhos, salpicando tinta pelo nariz, face e testa e o fazendo vociferar palavrões, tomado pela cólera. Jim ficou de pé no topo da escada da saída, balançando a cabeça em sinal de desaprovação:

— Meu caro — ele disse. — Não devia usar esse palavreado. Olhe os modos. O que sua mãe diria? Pare ou ficarei ruborizado de vergonha.

O mensageiro rangeu os dentes e cerrou os punhos, mas os olhos cheios de vigor e o corpo forte de Jim, que pareciam ansiar por aquele momento, o fizeram reconsiderar que a dignidade era a melhor forma de se vingar; se virou e se foi sem dizer nada. Jim observou com satisfação o elegante paletó castanho desaparecer na multidão, com a marca de mão impressa nas costas com pó branco de cal.

— Hotel Warwick — Jim disse a Sally, duas horas depois. — Estava escrito no chapéu dele, o idiota. E em todos os botões também. Não quero nem imaginar o que aconteceu quando ele chegou ao hotel sujo de tinta e cal. Adelaide — continuou —, estive em Wapping.

— Você viu a sra. Holland? — perguntou a menina.

— Só uma vez. Estava acompanhada daquele sujeito enorme e ele está fazendo todas as tarefas domésticas que você costumava fazer. Aqui, esta é boa!

Eles estavam na cozinha e ele olhava as estereografias recém-reveladas.

— Qual? — perguntou Sally, curiosa em saber qual era a preferida.

— Esta aqui, com os sinistros besouros. Estão excelentes. De causar boas risadas, esta aqui. Vocês deviam fazer de assassinos. Deviam fazer do Sweeney Todd, ou do Celeiro Vermelho.

— Faremos, sim — respondeu Sally.

— Ou do doente Jack do Calcanhar de Molas voando pelo céu.

— Quem? — perguntou Frederick.

— Aqui — disse Jim, oferecendo um exemplar da revista *Garotos da Inglaterra*. Frederick apoiou os pés num banco e se inclinou confortavelmente para ler.

— E o sujeito lá em cima? — perguntou Jim. — Como ele tá?

— Praticamente não falou desde que chegou — respondeu Sally.

— Qual o problema dele? Tá assustado ou coisa que o valha? Acredita que ele tá seguro aqui?

— Talvez precise apenas se recuperar do efeito do ópio. Ou quem sabe precisemos lhe prover mais — disse Sally, que se encontrava muito preocupada com a pequena pedra de resina marrom no guarda-louça da cozinha. Seu Pesadelo estava aprisionado nela, assim como o gênio da lâmpada, e bastava o uso de um fósforo para libertá-lo. — O que você acha que o homem no Hotel Warwick deseja? — ela perguntou para mudar de assunto.

— O velho Selby anda muito atacado. Achei que ele fosse ter um troço depois de ler a carta, hoje à tarde. Deve ter passado a perna em alguém e agora estão atrás dele. Só pode ser isso.

— Mas o que pode ser? Frederick, o que uma agencia marítima pode fazer que seja contra a lei? Que tipo de crimes pode cometer?

— Contrabando — respondeu. — O que acha?

— Pode ser — disse Jim. — E também há fraude, como afundar um navio para conseguir o dinheiro do seguro.

— Não — disse Sally. — A firma tinha apenas um navio. Não são proprietários de embarcações, apenas agentes comerciais. Além disso, esse tipo de fraude é fácil de descobrir, não?

— Acontece muito.

— Você acha que afundaram o navio propositadamente?

— Claro.

— Para quê?

— Eu sei a resposta — a voz era de Matthew Bedwell.

Ele estava de pé, na soleira da porta da cozinha, trêmulo e pálido. Adelaide prendeu a respiração e Frederick deu um pulo da cadeira e foi ajudá-lo a se sentar perto da lareira.

— Onde estou? — ele perguntou. — Quanto tempo estive desacordado?

— Você está em Bloomsbury — Frederick respondeu. — Seu irmão o trouxe três dias atrás. Somos amigos, você está seguro aqui.

Bedwell olhou para Adelaide, que nada disse.

— Adelaide fugiu — Sally disse. — O sr. Garland permitiu que ficássemos aqui, pois não temos para onde ir. Com exceção de Jim.

Os olhos do marinheiro se moveram com dificuldade passando por cada um dos presentes.

— Você falava do *Lavinia* — disse Jim. — Certo?

— O que sabe sobre o assunto? — perguntou Sally. Bedwell a fitou.

— Você é a menina do sr. Lockhart? Ela confirmou com um aceno.

— Ele pediu... ele me pediu que lhe desse um recado. Sinto dizer que infelizmente ele... O que quero dizer é que ele está morto, senhorita. Suponho que já sabia.

Ela concordou mais uma vez com a cabeça, sem encontrar uma resposta para dar.

Bedwell olhou para Frederick. — Meu irmão está aqui?

— Está em Oxford. Está esperando que melhore. Ele virá na quarta-feira, mas talvez você possa ir para lá antes disso.

Bedwell inclinou a cabeça e fechou os olhos.

— Talvez — disse.

— Está com fome? — perguntou Sally. — O senhor não come há dias.

— Se vocês tiverem uma pequena dose de conhaque na casa, ficarei muito grato. Mas não conseguiria comer no momento. Nem mesmo sua sopa, Adelaide.

— Não é *minha* sopa — respondeu Adelaide, veementemente. Frederick serviu um pequeno copo de conhaque para o marinheiro.

— Saúde — disse Bedwell, e tomou tudo de um só trago. — Ah, sim — disse. — *Lavinia*... Direi o que sei sobre isso.

— E o recado? — perguntou Sally.

— É uma parte da história. Começarei em Cingapura, onde seu pai embarcou na escuna.

— Eu era o segundo homem do *Lavinia* — começou. — Nem por isso era uma posição importante, já que se tratava de um naviozinho dos mais ordinários. Pegávamos todo tipo de mercadoria entre Yokohama e Calcutá, e na verdade em qualquer outro lugar que estivesse no caminho. Mas eu estava em uma maré de má sorte; e foi quando surgiu o *Lavinia* necessitando de um segundo suboficial e eu necessitando de um emprego... estive na escuna por três meses antes de ela afundar.

“Agora, o *Lavinia* tinha certa reputação. Não o navio, necessariamente, mas seus donos. Há trapaceiros de sobra no mar da China, Deus sabe quantos, desde contrabandistas a piratas e todo tipo de pessoas cruéis e implacáveis; no entanto, a empresa Selby & Lockhart representava um grupo diferente de escroques. O pior deles, talvez”.

— Não o meu pai — Sally respondeu com firmeza.

— Não — ele disse. — Devo reconhecer. Seu pai era um bom homem, descobri isso dois dias após ele embarcar. Outros homens que usavam o nome de seu pai e da empresa foram os responsáveis pela reputação que o navio ganhou.

— Reputação de quê? — perguntou Frederick.

Bedwell olhou para o copo vazio e Sally o serviu um pouco mais.

— Não sei o que vocês sabem sobre os chineses que povoam as Índias

Orientais — disse. — Há toda sorte de redes de influência e pressão, política, comercial, criminosa... E há também as sociedades secretas. Dizem que elas foram criadas para organizar a resistência contra a dinastia Manchu, que governa a China. Arrisco dizer que alguns deles são até inocentes, uma vez que estão tomando conta da sua gente, dos familiares. Mas há outros bem mais sinistros. São as sociedades chamadas Tríades.

— Eu já ouvi falar! — Jim disse, de repente. — A sociedade do Dragão Negro! E os Irmãos da Mão Escarlate! Há uma história sobre eles nos *Contos Intrigantes para Rapazes da Grã-Bretanha*.

— Ora, Jim, deixe disso — Sally falou. — Isto é sério. Prossiga, sr. Bedwell.

— Não acredito que sua revista de um centavo saiba da missa um terço, camarada. Assassinato, tortura. Eu preferiria cair nas mãos da Inquisição espanhola a cruzar com um integrante de uma das Sociedades Tríades.

— Mas qual a relação com Lockhart & Selby? — perguntou Sally.

— Bem, o que dizem é que a empresa, os agentes e seus diretores estavam metidos com uma dessas sociedades. Sob as ordens de um líder.

— O quê? — exclamou Frederick.

— Todos eles? — perguntou Sally. — Mesmo um homem chamado Hendrik van Eeden? Meu pai disse que ele era confiável.

— Não sei quem é esse, srta. Lockhart. Há dezenas de agentes e se trata de um boato. É bem provável que o seu pai tivesse razão.

— O que aconteceu quando ele embarcou no navio?

— Bem, o primeiro acontecimento foi a perda de uma carga. O sr. Lockhart chegou inesperadamente, listava acompanhado de um criado, um sujeito da Malásia de nome Perak. Nunca se separava de seu pai. Enfim, estávamos esperando a entrega de uma carga com tecidos, mas foi cancelada de última hora. Recebemos ordens de navegar com lastro, mas a ordem acabou também sendo cancelada. Finalmente, atracamos em outro ancoradouro e lá levamos a bordo uma carga de manganês. Ficamos ancorados por uma semana.

— Quem deu as ordens? — perguntou Frederick. — O sr. Lockhart?

— Não, o agente local. O sr. Lockhart ficou contrariado, ia e vinha do escritório para o porto, não sei quantas vezes. Ele estava certo. Eu não gostava da maneira como tudo estava sendo administrado, de forma ineficiente e relapsa. Ele também não gostava, e suponho que percebeu meu descontentamento. Foi durante essa semana que conversamos. Perak, o empregado, costumava tomar nota de tudo. Havia sido escrevente, explicou-me certa vez o sr. Lockhart.

“Então, finalmente, no dia 28 de junho partimos de Cingapura, com a intenção de levar a carga de manganês até Xangai. E na primeira tarde em alto-mar,

vimos uma barcaça chinesa toda pintada de preto.

“Obviamente, esses mares são sempre muito movimentados e um junco é o que mais se vê por aquelas bandas; porém não gostei da aparência daquele, em particular. Muito alto; com casco e velas escuros e com ar de que nos espreitava. Ficou de través durante dois dias e duas noites, e poderíamos tê-lo perdido de vista facilmente — o casco alto significava que eles recebiam todo o vento que havia e não conseguiriam mudar o curso com a mesma velocidade de uma escuna. Deveríamos tê-los deixado para trás e ganhado velocidade em direção ao nordeste, mas não o fizemos.

“Parecia que o capitão estava embromando intencionalmente. O sr. Lockhart não era marinheiro, do contrário teria percebido de imediato que não estávamos nem perto da velocidade que poderíamos alcançar, e o capitão, Cartwright, fez o que pôde para me manter longe do caminho do sr. Lockhart. Enfim, ele passava a maior parte do tempo em sua cabine, tomando notas.

“Eram tempos estranhos. Estávamos cada vez mais à deriva, enquanto pouco a pouco já não havia trabalho a fazer a bordo... Tentava conversar com o capitão, mas ele me ignorava. Os homens só sabiam ficar deitados na sombra, enquanto o ameaçador navio nunca saía da linha do horizonte. Apenas se movia com lentidão, avançando sutilmente, remanchando sobre a água... Aquilo começou a me tirar do sério. “E então na segunda noite aconteceu.

“Eu estava de prontidão. Por volta da uma da manhã um marinheiro chamado Harding estava no leme e o maldito navio preto permanecia se movendo lento e pesado na escuridão, a bombordo. Embora não estivesse escuro, não havia lua, mas as estrelas — vocês não sabem o que são estrelas se as viu apenas na Inglaterra. Nos trópicos, elas não brilham amortecidas, elas resplandecem; e o mar... Estava vivo pela fosforescência. O sulco deixado pelo navio e as ondas causadas pela proa formavam incríveis desenhos espiralados, compostos por bilhões de pontos de luz branca. O mar, em ambos os lados, estava repleto de partículas em movimento profundamente incandescentes. Peixes se lançavam como dardos pelas profundezas, incríveis nuvens tremeluzentes e véus umbrosos, pequenas ondas e redemoinhos de água brilhavam ao longe — uma ou duas vezes na vida é possível contemplar uma noite como essa, uma visão capaz de deixar qualquer um sem ar. E o junco era a única sombra nesse panorama candente. Eles tinham apenas uma débil lanterninha amarela oscilando no topo do mastro. O restante era puro breu, como um desenho para recortar, como uma marionete em um daqueles teatros de sombra que apresentam por lá.

“E então Harding, o timoneiro, me diz: ‘Sr. Bedwell, há um homem se aproximando a meia-nau’.

“Eu me encaminhei para a amurada com cuidado para não fazer barulho e

tive a certeza de ver um vulto do lado esquerdo do parapeito. Ele estava escalando para fora do navio, para dentro de um barco que balouçava ao lado. Eu estava a ponto de gritar, mas devido à grande quantidade de luz emitida pelas águas, reconheci seu rosto. Era o capitão.

“Disse a Harding que ficasse onde estava e desci correndo para a cabine do sr. Lockhart. Estava trancada. Ninguém respondeu quando bati na porta, e por isso a arrombei. E então...”

Ele olhou para Sally.

— Sinto muito, senhorita, ele havia sido esfaqueado.

Sally sentiu uma onda angustiante invadir seu coração e as lágrimas transbordaram de seus olhos, embaçando tudo ao redor. Ela balançou a cabeça com raiva.

— Continue — ela disse. — Não pare.

— A cabine estava revirada. Todos os papéis estavam espalhados pelo chão e o beliche havia sido aberto violentamente. O baú estava revirado — o lugar estava um caos. Com a saída do capitão do navio e a embarcação que nos vigiava... Estava prestes a correr e acordar a tripulação, quando ouvi um gemido vindo do beliche.

“Ele ainda estava vivo. Muito debilitado, mas conseguiu se mover e eu tentei levantá-lo, mas ele fez que não com a cabeça.

“‘Quem fez isto, sr. Lockhart?’, perguntei.

“Ele disse algo que não consegui compreender e então pronunciou duas palavras que congelaram meu sangue. ‘Ah Ling’, ele disse. ‘O navio negro... É dele. O capitão...’, ele nada mais conseguiu dizer por um instante. Minha mente estava a mil. Ah Ling, o navio era dele. Estávamos arruinados. Ah Ling era o assassino mais cruel e sedento de sangue de todo o mar da China. Já havia escutado esse nome inúmeras vezes e nunca sem o estremecimento de quem o citava.

“E então o sr. Lockhart voltou a falar. ‘Ache minha filha, Bedwell. Minha filha Sally. Diga a ela o que aconteceu... ‘ Sinto muito, srta. Lockhart; ele disse mais, porém eram palavras confusas, ou talvez fui eu que não consegui escutá-lo claramente... Não sei. Mas entendi suas últimas palavras. ‘Diga a ela para manter a pólvora seca’. É tudo de que me recordo. Ele morreu em seguida”.

O rosto de Sally estava todo molhado. Aquelas palavras — mantenha a pólvora seca —, ele sempre as dizia antes de partir numa viagem; e agora ele a tinha deixado para sempre.

— Está tudo bem — ela disse. — Estou prestando atenção. O senhor precisa me contar tudo. Se eu chorar, não dê importância, continue.

— Entendi que ele havia ditado uma carta ao criado, mas suponho que ela não chegou até aqui.

— Chegou — disse Sally. — Foi o que deu início a tudo.

Bedwell esfregou a sobancelha. Ao ver que o copo do marinheiro estava novamente vazio e que ele se mostrava cada vez mais cansado, Frederick serviu o que restava de conhaque.

— Obrigado. Onde eu estava... ? Bem, o que aconteceu em seguida foi um estranho e contínuo ruído tocando o piso superior, como gotas pesadas de chuva. Mas não era chuva, eram pés descalços correndo sobre o deque, e no instante seguinte se ouviu um grito desesperado do pobre Harding no timão. Então, o som de madeira se rompendo...

“Eu corri para a escada do convés e parei no topo, sob uma sombra.

“O navio estava afundando. Havia uns seis ou sete demônios chineses arrebatando os barcos salva-vidas e uns dois ou três da nossa tripulação estirados sobre o próprio sangue, no deque. O navio inclinou tão rapidamente que eu pude ver um dos corpos se mover, como se estivesse vivo, e deslizar lentamente até a água, que invadia vagarosamente o deque.

“Se eu viver cem anos, nunca esquecerei a imagem daquele navio e daquela noite. Permanece em minha memória tão vividamente quanto a imagem desta cozinha. Basta fechar os olhos e ela aparece... O mar cheio de luz, incandescendo todas as cores do arco-íris, como um imenso, silencioso e lento espetáculo de fogos de artifício — com pequenas saraivadas aneladas de luz sempre que algo caía sobre a água, e uma linha branca tremulante queimando ao contornar a margem da embarcação. O esboço preto e imóvel do navio chinês um pouco afastado; acima de nós, as estrelas — e elas também estavam coloridas: vermelhas, amarelas e azul-claras; e os mortos banhados no próprio sangue e os chineses rasgando os barcos agilmente. A sensação de estar afundando, caindo lentamente em uma gigantesca banheira de luz... Sou escravo de uma droga terrível, srta. Lockhart. Passei mais dias e noites submerso em sonhos estranhos do que gostaria; porém nada do que vivi sob o efeito da fumaça do ópio foi mais estranho ou terrível do que esses poucos minutos no deque do condenado *Lavinia*.

“E então senti que a mão de alguém puxava a manga da minha camisa. Virei — e ali estava o criado Perak, o dedo tocando os lábios em sinal de silêncio.

““Siga-me, Bedwell *tuan*’, sussurrou, e eu obedeci, desamparado como um bebê. Deus sabe lá como ele conseguiu descer o escaler do capitão, que se agitou ligeiramente sobre a água atrás da popa. Entramos e remamos para longe, não muito. Deveria ter ficado? Deveria ter lutado com os piratas? Eu com as mãos vazias e eles com cutelos? Não sei, srta. Lockhart, não sei...

“Então os piratas entraram em seus barcos e partiram. O *Lavinia* já estava quase submerso, e com ele o restante da tripulação. Aqueles que não haviam sido mortos no deque lutavam para soltar os barcos salva-vidas, e em seguida urravam

coléricos e apavorados ao perceberem que eles haviam sido furados. E no minuto seguinte, a escuna afundou — terrivelmente rápido, como se uma mão gigante a tivesse puxado para baixo da água. Houve um imenso redemoinho e gritos dos marinheiros ao caírem no mar. O escaler era um barco pequeno capaz de carregar sete ou oito, no máximo. Mas conseguiríamos salvar alguns. Dei meia-volta e remei em direção a eles.

“Entretanto, quando faltavam uns 40 metros, os tubarões chegaram. Os pobres-diabos não tiveram qualquer chance. Eram desajeitados e preguiçosos, porém inofensivos. Já estavam condenados antes mesmo de a viagem começar...

“Em pouco tempo ficamos sozinhos. Pedacos de destroços do naufrágio estavam espalhados pelo mar: estilhaços de remo, mastros quebrados e afins. Ao atravessarmos tudo isso, sentimos... nada. Entorpecidos. Sabe, acho até que peguei no sono.

“Como acabou a noite, não faço a menor ideia; tampouco entendo por que a sorte permaneceu comigo, quando um barco malaio de pescadores nos resgatou no dia seguinte. Não tínhamos comida ou água, não teríamos sobrevivido 24 horas. Eles nos levaram até terra firme, no vilarejo onde moravam, e de lá fomos para Cingapura. E lá...”

Ele se calou, esfregou os olhos, demonstrando cansaço, e os manteve fechados com as mãos encobrindo. Frederick perguntou calmamente:

— Ópio?

Bedwell fez que sim com a cabeça:

— Procurei por um covil e lá me perdi na fumaça. Uma ou duas semanas, como saber? Me perdi de Perak também. Perdi tudo. Quando voltei a recuperar os sentidos, consegui um trabalho como marinheiro de primeira classe em um navio com destino a Londres e, bem, vocês já conhecem o fim da história.

“Bem, agora sabem que o navio foi afundado. Não por um recife ou tufão; ou por indenização de seguro.

“É assim que vejo o ocorrido: espalharam a notícia de que o sr. Lockhart estava a bordo, investigando, fazendo sindicância. Alguém deu as ordens para que cancelassem a mercadoria em Cingapura e assim manter a embarcação no porto durante uma semana, enquanto Ah Ling e sua sórdida tripulação rumavam rapidamente em nossa direção.

“Afundar o navio foi apenas uma forma de ocultar o assassinato de seu pai. Uma única morte já teria levantado suspeita, porém uma em meio a várias em um naufrágio, especialmente sem ninguém para examinar — bem, parece mais um ato de Deus.

“Ainda não consigo entender os dois dias que passamos em alto--mar após sair de Cingapura. Mas se aprendi algo no Oriente é que nada se faz sem motivo.

Por alguma razão o ataque foi adiado até a noite do dia 30, quando eles poderiam ter nos atacado bem antes... Embora suponha que eles conseguiram nos afastar da rota dos navios.

“Alguém organizou tudo. Alguém poderoso e implacável. Alguém que estivesse próximo de Cingapura. Minha suposição é de que a sociedade secreta que mencionei está na raiz de toda essa história. Eles possuem os mais terríveis castigos para os seus inimigos e aqueles que os traem.

“Mas o que estão escondendo...”

Silêncio.

Sally se levantou e foi até a lareira, acrescentando, com uma pá, uma boa quantidade de carvão à brasa, agitando até criar uma labareda incandescente.

— Sr. Bedwell, seria possível que... Quando se usa ópio, quero dizer, é possível lembrar de fatos dos quais havia se esquecido?

— Já me aconteceu muitas vezes. Como se eu vivenciasse tudo novamente. Mas não preciso de ópio para me lembrar da noite em que o *Lavinia* afundou... Por que pergunta?

— Oh... É algo que ouvi. Mas há outra coisa que gostaria de lhe perguntar: essas sociedades secretas. Tríades, não é assim que são chamadas?

— Exatamente.

— O senhor disse que os agentes da firma eram integrantes de uma dessas sociedades?

— É o boato que corre por aí.

— O senhor sabe o nome dessa, especificamente?

— Sei. E foi quando ouvi falar de Ah Ling, o pirata. Dizem que ele é o líder dessa mesma sociedade. É chamada Sociedade Fan Lin, srta. Lockhart. As Sete Bênçãos.



AS ARMAS E A GAROTA

Na manhã seguinte, Sally saiu para uma caminhada a fim de pensar sobre o que Matthew Bedwell havia dito. Lá fora, o ar estava frio e úmido e o nevoeiro parecia abafar o som do trânsito. Ela caminhou sem pressa até o Museu Britânico. Seu pai havia sido assassinado...

Ela já suspeitava, claro; a história de Bedwell apenas confirmou seus receios. Entretanto, ficara ainda mais difícil desenredar aquele nó, não o contrário: visto que embora o significado das Sete Bênçãos estivesse claro agora, por que tal sociedade teria necessidade de se vincular a uma empresa de navegação? E que segredo tão precioso eles tinham que justificasse tantas mortes para que não fosse revelado? O sr. Higgs ficara sabendo. O sr. Selby saberia? E o desconhecido, o homem do Hotel Warwick, cuja carta amedrontara tanto o sr. Selby?

E havia também a mensagem que o pai deixara pouco antes de morrer: “Mantenha sua pólvora seca”. Esteja preparada, quis dizer. Esteja de prontidão.

Pois assim havia estado e assim pretendia permanecer; porém isso nada explicava. Ela desejava que o sr. Bedwell houvesse lembrado de outras coisas que o pai falara. Qualquer pequena pista teria sido melhor do que nada. Quem sabe ele não se recordaria depois, quando estivesse sob os cuidados do irmão. Ela esperava que sim, ansiosamente.

Chegou ao Museu Britânico e vagueou pelos lanços da escada. Pombos se amontoavam entre as colunas do edifício; três garotas um pouco mais novas que ela, sob os cuidados de uma governanta, subiam as escadas, conversando animadamente; ela, com seus pensamentos sobre morte e armas, não pertencia àquele calmo e civilizado lugar.

Voltou para a rua Burton; havia algo que queria perguntar a Trembler.

Ela o encontrou na loja arrumando os porta-retratos em exposição. Ouviu a risada de Rosa na cozinha e Trembler a informou de que o reverendo Bedwell chegara.

— Eu sabia que já o tinha visto antes — disse Trembler. — Dois ou três anos atrás, no Ginásio Sleeper, pouco depois que as novas regras do boxe, criadas

pelo marquês de Queensberry, passaram a valer. Ele fez uma aposta com Bonny Jack Foggon, da turma dos pugilistas das antigas que não usavam luvas. Os dois lutaram 15 assaltos, ele com luvas e Foggon sem, e ele ganhou, embora houvesse ficado muito machucado.

— O outro estava sem luvas?

— É, e esta foi sua desgraça. Sabe, as luvas protegem suas mãos tanto quanto o rosto do outro camarada, e após 15 assaltos os socos dele eram muito mais fortes que os de Foggon, embora o velho Bonny Jack estivesse acostumado a esfolar os punhos há anos. Lembro do murro que o nocauteou, um fascinante cruzado de direita, e ali foi o fim da luta e o triunfo das novas regras de Queensberry. Claro, o sr. Bedwell ainda não era um reverendo. A senhorita deseja alguma coisa?

— Sim... Trembler, sabe onde consigo uma arma? Uma pistola? Ele bafejou o bigode — uma mania que tinha sempre que era surpreendido.

— Depende do tipo — disse. — Suponho que queira uma barata.

— Tenho apenas algumas libras. E não posso ir a um armeiro. Provavelmente se recusaria a me vender uma arma. Você poderia comprar uma para mim?

— Sabe como usar uma pistola, não sabe?

— Sei. Tinha uma, mas foi roubada. Eu lhe contei. — É verdade. Bem, verei o que posso fazer.

— Se não quiser, posso pedir a Frederick que me ajude. É que pensei que você pudesse conhecer alguém...

— Alguém do mundo do crime, quer dizer. Ela confirmou com a cabeça.

— Bem, pode ser. Verei.

A porta se abriu e Adelaide apareceu com novas impressões de estereogramas. A expressão no rosto de Trembler mudou, e um sorriso banguela apareceu por debaixo do bigode.

— Eis minha princesinha — disse. — Por onde esteve?

— Com o sr. Garland — ela disse antes de ver Sally. — Bom dia, senhorita — sussurrou.

Sally sorriu e foi se juntar aos demais.

Na quarta-feira à tarde, dois dias depois de o desconhecido desembarcar do navio, a sra. Holland recebeu uma visita do sr. Selby. Foi uma surpresa e tanto; ela mal conhecia as regras de etiqueta para saber como deveria receber uma vítima de chantagem, mas deu o melhor de si.

— Entre, sr. Selby — ela disse, com um sorriso amarelo. — Uma xícara de chá?

— É muito gentil de sua parte — murmurou o cavalheiro. — Obrigado.

Eles trocaram amenidades por alguns minutos até a sra. Holland começar a

perder a paciência.

— Pois bem — disse. — Desembuche. Posso ver que está ansioso por me dar boas notícias.

— A senhora é urna mulher muito astuta, sra. Holland. Senti uma admiração pela senhora no pouco tempo em que nos conhecemos. A senhora encontrou algo sobre a minha pessoa, não negarei...

— Não pode negar — disse a sra. Holland.

— Não negaria se pudesse. Contudo, há colheitas mais fartas do que a minha. A senhora está sabendo de algo mais. Como pretende pôr as mãos no que resta?

— Eu? — disse ela demonstrando falso assombro. — Isto não me diz respeito, sr. Selby. Sou apenas uma intermediária. Fiz a proposta em nome do senhor que represento.

— Mas é claro — disse o sr. Selby, impaciente. — O senhor terá que ser consultado, se assim deseja a senhora. Não entendo por que a senhora não o deixa de lado e negocia diretamente comigo, mas esta é uma decisão sua.

— Tem razão — disse a senhora. — Bem, o senhor vai me contar tudo a respeito?

— Não tudo de uma vez, obviamente que não. O que acha que sou? Preciso de garantias, assim como a senhora.

— O que quer então?

— Proteção. E 75%.

— Proteção, sim. Setenta e cinco por cento, não. Quarenta, sim.

— Ora, nem pensar. Quarenta? Sessenta, pelo menos...

Eles acordaram que cada um ficaria com 50%, como ambos já sabiam de antemão; e então o sr. Selby pôs-se a falar. Demorou algum tempo e ao terminar a sra. Holland permaneceu calada, com olhos fixos na lareira vazia.

— E?

— Oh, sr. Selby. O senhor é uma piada. Soa como se houvesse sido flagrado em algo maior do que esperava.

— Não, não — ele disse, nada convincente. — Estou apenas cansado dessa vida. O mercado não é mais como era.

— E agora quer sair enquanto ainda está vivo, é?

— Não, não... Apenas pensei que seria vantajoso para ambos juntar nossas forças. Uma espécie de parceria.

Ela bateu nos dentes com um garfo de torrar pães.

— Pois lhe direi uma coisa — disse. — Faça um pequeno favor para mim e entrarei no negócio com você.

— O quê?

— O seu sócio, Lockhart, tinha uma filha. Ela deve estar com... ora, 16, 17 anos?

— O que sabe sobre Lockhart? Parece-me que você sabe de tudo e mais um pouco.

Ela se levantou.

— Adeus, então... — disse. — Mandarei a conta do meu senhor pela manhã.

— Não, não! — ele disse, precipitadamente. — Peço que me perdoe. Não quis ofendê-la. Desculpe-me, sra. Holland.

Ele transpirava, fato que ela observou com interesse; visto que fazia frio naquele dia. Fingindo estar apaziguada, ela se sentou.

— Bem, como se trata do senhor — continuou —, não me incomodo em dizer que os Lockhart, pai e filha, são velhos amigos. Conheço a menina há anos. O problema é que perdemos contato. Descubra onde ela está e garanto que o senhor não se arrependerá.

— Mas como farei isso?

— É problema seu e é a minha condição. Além dos 50%.

Ele franziu a testa, resmungou, torceu as luvas e bateu no chapéu; mas não tinha saída. Então uma ideia lhe ocorreu.

— Ouça — disse. — Eu lhe contei bastante. Que tal você contar algo também? Quem é esse cavalheiro que a senhora representa, hein? Onde ele ouviu toda essa história, para início de conversa?

Ela ergueu o lábio superior, num grunhido reptiliano. Ele recuou e então percebeu que ela estava sorrindo.

— Tarde demais para me fazer tal pergunta — ela disse. — Já negociamos e não me recordo disto como sendo parte do acordo.

Tudo o que pôde fazer foi suspirar. Com a sensação desconfortante de que havia feito a coisa errada, o sr. Selby se levantou para ir embora, deixando a sra. Holland sorrindo afetuosamente, como um crocodilo com o novo filhote.

Dez minutos depois, o sr. Berry perguntou a ela:

— Quem era o senhor que acaba de sair, sra. Holland?

— Por quê? — ela disse. — Você o conhece?

— Não, madame. Mas ele está sendo vigiado. Um sujeito bem fornido, louro, estava fazendo hora nas proximidades do cemitério. Ele esperou até que seu corretor saísse e o seguiu sem ser visto.

Os olhos remelados da sra. Holland se abriram e em seguida as pálpebras voltaram a descer.

— Sabe, sr. Berry — disse —, estamos em um jogo interessante. Não perderia isso por nada no mundo.

Trembler não tardou em encontrar uma arma para Sally. No dia seguinte, enquanto Adelaide ajudava Rosa a bordar, ele fez um sinal para que Sally o seguisse até a loja e pôs um pacote marrom sobre o balcão.

— Custou quatro libras — ele disse. — E também há pólvora e bala.

— Pólvora e bala? — Sally perguntou desanimada. — Esperava algo mais moderno...

Ela deu o dinheiro a Trembler e abriu o embrulho. A pequena pistola não tinha mais de 15 centímetros de diâmetro, com cano curto e atarracado e percussor longo e curvado; a empunhadura era de madeira de carvalho e encaixava na mão de Sally perfeitamente; também não parecia mal balanceada, e o nome do fabricante — Stocker of Yeovil — era reconhecido. Além disso, o selo de garantia do governo estava estampado debaixo do cano como deveria; porém a parte de cima do cano, ao redor do bocal, onde a cápsula fulminante explodia, estava seriamente gasta e avariada. Um pacote com pólvora, uma pequena bolsa com balas de chumbo e uma caixa com cápsulas fulminantes completavam o arsenal.

— Tem serventia? — perguntou Trembler. — Fico muito nervoso com arma por perto.

— Obrigada, Trembler — ela disse. — Terei que testá-la algumas vezes, mas é melhor do que nada.

Ela puxou o percussor para testar a força da mola e olhou o estreito tubo de metal, onde a espoleta da cápsula fulminante se encontrava com a pólvora. Precisava de uma boa limpeza, há muito não era utilizada; o cano, pensou, parecia consideravelmente frágil.

— Antes a senhorita do que eu — disse. — Bom, vou limpar o estúdio; temos uma sessão hoje pela manhã.

O estúdio era um quarto com cortinas de veludo e objetos pendurados desorganizadamente em uma poltrona de crina de cavalo ou amontoados ao lado de uma planta aspidistra. Nesta manhã, a cliente era uma jovem que desejava tirar uma foto sua para enviar ao noivo, que se achava no mar Báltico trabalhando com transporte de madeira e que voltava para casa duas vezes por ano. Rosa ficara sabendo disso e muito mais; era capaz de encher as pessoas de perguntas por horas a fio.

A cliente chegou, acompanhada da mãe, às onze. Sally as levou até o estúdio, onde Frederick arrumava uma enorme câmera, e em seguida pegou emprestado um pouco de óleo cru e foi para a cozinha limpar a arma. Adelaide se juntou a Trembler na loja e a deixou sozinha, mas ela nem notou. O cheiro do óleo, a textura do metal, o ato de remover pouco a pouco os resíduos que obstruíam a pistola lhe proporcionava uma sensação de paz e felicidade. Quando terminou, deixou-a de lado e lavou as mãos.

Ela teria que testar a arma. Respirou fundo e exalou o ar lentamente. Temia pelo cano corroído. O mecanismo estava em ordem; o gatilho se movia agilmente; o percussor encaixava no ponto exato; não havia nada torcido ou torto, nada rachado. No entanto, se o cano não fosse capaz de aguentar a pressão da explosão, ela perderia o braço direito.

Depositou um pouco do pó preto e arenoso de pólvora e o socou com firmeza. Em seguida, rasgou um pedaço do pano azul da bainha do vestido que Rosa estava reparando e usou-o para envolver uma das balas de chumbo, a fim de garantir que elas ficariam bem apertadas no cano; e então a bala uniu-se à pólvora, no cano, e com eles um pedaço de bucha. Socou com força e tirou uma cápsula fulminante da caixa — um cilindro de cobre contendo fulminato, um composto químico, que em contato com o percussor explodia. Ela puxou o percussor até ouvir o clique duas vezes, ajeitou a cápsula sobre o bocal e então, com extremo cuidado, segurou o percussor enquanto puxava o gatilho delicadamente. Isso fez com que o percussor descesse metade do caminho, a uma posição onde travasse.

Trembler e Adelaide estavam na loja, Frederick estava no estúdio, Rosa havia ido ao teatro. Ninguém que pudesse vê-la ou distraí-la. Foi para o quintal. Havia uma cabana de madeira com uma porta descascada que serviria de alvo. Após certificar-se de que a cabana estava vazia, contendo apenas vasos de plantas e sacos vazios, deu dez passos e se virou para a porta.

O ar no quintal estava frio e ela vestia uma roupa fresca; imagens de um braço decepado, sangue jorrando da pele rasgada e de osso quebrado insistiam em atormentar sua mente; porém a mão que segurava a arma estava perfeitamente firme. Ficou satisfeita.

Destravou a arma, puxando o percussor, produzindo outro clique, e mirou no centro da porta.

Então apertou o gatilho.

A arma deu um salto em sua mão, mas ela esperava por isso e estava preparada. O enorme estrondo e o cheiro de pólvora eram diferentes do que ela estava acostumada, porém similares o suficiente para satisfazer seus sentidos, e no mesmo milésimo de segundo ela percebeu que o cano resistira, que ainda possuía mão e braço e que tudo permanecia igual no quintal.

Inclusive a porta da cabana.

Não havia furo de bala em nenhum lugar à vista. Intrigada, ela examinou a pistola, mas estava vazia. Havia se esquecido de colocar a bala? Não, pois se lembrava do pedaço de pano azul do vestido. Então o que havia acontecido? Onde fora parar a bala? A porta era grande o suficiente; além do quê, daquela distância, ela teria sido capaz de fazer um furo em um cartão de visita.

Foi quando viu o furo. Estava a um metro do alvo, à esquerda da porta e a

um metro do chão. Ela estivera mirando firmemente na altura da cabeça. Ainda bem que o pai não vira o tiro. Teria o coice da arma arruinado seu alvo? Rejeitou tal hipótese. Havia atirado centenas de vezes. Sabia usar uma pistola.

Devia ter sido a própria arma, concluiu. Um cano curto, sem estriamento, não podia ser muito preciso. Suspirou. Ainda assim, pelo menos agora teria algo que fizesse bastante barulho e cheirasse a pólvora; e serviria para amedrontar qualquer um que a atacasse; mas teria apenas direito a um tiro...

A porta da cozinha se abriu e Frederick veio correndo para o quintal.

— Mas que diabos — ele disse.

— Está tudo bem — Sally respondeu. — Não há nada quebrado. Você ouviu o barulho lá de dentro?

— Devo dizer nós. Minha cliente deu um salto da cadeira e do enquadramento. O que está fazendo?

— Testando a pistola. Desculpe-me.

— Em plena cidade de Londres? Você é uma bárbara, Lockhart. Não sei que efeito causará na sra. Holland, mas, por Deus, você quase me matou de susto. Parafraseei o duque de Wellington — ele disse mais docilmente — falando sobre seus soldados. Você está bem?

Ele se aproximou mais dela e pôs a mão sobre seu ombro. Ela agora tremia dos pés à cabeça, sentia frio, estava com raiva e magoada consigo mesma.

— Olhe para você — ele disse. — Está tremendo como vara verde. Como consegue atirar com pontaria, tremendo desse jeito? Venha para dentro se aquecer.

— Não tremeo quando atiro — ela murmurou, com dificuldade para encontrar a própria voz; e se deixou levar para dentro da casa como uma inválida. Como ele pode ser tão estúpido? Tão cego?, ela pensou, e ao mesmo tempo, como posso ser tão fraca?

Em silêncio, se sentou para limpar a pistola.



CABEÇA DE TURCO

A sra. Holland, como combinara com o sr. Selby, designou um de seus jovens capangas para cuidar da segurança do corredor. O jovem ficava sentado no escritório, cutucando as unhas e assoviando dissonantemente. Não saía de perto do sr. Selby, irritando a todos que encontrava com a insistência de revistá-los em busca de arma. Jim se divertia imensamente e fazia questão de que o homem o revistasse sempre que ele entrava no escritório — algo que Jim procurava fazer sempre que podia, até o sr. Selby perder a paciência e enxotá-lo para fora.

Contudo, atormentar o sr. Selby era apenas uma das preocupações de Jim. Durante alguns dias, ele passou um bom bocado de tempo em Wapping. Fizera amizade com um segurança noturno no píer do Acoradouro Aberdeen, que lhe forneceu informação a respeito da sra. Holland em troca de exemplares usados dos *Contos Intrigantes para Rapazes da Grã-Bretanha*. A informação não era lá muito interessante, mas era alguma coisa, bem como os fragmentos de informação que conseguira com as “cotovias da lama” — meninos e meninas que sobreviviam de catar pedaços de carvão entre outros objetos da lama que se formava na maré baixa. Às vezes, eles também se aventuravam a entrar em barcos desprotegidos, porém raramente se afastavam da praia. Conheciam a sra. Holland e acompanhavam seus movimentos atentamente. Por exemplo, um dia depois de Sally testar a nova pistola, eles contaram a Jim que a sra. Holland e o sr. Berry haviam saído pela manhã, rumo ao oeste, vestidos com roupas de frio; e ainda não haviam retornado.

O motivo daquela expedição se encontrava no pedaço de papel que a sra. Holland encontrara em sua visita a Ernie Blackett. Inicialmente, ela suspeitou de que Sally havia forjado uma mensagem para despistá-la, porém quanto mais buscava interpretar as palavras, mais elas pareciam fazer sentido; mas estava danada se conseguisse decifrar exatamente o quê.

Finalmente, ela perdeu a paciência.

— Vamos, sr. Berry — disse. — Vamos a Swaleness.

— Pra quê, madame?

— Atrás de uma fortuna.

— Onde está?

— Adoraria saber, diabos.

— Então o que iremos fazer lá?

— Quer saber, Jonathan Berry — ela disse exaltadamente —, você é um idiota. Não consigo tolerar um idiota.

— Perdão, madame — o sr. Berry disse, sentindo vergonha de si mesmo, sem saber por quê.

O plano da sra. Holland era visitar a residência Foreland e interrogar a governanta bêbada, se ela ainda estivesse por lá, na esperança de que soubesse de algo, porém após uma caminhada lamacenta, sob vento cortante, eles encontraram a casa vazia e trancada. A sra. Holland praguejou por pelo menos uns dez minutos, sem repetir palavras, e então se calou, num silêncio mal-humorado, enquanto retornavam rumo à cidade.

— Espere — ela disse. — Como se chama o pub próximo ao porto?

— Pub, madame? Não me lembro de ter visto um — respondeu o sr. Berry, cortesmente.

— Claro que você não viu, seu cérebro de porco, que se alimenta de lavagem. Mas se for o Cabeça de Turco, como creio que seja...

Era a primeira vez que ela dizia algo sem malevolência, e o sr. Berry ficou mais entusiasmado. Ela manuseava o pedaço de papel novamente.

— Vamos — disse. — Sabe, sr. Berry, acho que entendi... Ela enfiou o papel na bolsa e apressou o passo.

— Se eu disser que tome uma caneca de cerveja, não ouse me desobedecer — ela disse bem mais tarde. — Não quero você sentado lá como um maldito abstinente, tomando limonada, um homenzarrão como você, do contrário irá chamar muita atenção. Faça o que eu disser.

Eles ficaram em frente à hospedagem. Estava escuro, visto que a sra. Holland insistiu que esperassem até o entardecer; ela passara a tarde toda perambulando pelo porto, enquanto os barcos pesqueiros subiam vagarosamente com a maré, que invadia o estreito rio. Sem entender nada, o sr. Berry a observava falar com um pescador atrás do outro sobre assuntos sem sentido como luzes e marés e afins. Ela era um prodígio, sem sombra de dúvida.

Mas ele não iria tomar cerveja sem antes brigar.

— Tenho os meus princípios — ele disse teimosamente. — Fiz uma promessa e isso me basta. Não tomarei cerveja alguma.

A sra. Holland recordou-lhe em linguagem acalorado que ele era um bandido, um assassino e um crápula, que bastava que ela estalasse os dedos para que ele voltasse para a prisão, e que o que ela sabia seria suficiente para que ele fosse

enforcado em menos de um mês. Ainda assim ele não cedeu. Finalmente, ela teve que desistir.

— Está bem — ela disse amargamente. — Limonada, então, e espero que essa larva de mosca que o senhor insiste em chamar de consciência se dê por satisfeita.

Com a tranquila felicidade de um virtuoso, ele a seguiu até o interior do pub Cabeça de Turco.

— Sirva um gim, querido — ela disse para o proprietário do estabelecimento. — E um copo de limonada para o meu filho, que tem o estômago delicado.

O homem trouxe as bebidas, e enquanto o sr. Berry bebericava sua limonada, a sra. Holland iniciou uma conversa com o dono do lugar. Que local ótimo ele possuía ali, sim, com vista para o mar. O pub é antigo? Com uma velha adega? Mesmo? Sim, ela havia visto uma pequena janela ao lado da escada, logo na entrada, no andar de baixo, e apostara com o filho que dava para ver o mar dali. Verdade? Apenas na maré cheia? Ora, se não era uma maravilha. Que pena que estava escuro — não teria como provar ao filho que estava certa. Um drinque para o proprietário? Vamos, a noite está fria. Sim, uma pena que estivesse escuro agora e os dois tivessem que ir embora em breve. Ela teria ganho a aposta. Haveria uma forma? Como? Havia uma boia no riacho — dava para avistá-la quando a maré estava alta. Viu só, Alfred! (Dirigindo-se ao sr. Berry, sentado ao lado, confuso.) Isso seria uma prova para você?

Ela chutou sua canela e ele concordou com veemência, em seguida esfregou o tornozelo disfarçadamente.

— Sim, mãe — ele disse.

Após intercambiar uma exagerada piscadela com a sra. Holland, o proprietário abriu a bancada do bar para que eles passassem.

— Debaixo da escada — ele disse. — Basta pôr a cabeça um bocadinho para fora da janela e a senhora verá.

A porta da adega ficava num estreito corredor atrás do bar, e as escadas estavam sem luz. A sra. Holland acendeu um fósforo e olhou ao redor.

— Feche a porta — sussurrou para o sr. Berry. Ele a fechou e tropeçou.

— Cuidado — ela disse. Ela apagou o fósforo e os dois ficaram parados sobre a escada.

— O que procura?

— Um lugar de trevas — ela sussurrou. — É esta adega. Debaixo de um intricado nó.

— Hein?

— Cabeça de Turco também é o nome de um tipo de nó. Não sabia? Claro

que não. “Três luzes vermelhas”, há uma boia ali no riacho que reluz três vezes, “quando a lua se estira sobre a água”, quando a maré está alta. Vê? Tudo se encaixa. Agora resta apenas procurar pela luz...

— É aquilo ali, sra. Holland?

Ele apontava para um pequeno quadrado de tênue brilho no meio da escuridão.

— Onde? — perguntou. — Não vejo nada. Saia do caminho. Ele subiu um lance de escada e ela ocupou seu lugar, espiando pela pequena janela.

— É isto! — disse. — É isto! Agora, rápido: “Três luzes vermelhas brilham claramente no local”.

Ela se virou. Por algum motivo esdrúxulo, um dos vidros fundidos na janela funcionava como lente, focando o brilho distante em um ponto da parede de pedra — um local onde a pedra estava solta, ela descobriu tão logo cravou suas garras sôfregas na argamassa que unia as pedras.

Arrancou a pedra. Era do tamanho de um tijolo; entregou-a ao sr. Berry e enfiou a mão no buraco.

— Há uma caixa — ela disse, a voz tremia. — Acenda um fósforo, rápido. Rápido.

Ele deixou a pedra no chão e fez o que ela mandou, e em seguida a viu retirar do buraco da parede uma pequena caixa de metal cravejada de adornos.

— Segure firme, maldição — ela disse, mas estava era xingando as próprias mãos. Tateou a tampa, tentando abrir; e então a luz do fósforo se apagou.

— Acenda outro — rosnou. — O maldito proprietário deve descer a qualquer momento...

A luz se acendeu novamente entre os dedos dele. Ele manteve o fósforo firme, enquanto ela manuseava a caixa até finalmente abri-la.

A caixa estava vazia.

— Desapareceu — ela disse. Sua voz era de perplexidade.

— Desapareceu, sra. Holland?

— O Rubi, seu sapo abobalhado. Estava aqui nesta caixa, e alguém o levou.

Ela voltou a guardar a caixa no buraco, amargamente, após se certificar de que não havia nada mais ali dentro, e recolocou a pedra no lugar, segundos antes de o dono do estabelecimento abrir a porta da adega e descer a escada com uma vela.

— Está tudo bem? — o homem perguntou.

— Sim, obrigada, meu caro. Vi a luz e meu filho também. Não é, Alfred?

— É, mãe. Vi muito bem.

— Somos muito gratos ao senhor — a sra. Holland disse ao saírem da adega. — O senhor não mostrou a adega a ninguém recentemente, mostrou?

— Não, o último a descer aqui foi o major Marchbanks, há uns dois meses. Disse que queria ver os alicerces da época da monarquia Tudor. Um senhor muito gentil. Se matou há pouco tempo.

— Não me diga — ela falou. — Ninguém mais então?

— Minha filha talvez tenha deixado alguém descer, mas ela não se encontra no momento. Por quê?

— Curiosidade — a sra. Holland disse. — Um lugar realmente singular, só isso.

— Pois é — ele disse. — Muito bem, então.

A sra. Holland se viu forçada a se dar por satisfeita. Contudo, enquanto esperavam pelo trem, disse ao sr. Berry:

— Apenas uma pessoa sabia onde o Rubi estava: a garota. Hopkins está morto e Ernie Blackett não conta... Foi a garota. Vou colocar minhas mãos nela, sr. Berry. Vou pegá-la e rasgá-la viva. Ah, se vou. Agora, sim, estou com raiva e vou acabar com ela, espere para ver.



PROTEGENDO A PROPRIEDADE

Na sexta-feira do dia 18 de novembro, o sr. Selby saiu para uma viagem pelo rio. Era parte do trabalho fazer inspeções ocasionais nas embarcações que se encontravam ancoradas nas docas, das mercadorias armazenadas nos depósitos, e emitir certificados e reconhecimento de carga. Outrora, ele havia sido um bom agente marítimo. Ativo e vigoroso, era perito em estimar o valor dos produtos tanto em Londres quanto em mercados estrangeiros. Tinha tino para o ramo de navios e poucas pessoas haviam conseguido se impor em uma negociação com ele.

Por essa razão, quando chegou o momento de procurar uma escuna para substituir a falecida *Lavinia*, o sr. Selby fez questão de ir pessoalmente — com a sensação de alívio. Aquela, sim, era uma tarefa que não trazia aborrecimentos, em que não teria que se envolver com nada desonesto ou chinês — uma tarefa simples e descomplicada. Então, na sexta-feira à tarde, ele se dirigiu à estação final da Estrada de Ferro Blackwall bem-abrigado contra o frio, levando um cantil com conhaque no bolso interno do casaco, para manter a mente clara.

O sr. Berry o acompanhou. O primeiro segurança tivera um infeliz incidente envolvendo um policial, um pub e um relógio roubado, e na falta de alguém melhor a sra. Holland enviou o sr. Berry até Cheapside.

— Aonde vamos, sr. Selby? — ele perguntou, ao saírem do trem.

— Ao rio — o sr. Selby respondeu secamente.

— Ah.

Eles caminharam até o píer Brunswick, onde os aguardava um barco, previamente providenciado pelo sr. Selby, que deveria levá-los pelo afluente Bow à área de construções de navios, onde estava ancorada a escuna. O píer estava deserto, com exceção de um pequeno barco na margem do rio, na escadaria, e sobre ele um sujeito vestido com casaco verde surrado e um largo chapéu, segurando dois longos remos.

Ao chegarem, o barqueiro ajudou o sr. Selby a descer. Então se virou para o sr. Berry.

— Desculpe, senhor, mas o barco comporta apenas duas pessoas.

— Mas recebi ordens para ficar com ele — disse. — Tenho que estar com ele. Foram ordens.

— Desculpe, senhor — o outro respondeu. — Não há lugar.

— O que é isso? — o sr. Selby se queixou. — Não vai se mexer? Sou um homem ocupado.

— Ele diz que só há lugar para dois, senhor — Jonathan Berry respondeu.

— Pois apanhe os remos e reme — disse o sr. Selby. — Só não fique aí parado.

— Sinto muito, senhor — disse o barqueiro —, mas são normas da empresa: o barco não pode sair sem a presença de um funcionário. Não há nada que eu possa fazer, senhor.

O sr. Selby resmungou, impaciente.

— Ora, pois bem. Você fique aí, seja lá qual for seu nome. Não arrede o pé deste píer.

— Está bem, sr. Selby — disse o segurança.

Ele se sentou ao lado de um poste de amarração e observou placidamente o sr. Selby ser levado pelo turvo rio.

E foi apenas às seis da tarde, quando fecharam o píer, que ele, ainda sentado no mesmo lugar, percebeu que havia algo de errado.

— Seu maldito cabeça de bagre — disse a sra. Holland, que em seguida fez um amplo perfil da personalidade do sr. Berry, com direito a uma lista de seus ancestrais e um prognóstico do futuro dele.

— Mas ele mandou que esperasse — protestou o sr. Berry.

— O senhor não se dá conta do que está acontecendo aqui, não é? Não percebe o que acabou de fazer, percebe, anta?

— Isso porque a senhora não me explica — murmurou o grandalhão, sem ousar falar em voz alta.

A sra. Holland estava agora tão obcecada pelo Rubi que não conseguia enxergar mais nada. O sr. Selby fora alvo de interesse temporário, promissor, porém longe de apresentar o fascínio deslumbrante de sua prioridade. Mandou embora os poucos hóspedes que havia na estalagem para que a casa ficasse vazia e pendurou uma placa na porta de entrada de NÃO HÁ VAGAS; despachou espiões por toda a cidade de Londres em busca de Adelaide e Sally e, por via das dúvidas, de um fotógrafo de cabelo claro; ela havia deixado o sr. Berry num estado de nervos tal que o menor dos movimentos dela o sobressaltava, uma única palavra o fazia pular, e quando ela aparecia repentinamente em um dos cômodos da residência, ele se levantava do assento como um colegial assustado. Ela perambulava pela casa xingando e resmungando, rondava as cercanias de seu território, desde a Ladeira Velha de Wapping até a bacia de Shadwell, do Ancoradouro do Carrasco à Estrada

de Ferro Blackwall, com olhos atentos sobre cada jovem que passava; não dormia, somente tirava sonecas, sentada na cozinha, entre um chá e outro. O sr. Berry andava na ponta dos pés e falava muito educadamente.

Já Sally se sentia perdida.

Comprara uma arma, mas não conhecia seu inimigo; descobrira a verdade sobre a morte do pai, porém não entendia o motivo.

E os dias passavam... Sentia que no dia em que foi a Cheapside acabou incitando algo do qual agora perdera o controle. Os acontecimentos revolviam de maneira obscura ao seu redor; como enormes máquinas perigosas em uma fábrica sem iluminação, entre as quais ela caminhava com os olhos vendados...

Sabia que poderia descobrir mais — mas o preço seria uma nova viagem ao Pesadelo. E este preço ela não estava disposta a pagar — ainda.

Era irônico, pois pela primeira vez tinha amigos, uma casa e um objetivo. Cada dia que passava, estava mais confiante com os conhecimentos que adquiria sobre os negócios da loja e mais cheia de ideias para desenvolver. Infelizmente, a maioria das ideias demandava investimento e não havia capital disponível. Ela não podia usar o seu, pois precisaria recorrer ao sr. Temple, e se fosse até ele perderia sua independência de vez.

Pensou em Frederick. Era tão fácil pensar em Frederick. Uma mescla curiosa de impertinência preguiçosa com temperamento passional, de relapso boêmio com dedicado perfeccionismo! Frederick seria um caso fascinante para qualquer psicólogo. Pensou: preciso pedir a ele que me ensine a fotografar. Mais tarde, não agora. Pelo menos até estar livre deste mistério.

Com esforço voltou os pensamentos para a escuridão: para a sra. Holland. Portanto, a jovem e a senhora tinham suas mentes ocupadas uma com a outra; e quando isso ocorre com as pessoas, mais cedo ou mais tarde elas acabam se encontrando.

No sábado, de manhã cedo, um homem e um garoto em uma barcaça carregada de esterco avistaram um corpo nas águas de uma parte do rio conhecida como Erith Reach. Com a ajuda de uma âncora, eles arrastaram o corpo para bordo e o colocaram cerimoniosamente no topo do monturo flutuante. Era a primeira vez que o menino via um corpo e estava muito satisfeito. Quis mantê-lo ali por mais um tempo e exibir para quem passasse; contudo o pai parou em Purfleet e lá entregou o corpo às autoridades locais. O carregamento de estrume de cavalo prosseguiu viagem rumo às fazendas de Essex.

Jim passou a ocupar a maior parte de seus fins de semana na rua Burton. Apaixonou-se por Rosa, que o recrutou de imediato para a Empresa de Repertório Estereográfico. Ele era Oliver Twist; o Garoto sobre o Deque em Chamas; era Puck em *Sonhos de uma Noite de Verão*; o Príncipe da Torre, com Frederick como o nada

convincente Tio Malvado. Entretanto, não importava quão fantasiado estivesse ou quão nobre fosse seu disfarce, os traços de Jim eram tão caricatos que a única expressão que a câmera conseguia captar era a de alegre vilania. Certa ocasião eles tentaram “Quando foi a última vez que você viu seu pai?”, e Jim parecia, disse Frederick, que estava tentando convencer o Parlamento de que deixaria qualquer coisa a preço de banana para eles.

— Escutem — ele disse, quando chegou, no sábado. — O velho Selby está desaparecido! Não foi trabalhar hoje de manhã. Aposto que ele já era. Aposto que o homem do Hotel Warwick cortou a garganta dele.

— Não se mexa — disse Rosa, com a boca cheia de alfinetes. O estúdio havia se transformado na Palestina, com a ajuda de um pano de fundo pintado, e ela tentava fazer com que Jim parecesse o Davi de Golias para uma série de fotos bíblicas, ideia de Trembler, que afirmou que poderiam vendê-las para sociedades missionárias.

— Qual foi a última vez que você lavou seus joelhos?

— Aposto que ele nunca lavou os joelhos. Quem vai querer esta foto, afinal? — provocou Frederick.

— Canibais — disse Sally.

— Mas vai aparecer na foto? Ei, vocês parecem não dar a mínima para o velho Selby. Aposto que ele tá morto.

— Provavelmente — disse Rosa. — Agora, quer parar de se mexer, pelo amor de Deus. Temos ainda muito trabalho pela frente.

Um cliente entrou na loja e Sally foi atendê-lo. Ao voltar não conseguia conter o sorriso.

— Ouçam! — disse. — Ouçam, isso é maravilhoso! O homem que acabou de sair era da Chainey's, a gráfica. Eles querem imprimir várias de nossas fotos para colocar à venda por toda Londres. Imediatamente! O que acham?

— Excelente! — disse Frederick. — Quais?

— Quanto irão pagar? — perguntou Rosa.

— Pedi a ele que voltasse na segunda-feira. Disse que estávamos muito ocupados para tratar do assunto agora, mas que já havíamos recebido propostas de outras empresas e precisaríamos examinar a melhor delas. Quando ele voltar...

— Não fez isso! — disse Rosa. — Mas não é verdade!

— Bem, talvez ainda não seja. Mas será. Estou apenas adiantando um pouco para aumentar nosso preço. Frederick, quando ele voltar precisará negociar bem. E lhe direi o que fazer.

— Espero que sim, pois não tenho a menor ideia do que falar. Ah! Você viu isto? Queria te mostrar mais cedo.

Ele mostrou a última edição do *Times*.

— Mas será possível — queixou-se Rosa. — Você vai fotografar hoje ou não?

— Claro que sim — respondeu. — Mas isso pode ser importante. Escute: *Srta. Sally Lockhart. Caso a srta. Sally Lockhart, filha do falecido Matthew Lockhart, ilustríssimo, de Londres e Cingapura, tenha interesse em ter com o sr. Reynolds no Hotel Warwick, em Cavendish, ela saberá algo de seu interesse. O que acha?*

Jim soltou um assovio.

— É ele — disse. — É o sujeito que matou o velho Selby.

— É uma cilada — disse Sally. — Não irei de jeito algum.

— E se eu fosse fingindo ser você? — perguntou Rosa.

— Não vá — disse Jim. — Ele vai cortar a sua garganta, assim como fez com o velho Selby.

— O que sabe sobre Selby? — disse Frederick. — Que garoto terrível. Você está obcecado.

— Aposto — disse Jim na mesma hora. — Aposto meia coroa que ele está morto.

— Apostado. Sally, irei com você se desejar. Ele não poderá lhe fazer mal se eu estiver lá.

— Mas e se for o sr. Temple? — ela cogitou. — Você parece esquecer que devo continuar escondida. Ele é legalmente responsável por mim, e deve estar tentando me encontrar de todas as formas.

— Mas deve ser algo relacionado ao seu pai — disse Rosa. — Ele a chamou de Sally e não de Verônica, para início de conversa.

— É verdade. Ai, não sei o que fazer. Mas... ai, não sei. Há muito o que fazer aqui. Vamos continuar com as fotos...

No domingo à tarde, Adelaide e Trembler foram caminhar. Passaram pelo Museu Britânico, desceram a rua Charing Cross e contemplaram a estátua de Nelson no topo da coluna da praça Trafalgar; tomaram a estrada The Mall para uma visita a Sua Majestade, a rainha. Infelizmente, ela não se encontrava, pois a bandeira real não estava hasteada no Palácio de Buckingham.

— Certamente ela estará em Windsor — disse Trembler. — É bem o seu estilo. Vamos comer umas castanhas, então.

Compraram castanhas e passearam pelo parque, guardando algumas para os patos, que se aglomeraram e brigaram pelas sementes como pequenos navios de guerra. Adelaide nunca sonhara ter uma tarde assim. Riu e se divertiu com Trembler como se houvesse esquecido o que era a infelicidade, e ele também riu e a ensinou a deslizar pedrinhas sobre a superfície do lago, até que um dos guardas do parque os repreendeu, mandando-os circular. Quando o guarda se virou, Trembler pôs a língua

para fora em uma careta e os dois caíram na gargalhada.

Foi quando reconheceram Adelaide.

Um jovem que trabalhava em uma serraria atrás da rua Wapping High caminhava com sua namorada, arrumadeira de uma residência em Fulham. Ele tinha transações um tanto ilícitas com um dos locatários da sra. Holland (desvio de tabaco de uma mercearia), e lembrou de que a senhora oferecera recompensa por notícias sobre o paradeiro de Adelaide. Tinha olhos aguçados, o jovem, e reconheceu Adelaide de imediato. Desviou da vereda que seguia com a namorada e começou a seguir Adelaide e Trembler.

— Ora essa! — perguntou a arrumadeira. — O que você tá fazendo?

— Apenas aja com naturalidade — disse o jovem. — Tenho minhas razões.

— Sei bem seus tipos de razões — retrucou a arrumadeira. — Não vou me meter em arbusto nenhum com você. Desista.

— Até logo, então — ele disse, deixando-a pelo caminho, para assombro da moça.

Ele os seguiu até a saída do parque, passando pela praça Trafalgar. Perdeu-os de vista no final da rua São Martinho e praticamente esbarrou com eles na viela Cecil, onde apreciavam a vitrine de uma loja de brinquedos. Continuou seguindo-os até as proximidades do Museu Britânico e quase voltou a perdê-los de vista na rua Coptic; tentou não chamar atenção e manteve a distancia, visto que o fluxo de pedestres já era bem menor naquela área; logo depois precisou se aproximar, pois começava a escurecer. Finalmente, os viu entrar na rua Burton. Ao chegar lá, haviam desaparecido — mas avistou a porta da loja de fotografias se fechando.

Bem, aquilo já era alguma coisa, pensou; e voltou às pressas para Wapping.



AS ESCADAS DO REI JAIME

O homem da gráfica Chainey's apareceu na segunda-feira, como havia combinado com Sally. Frederick, depois de muito ensaiar, insistiu em receber 20% pelos direitos de exploração de patentes, sendo que a percentagem subiria para 25% depois de 10 mil cópias vendidas. O gráfico fora tomado de surpresa pela proposta. Pensara em fazer um único pagamento pela compra de todas as fotos. Mas Sally já havia previsto isso e disse a Frederick que não cedesse. O gráfico concordou em comprar as séries históricas, os Assassinos Famosos e as cenas de Shakespeare. Também aceitou que as fotografias ganhassem o selo Garland e não Chainey's; que o conjunto fosse vendido por meia coroa e que eles, os impressores, arcariam com os custos de propaganda.

O gráfico partiu um tanto perplexo — não sem antes assinar o contrato. Frederick esfregou os olhos, sem acreditar no que acabara de fazer.

— Você foi perfeito! — disse Sally. — Ouvi tudo. Foi firme e soube exatamente o que dizer. Você conseguiu dar o primeiro passo! Está quase lá!

— Estou com os nervos à flor da pele — disse Frederick. — Minha alma é pura demais para essas pelejas comerciais. Por que você não faz isso por mim?

— Farei tão logo tenha idade suficiente para ser levada a sério.

— Eu levo você a sério.

Ela o fitou. Estavam a sós na loja; os demais estavam ocupados com outros afazeres. Ele estava sentado no balcão; ela estava a cerca de um metro de distancia, com as mãos apoiadas na prateleira de madeira que Trembler fizera para colocar as estereografias. Subitamente, ela ficou acanhada com aquela situação. Olhou para o chão.

— Como uma mulher de negócios? — ela perguntou, buscando soar descontraída.

— De várias formas. Sally, eu...

A porta se abriu e um cliente entrou. Frederick pulou da bancada e o atendeu, e Sally foi para a cozinha. O coração batia rápido. O que sentia por Frederick era tão confuso e poderoso que ela mal conseguia expor em palavras;

tampouco ousava imaginar o que ele estava prestes a dizer. Talvez em poucos minutos descobrisse.

Entretanto, naquele instante, se ouviu uma batida na porta da cozinha e por ela adentrou Jim.

— Jim! O que faz aqui? Não está trabalhando?

— Vim cobrar minha aposta — disse ele. — Lembra que apostei com o patrão? Pois bem, eu estava certo. O velho Selby está morto!

— O quê?

Frederick chegou nesse minuto e se deteve.

— O que faz aqui, gárgula? — perguntou.

— Tenho uma notícia para você. Você me deve meia coroa, para começar. O velho Selby bateu as botas. Ele foi pescado do rio no sábado e um policial apareceu na empresa de manhã e o local foi fechado. Não há investigação em andamento. Por isso, passe o meu dinheiro.

Frederick jogou uma moeda para ele e se sentou.

— O que sabem a respeito?

— Ele saiu na sexta-feira para visitar uma escuna em algum lugar próximo ao afluente Bow. Tomou um barco a remo no píer Brunswick e nunca mais voltou. Tampouco o barqueiro. O grandalhão da sra. Holland estava com ele no píer, mas não entrou no barco, pois uma testemunha o viu lá sentado esperando. O que acham dessa, hein?

— Estou pasmo — disse Frederick. — E você acha que foi o homem do Hotel Warwick?

— Claro que foi. Tá na cara.

— E você contou à polícia?

— Para quê? — perguntou Jim com ironia. — Eles que resolvam.

— Jim, estamos falando de assassinato.

— Selby era um bandido — disse Jim. — Ele mandou o pai dela para a morte, esqueceu? Ele teve o que merecia. Não foi assassinato, foi justiça.

Ambos olharam para Sally. Ela sentiu que se dissesse que deveriam ir à polícia, os demais concordariam. Mas algo lhe dizia que, se fossem, ela nunca mais descobriria a verdade.

— Não — respondeu. — Ainda não.

— É perigoso — disse Frederick.

— Para mim, não para você.

— É por isso que estou preocupado — ele retrucou, contrariado.

— Você não entende. E eu não sei explicar. Oh, por favor, Frederick, deixe que eu faça do meu jeito.

Ele deu de ombros.

- O que acha, Jim?
- Ela é maluca. Mas deixe, pode ser contagioso.
- Tudo bem. Mas, Sally, prometa que sempre me dirá o que pretende fazer e aonde vai? Se está decidida a se aventurar em algo perigoso, quero saber a respeito.
- Está bem. Eu prometo.
- Bom, já é alguma coisa. Jim, o que pretende fazer hoje?
- Num sei. Vagabundear e irritar as pessoas, suponho.
- Quer ver como montar uma câmera e fotografar?
- Claro, por favor!
- Então vamos...

Eles foram para o estúdio e deixaram Sally sozinha. Ela abriu o jornal à procura da página de finanças. Mas o olhar foi atraído pela manchete e um minuto depois de começar a ler a matéria ficou imóvel, pálida e trêmula.

ATAQUE MISTERIOSO A CLÉRIGO.

IRMÃOS EM OXFORD ENVOLVIDOS EM MISTERIOSO ASSASSINATO.

Uma extraordinária série de eventos ocorreu em Oxford no sábado passado, culminando na morte do irmão de um cura da localidade.

O homem assassinado, o sr. Matthew Bedwell, estava hospedado na casa do irmão gêmeo, o reverendo Nicholas Bedwell, cura da paróquia São João, em Summertown.

O incidente começou com um ataque despropositado e cruel ao reverendo Bedwell, quando este prestava visita a um idoso paroquiano. Ao entrar na travessa que levava à cabana do inválido, o cura se deparou com um avantajado homem que empunhava uma adaga.

Apesar de ferido nos braços e no rosto, o reverendo Bedwell conseguiu repelir o assaltante, que desapareceu rapidamente. Enquanto o sr. Bedwell procurava um médico, um recado foi entregue no vicariato, pedindo que seu irmão o encontrasse ao longo do rio, nas proximidades do porto Meadow.

Tratava-se de um engodo e o sr. Matthew Bedwell deixou a paróquia às três da tarde e depois disso desapareceu. Pouco depois

das sete da noite, um barqueiro encontrou seu corpo no rio. Seu pescoço fora cortado.

A vítima do cruel assassinato era um marinheiro que recentemente voltara de uma viagem às Índias Orientais. Suspeitam que o fato de os irmãos serem gêmeos explique o ataque anterior ao reverendo Bedwell; no entanto, as circunstâncias permanecem obscuras.

Sally largou o jornal e correu em busca de Frederick.

Na mesma hora, escreveram a Nicholas Bedwell e passaram o resto do dia trabalhando em silêncio. Ninguém tinha muito o que dizer, nem mesmo Jim. Rosa se retirou para ir ao teatro mais cedo do que de costume.

Jim se mostrou tão prestativo que o convidaram para ficar para o jantar. Ele saiu com Trembler e Adelaide para o Duque de Cumberland, um pub próximo, para comprar cerveja para tomar com a comida. Sally estava cozinhando um prato indiano, preparado com arroz, peixe e ovos — um dos únicos pratos que sabia fazer.

Frederick acabara de chegar do laboratório e Sally preparava a mesa do jantar quando a porta da cozinha foi aberta bruscamente e Jim entrou correndo.

— A sra. Holland! — gritou ofegante. — Ela pegou Adelaide, estava escondida numa esquina, ela agarrou Adelaide e entrou depressa na carruagem, não conseguimos detê-la!

— Onde está Trembler? — perguntou Frederick, largando os talheres e apanhando o sobretudo.

— O grandalhão o acertou em cheio — Jim disse. — Estava escuro, virando a esquina da taberna, num local bem escuro, não conseguimos ver nada! Ela apareceu de uma ruela de repente e agarrou Adelaide, e Trembler deixou a cerveja cair e a agarrou pelo outro braço, então o monstrengo deu um murro em Trembler, ele ainda está lá, acho, vi quando a jogaram dentro da carruagem e saíram voando.

— Sally, fique aqui — Frederick disse. — Não saia de casa, não atenda à porta, não deixe ninguém entrar.

— Mas — ela disse tarde demais, pois ele já havia ido, seguido por Jim. — Mas e Trembler? — perguntou para a cozinha vazia. Olhou o prato indiano chamejante, pronto para ser degustado, e sentiu lágrimas de frustração brotarem em seus olhos. Por que devo ficar aqui? Pensou com raiva. Não é assunto meu?

Afundou-se em uma larga cadeira e mordeu os lábios. O que deveria fazer em seguida, não sabia; mas o ruído da maçaneta da porta girando denunciou que alguém tentava entrar. Ela olhou assustada até que viu Trembler, pálido e trêmulo, com um corte ensanguentado em uma das bochechas. Levantou-se em um impulso e foi ajudá-lo a se sentar na poltrona.

— O que houve? — perguntou. — Jim chegou correndo e disse que a sra.

Holland...

— Eles a pegaram, os bastardos — ele disse. Estava fazendo jus a seu nome agora. Tremia mais do que Sally já havia tremido no momento de maior nervosismo. — Agarraram-na, pobre pingo de gente, e a enfiaram num maldito cabriolé, e eu nem fui capaz de detê-los, o enorme sujeito me acertou com um soco e eu caí... Eu tentei, senhorita, Deus sabe que tentei, mas ele era tão grande...

— Fred e Jim foram atrás deles — ela disse, torcendo um lenço molhado e levando ao rosto de Trembler. — Eles a trarão de volta, não se preocupe. Fred não deixará que nada aconteça a Adelaide. Ela estará de volta sã e salva em menos de uma hora...

— Ó bom Deus, espero que a senhorita tenha razão. A culpa é minha. Não deveria tê-la deixado ir conosco. Tão pequenina e graciosa...

— Deixe disso, não se culpe. Claro que não foi sua culpa. Nem de ninguém. Olhe, o jantar está pronto, e não há ninguém para comer além de nós dois. Deseja experimentar um pouco?

— Não sei se consigo. Perdi o apetite.

Sally também; mas fez com que ele comesse um pouco e comeu também. Nenhum dos dois falou até terminarem. Então ele afastou o prato e disse:

— Muito gostoso. Muito bom. Jantaram em menos de cinco minutos.

— Como está o seu rosto? — ela perguntou. Ele fechou um dos olhos.

— Sou um maldito inútil, é o que sou — murmurou, enquanto ela pressionava de leve o machucado com o pano. — Não sei fazer nada direito.

— Não seja tolo — ela disse. — Este lugar já teria desabado sem você, e você sabe disso. Pois pare de sentir pena de si mesmo.

Ela guardou o pano e subitamente teve uma ideia. Precisou se sentar: começara a tremer.

— O que foi? — perguntou o homenzinho.

— Trembler, você me faria um favor?

— O quê?

— Eu... — ela não sabia como expor em palavras os pensamentos. — Trembler, você soube o que aconteceu quando estive na casa de ópio com Fred?

— Vocês me contaram. Por quê? Não pretende voltar lá, pretende?

— Não. Não preciso. Tenho ópio aqui... Quando o sr. Bedwell me pediu que comprasse, eu... bem, separei um pouco. Sabia que teria que passar por isso novamente. Estava tomando coragem. Não saberei o que a sra. Holland procura a não ser que eu volte a experimentar a droga. Tenho que resgatar meu Pesadelo, entende? Andava adiando esse momento, na esperança de que ela simplesmente me deixasse em paz. Mas ela está indo longe demais... quero fazer isso agora. Você fica comigo?

— O quê? Vai fumar esse troço aqui?

— É a única forma de descobrir a verdade. Por favor, Trembler. Ficará aqui e cuidará de mim?

Ele engoliu a saliva com dificuldade.

— Claro que sim, senhorita. Mas e se algo der errado, o que devo fazer?

— Não sei. Confio em você, Trembler. Apenas... Me segure, talvez.

— Está bem, senhorita, eu faço isso.

Ela se pôs de pé e o beijou, em seguida correu para um armário em um dos cantos da cozinha. O ópio estava embrulhado em um papel atrás de um jarro, na última prateleira, e ela precisou subir na cadeira para alcançá-lo. Guardara um pedaço do tamanho de uma unha do dedo mínimo, e não tinha ideia se seria muito ou pouco, muito menos como fumá-lo, visto que nem sequer tinha cachimbo...

Sentou-se à mesa e pôs os pratos de lado. Trembler puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela, movendo o lampião para iluminar com exatidão a toalha de mesa oleada. A brasa da lareira ardia, mantendo a cozinha aquecida. Para garantir mais segurança, ele trancou a porta, e então desembulhou a pedra de ópio.

— Da última vez — ela disse —, foi necessário apenas inalar a fumaça do cachimbo que alguém estava fumando. Talvez eu não precise fumar de verdade... Apenas acender o ópio e respirar a fumaça, como fiz antes... Ou talvez não deva arriscar. Isto é tudo o que tenho. O que acha?

Ele balançou a cabeça.

— Num sei, senhorita — ele disse. — Minha mãe costumava me dar láudano para dor de dente, quando era garoto. É tudo o que sei sobre a droga. É fumado como tabaco, né?

— Acredito que não. As pessoas que vi na casa da Madame Chang estavam deitadas em camas, e um criado segurava o cachimbo para elas e acendia o ópio. Talvez não conseguissem acender por conta própria. Se eu colocasse em um prato...

Ela se levantou rapidamente, apanhou um prato laqueado e uma caixa de fósforos da prateleira em cima da lareira.

— Vou acender o fósforo e queimar a pedra — ela disse. — Caso adormeça ou algo parecido, o palito cairá no prato e não haverá problema.

Buscou um garfo limpo, espetou a resina pegajosa e a ergueu por cima do prato.

— Agora — disse.

Acendeu um fósforo e aqueceu o ópio. As mãos estavam perfeitamente firmes; a chama envolveu a droga, enegrecendo a superfície; a pedra começou a esfumaçar e borbulhar. Ela se inclinou para a frente e respirou fundo, ficando instantaneamente tonta. Piscou e sacudiu a cabeça, sentindo-se enjoada, e então o

fósforo se apagou.

Largou no prato e pegou outro fósforo.

— Tudo bem, senhorita? — perguntou Trembler.

— Poderia acender um fósforo para mim e segurá-lo por debaixo do ópio?

— Como não? Tem certeza de que quer seguir adiante com isso?

— Tenho. Preciso ir até o fim. Continue acendendo os fósforos... para manter a fumaça.

Ele acendeu um fósforo e aqueceu a droga. Ela se inclinou, apoiando os braços na mesa e afastando os cabelos para que não pegassem fogo, e então respirou fundo. A fumaça era doce, achou, e azeda ao mesmo tempo; e então o Pesadelo começou.

Wapping mais parecia uma ilha. De um lado, o rio, e do outro, as docas e suas entradas. Logo, para entrar em Wapping, era necessário atravessar pontes — que não tinham a estrutura sólida e imponente da Ponte de Londres, de pedra ou tijolos, mas sim de madeira e ferro. E todas se moviam: havia as pontes giratórias ou as movediças, que se erguiam de tempos em tempos para que um navio passasse na saída ou entrada das docas. Eram sete dessas pontes: sete saídas e sete entradas. Fora uma tarefa fácil deslocar um homem para vigiar cada uma delas. E não faltavam pessoas que deviam favores à sra. Holland e muitas outras que simplesmente a temiam.

A carruagem alugada por Frederick, com Jim entusiasticamente agarrado ao avental do cocheiro, chacoalhou sobre a ponte giratória localizada em uma das entradas de Wapping, o canal que terminava na segunda maior doca de Londres. Nem Frederick nem Jim notaram os dois homens ao lado do cabrestante do lado direito da ponte.

— Pra onde, patrão? — gritou o cocheiro, voltando-se para trás.

— Aqui está bom — Frederick exclamou. — Andaremos o restante do caminho.

Pagaram ao cocheiro e a carruagem voltou por onde viera. Frederick desejou ter mais dinheiro para que o homem esperasse por eles, mas tinha apenas o suficiente para pagar a passagem de volta.

— O que faremos? — Jim perguntou. — Sei onde fica a casa. Andei espionando.

— Não tenho certeza — Frederick disse. — Vamos lá ver o que está acontecendo...

Caminharam apressadamente pela rua Wapping High, entre os enormes armazéns escuros e guindastes rolantes e roldanas que pairavam sobre eles, como aparatos de execução em massa. Minutos depois, chegaram ao Ancoradouro do Carrasco, e então Frederick deteve Jim com a mão.

— Espere — disse.

Ele olhou a esquina e puxou Jim pelo braço com urgência.

— Olhe! — sussurrou. — Bem na hora, acabaram de chegar. Ela está saindo do cabriolé e está com Adelaide...

— O que faremos? — Jim sussurrou.

— Vamos! Agarramos Adelaide e saímos correndo! Frederick avançou e Jim o seguiu. A entrada da Estalagem

Holland estava a poucos metros de distância e Frederick foi ligeiro. A sra. Holland estava ocupada manuseando desajeitada o chaveiro quando ele a alcançou.

— Adelaide! — gritou. — Corra! Vá com Jim!

Jim se arremessou, a toda, na direção de Adelaide e a agarrou pela mão. Ele tentou arrastá-la dali, mas ela resistiu, paralisada.

— Vamos! — ele exclamou, puxou-a com força e ela por fim saiu do lugar. Correram até uma das esquinas da rua e sumiram — e então Frederick viu por que a sra. Holland não se movera e por que sorria para ele; atrás do rapaz, com um pedaço de pau na mão, estava o grandalhão Jonathan Berry. Frederick olhou ao redor mas estava encurralado. Não havia como escapar.

A esquina escolhida por Jim não teria sido a eleita por Adelaide: dava em uma rua sem saída. No entanto, ela estava dopada pelo pânico e iria aonde ele a levasse.

O lugar se chamava Church Court e fazia uma curva. Jim não pôde ver o final dela; além disso, a rua estava praticamente mergulhada na escuridão. Ao chegarem ao fim do caminho, ele tropeçou em uma pilha de lixo, passou as mãos pelo muro de tijolo e blasfemou.

— Onde a gente tá? — perguntou. — O que tem atrás desse muro?

— Uma igreja — ela sussurrou. — Ela tá vindo? Ela tá vindo?

— O patrão segura ela. Vamos pular esse maldito muro...

Ele tateou ao redor, em meio à penumbra. A parede não era alta — quase 2 metros. Não obstante, espigões cobriam o topo do muro; agora, com a vista se acostumando à escuridão, dava para ver com auxílio da fraca luz proveniente das janelas da igreja. Ouviu um canto e se perguntou se uma igreja seria o lugar mais adequado onde se esconder.

De qualquer forma, teriam que escalar o muro primeiro. Em um canto havia um barril. Jim o rolou até o muro e posicionou-o na vertical. Precisou sacudir Adelaide, que se encontrava agachada no chão murmurando consigo mesma.

— Vamos, sua boba — disse. — Vamos, suba. Precisamos pular o muro...

— Num consigo — ela disse

— Ora, levante, pelo amor de Deus. Levante!

Ele a ergueu e a fez subir em cima do barril. Ela tremia como um coelho

assustado e Jim suavizou o tom:

— Se você subir poderemos ir embora daqui e voltar para a rua Burton. Para o Trembler. Mas precisa tentar, tá bem?

Ele se agarrou no topo do muro e o escalou. Após subir com cuidado sobre os espinhos, viu que a parede era grossa e havia espaço suficiente para apoiar os pés. Então se virou e foi ajudá-la a subir.

— Suba a saia para que num prenda nos espigões — ele disse e ela obedeceu, trêmula. Estendeu a mão e ele a ergueu. Ela pesava menos que uma pluma.

Um segundo depois, eles se achavam no cemitério da igreja. Jazigos de mármore, mato alto e áspero e grades retorcidas os cercavam por todos os lados. A edificação da igreja estava indistintamente adiante. O órgão estava tocando; parecia acolhedor e agradável lá dentro e Jim ficou realmente tentado a entrar. Traçaram um caminho por entre os túmulos até chegarem à frente do cemitério. Um lampião pendurado na arandela mostrou o quanto Jim e Adelaide estavam sujos.

— Abaixе essa saia — ele disse. — Tá ridículo.

Ela obedeceu. Olhou para os lados, a rua estava vazia.

— Acho que é melhor não voltar pelo mesmo lugar — ele prosseguiu. — Aquela ponte fica a poucos passos da casa dela. Há outra forma de sair dessas malditas docas?

— Há uma ponte próxima à Doca do Tabaco — ela sussurrou. — Subindo a travessa Old Gravel.

— Vamos por lá, então. Me mostre o caminho. Mas continue na sombra.

Ela o guiou até a frente da igreja e de lá para a direita, passando por um abandonado asilo para pobres. As ruas ali eram mais estreitas do que a rua High e nas extremidades havia pequenas casas com varandas, no lugar dos cais e armazéns. Havia poucas pessoas; passaram por um pub, mas ali também estava bem calmo, embora luzes brilhassem pelas janelas do local.

Caminharam rapidamente e Jim ficou mais esperançoso. Teriam que andar até a rua Burton, mas não tinha importância; uma hora e meia de caminhada não faria mal. Até ali dera tudo certo.

Fizeram uma pausa na esquina da travessa Old Gravel, mais larga e mais bem-iluminada do que a pequena viela de onde haviam saído. Começou a chover; Jim forçou a vista com as mãos na testa para proteger os olhos da chuva, viu ao longe a silhueta de uns três armazéns e mais adiante uma ponte.

— É aquilo lá?

— É — Adelaide confirmou. — É a Doca do Tabaco. Cautelosos, eles foram até o final da travessa em direção à ponte.

Uma carroça passou por eles, com um toldo cobrindo o carregamento, mas

passou rápido demais, antes que Jim tivesse tempo de implorar por uma carona. Alguns transeuntes também passaram por eles com olhares curiosos — uma menininha assustada vestida com um manto grande demais para ela e um rapaz sem chapéu ou sobretudo em uma noite chuvosa — mas a maioria seguia em frente de cabeça baixa contra o vento frio.

Já tinham quase chegado à ponte quando foram identificados.

Havia uma guarita para guardas noturnos do lado direito da via, de frente para uma fogueira improvisada, que sibilava e crepitava a cada pingo de água caído dos céus, pelas arestas de um toldo toscamente armado sobre o fogo. Um homem, ou melhor, dois homens estavam sentados dentro da barraca, e pelo canto dos olhos Jim viu que eles se levantaram quando ele e Adelaide se aproximaram. Jim teve apenas tempo de pensar: *O que eles estão fazendo aqui?* Foi quando um deles gritou:

— É ela! É a garota!

Jim sentiu Adelaide se encolher ao lado: ficou novamente paralisada. Tomou-a pela mão, enquanto os homens saíam da guarita, e deu meia-volta, correndo por onde haviam passado. Não existiam vias perpendiculares, as paredes dos armazéns se mantinham imponentes e tenebrosas em ambos os lados.

— Corra, pelo amor de Deus! Corra, Adelaide! — ele gritou. Viu uma entrada do lado esquerdo e se atirou naquela direção, arrastando-a com ele, em seguida virando uma esquina à esquerda e outra à direita, quando perderam os homens de vista.

— E agora? Aonde vamos? — ele perguntou. — Rápido, posso ouvi-los.

— Pela Shadwell — ela disse ofegante. — Jim, eles vão me matar. Vou morrer, Jim.

— Cale a boca e num seja idiota. Num vão te matar. Ninguém vai te matar. Ela disse isso só pra te assustar, aquela velha bruaca. Ela quer Sally, não você. Vamos, como chegamos à Shadwell?

Eles se encontravam em um pequeno lugar chamado rua Pearl, pouco mais larga que uma viela. Ela olhou para um lado e outro, indecisa.

— Lá estão eles! — ouviu-se um grito atrás deles, e passos apressados ecoaram pelas paredes.

Uma vez mais eles fugiram, mas Adelaide estava cansada e Jim estava quase sem fôlego. Outra esquina e mais outra e outra mais, e ainda assim eles continuavam a ouvir os pesados passos seguindo-o.

Em um movimento desesperado, Jim se jogou por entre uma viela tão estreita que mal dava para se espremer, empurrando Adelaide na sua frente. Ela tropeçou e Jim caiu por cima dela, sem ar. Ficou imóvel.

Algo se moveu no caminho defronte dos dois — parecia um rato sorrateiro e ligeiro. Adelaide se retraiu e pressionou o rosto contra o pescoço de Jim.

— Olá, camarada — uma voz veio da escuridão.

Jim ergueu os olhos. Um fósforo se acendeu e em seguida Jim sorriu para ele, espontaneamente.

— Graças aos céus! — disse. — Adelaide, tá tudo bem! Esse é meu camarada Paddy!

Adelaide não tinha sequer ar para falar, e estava tão apavorada que mal conseguia se mover. Ela levantou o rosto e viu um menino sujo e astuto, mais ou menos da mesma idade de Jim. Parecia vestir um pedaço de pano grosseiro. Ela não soube o que dizer e baixou a cabeça novamente, fixando a atenção no chão molhado.

— Essa é a garota que a sra. Holland quer? — ele perguntou.

— Está sabendo, num é? — Jim disse. — Precisamos dar o fora de Wapping. Mas há capangas dela nas pontes.

— Tá falando com o sujeito certo. A gente conhecemo tudo aqui. Tudo que há pra saber a gente tá por dentro.

Paddy era o líder da gangue Cotovias da Lama. Conhecera Jim quando ele e seus companheiros cometeram o erro de atirar pedras no assistente de escritório, e como resposta receberam uma metralhada de insultos; o alvo de Jim era melhor e seu vocabulário muito mais rico do que qualquer outro que eles fossem capazes de reunir; e assim Jim ganhou o respeito deles rapidamente.

— Mas o que faz por essas bandas? — Jim sussurrou. — Achei que nunca saísse da margem do rio.

— Negócios, camarada. Estou de olho num navio-carvoeiro no Old Basin. Sorte a sua, eh? Sabe nadar?

— Não. Você sabe nadar, Adelaide?

Ela fez que não com a cabeça. Permanecia encolhida, com o rosto colado na parede. A passagem em que se achavam estava coberta por telhas, protegendo-os da chuva que caía com força; entretanto, um córrego de água fria corria pela viela, molhando o vestido de Adelaide. Descalço, Paddy nem percebeu.

— A maré está subindo — ele disse. — Vamos indo.

— Vamos — Jim disse, levantando-a. Seguiram Paddy, mergulhando ainda mais na penumbra.

— Aonde vamos? — Jim perguntou em voz baixa.

— Fábrica de Carvão Animal — a resposta veio à sua frente. — Há uma porta logo ali.

Ele parou. Jim ouviu uma chave abrir um cadeado e uma porta se abrir.

O local em que entraram era longo e cavernoso, e a chama oscilante da vela iluminava apenas uma parte do recinto. Cerca de uma dúzia de crianças, vestidas com trapos, dormia sobre pilhas de sacos de pano grosseiro, enquanto uma menina de olhos grandes, um pouco mais velha que Paddy, segurava a vela. Um odor forte e

desagradável impregnava o lugar.

— Boa noite, Alice — disse Paddy. — Temos dois visitantes. Ela os encarou em silêncio. Adelaide se agarrou a Jim, este encarou a desconhecida, nem um pouco intimidado.

— Precisamos tirar eles de Wapping — disse Paddy. — Dermont tá na barcaça?

Alice balançou a cabeça negativamente.

— Mande o Charlie chamar, então. Sabe o que dizer.

Ela fez um gesto para um garotinho, que se retirou na mesma hora.

— Vocês moram aqui? — Jim perguntou.

— É. Nosso aluguel é capturar os ratos para a Raposa & Ganso, que os utiliza para caça.

Jim olhou ao redor e avistou um amontoado de ossos de animais em um canto, e algo mexendo nos destroços. O algo era um menino de uns 5 ou 6 anos, praticamente nu, que foi cambaleando até Alice, com um gordo e desesperado rato nas mãos. Ela o agarrou, jogando o bicho em uma gaiola, sem pronunciar uma única palavra.

Podem ficar aqui se quiserem — Paddy disse. — Isso aqui é ou num é um excelente abrigo?

— Temos que ir. Vamos, Adelaide.

Jim a puxou pela mão. Estava preocupado: ela era tão passiva, tão quieta. Gostaria que existisse uma pitada de combatividade na personalidade da menina.

— Por aqui então — disse Paddy, e os guiou a outro ambiente ainda mais amplo e malcheiroso. — Precisam ter cuidado aqui. Não estamos autorizados a passar por aqui. Eles mantêm a fornalha funcionando a noite toda.

Passaram por uma sucessão de salões e corredores, parando de vez em quando para ouvir se havia passos por perto. Finalmente, chegaram a um porão, onde havia um alçapão em um dos cantos, coberto de restos de ossos, chifres e patas de animais. O piso era escorregadio devido à gordura, com ranço de sangue seco.

— Como vamos passar por isso?

— Qual o problema? — disse Paddy. — Delicioso.

Ele deu sua vela a Adelaide e mostrou como escalar o tubo, apoiando o corpo nas laterais. Jim pegou a vela e empurrou Adelaide para cima, ignorando os protestos da garota, e um minuto depois eles se encontravam no topo, ao ar livre, sentindo a chuva cair. Estavam em um pátio pavimentado com uma cerca de arame que se estendia até um beco atrás de um pub.

Na ponta dos pés, Paddy foi até a cerca e olhou ao redor.

— Tudo limpo — ele disse.

Parecia não existir obstáculo para aquele menino. A cerca parecia sólida e

firme, mas ele conhecia um ponto em que o arame estava frouxo, e podia ser facilmente deslocado. Ele segurou o arame para que os dois passassem rapidamente.

— Pátio do Raposa & Ganso — disse Paddy. — O dono disso aqui é quem fica com os ratos que caçamos. Agora precisamos cruzar a Parede Wapping, e então chegamos ao rio. Falta pouco.

A Parede Wapping era uma rua, não uma parede, e eles a atravessaram rapidamente; em frente, a entrada da rua Escadas do Rei Jaime. Jim pôde ver uma confusão de mastros e cordames e ter um vislumbre do rio no final dela.

— Pode arranjar um barco a remo lá — disse Paddy. — Fácil. Podem remar para casa. Desçam. Eu fico de olho daqui de cima.

Jim e Adelaide desceram a rua escura cercada de edifícios até chegarem a um pequeno e estreito cais. Abaixo deles, embarcações se espalhavam pelos lados sobre o lodo, atadas com cordas a postes de amarração na beira do porto, e uma escadaria de pedra os levava até a margem do rio.

— Para onde vamos, Paddy? — perguntou Jim, virando-se de costas e ficando imóvel em seguida.

A sra. Holland estava na entrada do cais. Paddy, ao lado dela.

Jim envolveu os braços ao redor de Adelaide. A mente a mil por hora. Conseguiu pensar em apenas uma palavra, que disse a Paddy:

— Por quê?

— Dinheiro, companheiro — foi a resposta. — Preciso sobreviver.

— Bom menino — disse a sra. Holland.

— Vou voltar — disse Jim. — Vou voltar e encontrar você.

— Faça isso — disse Paddy, guardando no bolso a moeda dada pela sra. Holland e desaparecendo.

— Ora, ora — disse a sra. Holland. — Parece que peguei você, cachorra desnaturada. Não tem como fugir agora, pois o sr. Berry está lá embaixo e vai arrancar sua cabeça fora. É o que ele faz com as galinhas para manter as mãos ocupadas. Elas saem correndo, batendo as asas por bons cinco minutos depois que suas cabeças são arrancadas. Fiz uma pequena aposta com ele de quanto tempo você aguentará correndo, e ele está louco para ganhar, por isso, se eu fosse você não iria lá embaixo. Está perdida, Adelaide. Peguei você.

Agarrado à menina, Jim pôde sentir a criança tiritar, como se estivesse tendo convulsões.

— O que quer com ela? — perguntou, sentindo um calafrio em seguida, pois pela primeira vez a velha o encarou, e então ele descobriu que ela era realmente capaz de arrancar a cabeça de uma criança para ver se saía correndo da forma como disse. Ela era capaz de tudo.

— Quero puni-la por ter fugido. Quero todo tipo de coisas desmembradas

do corpo desta garota. Isso mesmo, sr. Berry, pode vir agora.

Jim se virou e avistou o enorme homem subindo as escadas. A luz era tão fraca que não era possível ver o rosto do sujeito, e ele então parecia não ter rosto; o mal sem forma. Adelaide agarrou Jim com ainda mais força e ele procurou desesperadamente por uma saída, mas não havia.

— É a srta. Lockhart que quer, não Adelaide — ele disse. — A senhora quer o Rubi, num é? Então, Adelaide num faz a menor ideia de onde tá. Deixe-a ir.

A única luz a iluminar o banco de areia molhado vinha de uma janela distante; porém por um segundo pareceu que outra luz brilhou nos olhos da sra. Holland enquanto alternava a mirada entre Jim e o sr. Berry. Ao se virar, Jim viu que o grandalhão erguia um pedaço de pau e posicionou Adelaide atrás dele.

— Pode tentar, camarada — disse, encarando o sr. Berry com toda a bravura e ousadia que possuía.

Jim ergueu o braço ao ver o pedaço de pau na sua direção e o cotovelo sentiu toda a força impetrada pelo monstrengo. Quase desmaiou de dor. Ouviu Adelaide gritar e viu o pedaço de pau ser erguido novamente. Então baixou a cabeça e arremeteu contra o homem.

O sr. Berry o afastou como se espantasse uma mosca e lhe deu outra terrível paulada — dessa vez no ombro. Jim tombou sentindo uma dor alucinante e mal percebeu que havia caído.

Sentiu o gosto de sangue e ouviu choro de criança. Sabia que precisava ajudá-la. Por isso estava lá, e ergueu a cabeça com grande esforço, mas não conseguiu se levantar; seus braços não lhe obedeciam. Lutou contra a dor e notou vergonhosa e desgostosamente que estava chorando. Adelaide estava debruçada sobre ele, agarrando sua jaqueta, cabeça e cabelo — ela o apertava com força e ele não conseguia mover os braços para ajudá-la —, o sr. Berry a segurava pelo pescoço com uma das mãos e tentava desprendê-la de Jim com a outra; ela respirava com dificuldade, seus olhos se revolviam e faltava ar. O monstruoso homem bramia como um urso. Os lábios estavam atrás dos dentes quebrados, os olhos vermelhos cada vez mais próximos; conseguiu afastá-la e ergueu-a.

— Ponha ela no chão — disse Frederick Garland. — Ponha a menina no chão agora mesmo ou eu te mato.

O sr. Berry ficou imóvel. Jim levantou a cabeça olhando ao redor. Frederick estava de pé sem firmeza, apoiando uma das mãos na parede. O rosto eslava severamente machucado. Um dos olhos fechado e a boca inchada, uma bochecha roxa e com um corte, e ele tremia dos pés à cabeça. A sra. Holland observava tudo confortavelmente.

— Como? — perguntou o sr. Berry.

— Experimente e descobrirá — disse Frederick.

— Achei que tivesse me livrado de você.

— Está perdendo o tato, sr. Berry — provocou a sra. Holland. — Preste atenção, quero que faça a brincadeira da galinha com este aí. Esta é a quarta vez que cruza o meu caminho. Quero ele morto, sr. Berry. Me dê a garota.

O sr. Berry largou Adelaide, que caiu inerte como uma boneca, e a sra. Holland a pegou em seguida.

— Ele vai te matar, Fred — Jim grasnou.

— Não vai, não — disse Frederick decidido.

E então o sr. Berry correu na direção dele e Frederick se esquivou. Ele nunca, pensou Jim, nunca sobreviverá. Mas é corajoso, admitiu.

Frederick recebeu um murro na cabeça e caiu, porém conseguiu evitar o chute do sr. Berry. Ele não está com seu pau, Jim notou, deve ter jogado no chão para apanhar Adelaide; Frederick foi até a parede, impulsionando-se contra ela, golpeando com as pernas o homem para que ele caísse.

O sr. Berry desabou como uma árvore, e Frederick montou em cima dele de imediato com murros e socos e dedadas nos olhos — porém estava tão fraco que suas agressões pareciam as de uma criança. O sr. Berry ergueu o braço que mais parecia um guindaste e jogou Frederick longe. Jim se esforçou desesperadamente para se levantar e pôs peso sobre o braço avariado, para em seguida descobrir que acabara de destroncá-lo. Voltou a cair na mesma hora, sentindo uma dor que nunca imaginara sentir. A cabeça bateu em um objeto solto no chão; o pedaço de pau, pensou antes de desmaiar.

Um segundo depois ele voltou a si e avistou Frederick de joelhos a um metro de distância, tentando se proteger de uma artilharia de socos sobre seus ombros e sua cabeça. Ele reagia com golpes, mas acertava apenas um a cada quatro que dava — embora estivesse tão debilitado que seus socos não machucariam nem mesmo Adelaide. Jim se virou e com o braço bom alcançou o pedaço de pau. Vou morrer de dor, pensou. Não posso suportar. Mas olhe para Fred: ele não desiste, nada o detém, é como eu, é, sim — este é dos bons.

— Tome, Fred — disse, lançando o pau para ele. Frederick o agarrou antes que o sr. Berry tivesse tempo de perceber o que ocorria, e ao sentir o pedaço de madeira na mão Frederick pareceu ter adquirido mais força. Segurou o pau com ambas as mãos e golpeou o estômago do grandalhão. O sr. Berry ficou sem ar e Frederick repetiu o golpe e caminhou com dificuldade.

Eles estavam a poucos metros da beira do cais. Frederick sabia que aquela era sua última chance. O pouco que restava de suas forças veio à tona e ele deu pancadas no homem, forçando-o em direção ao cais. Mal conseguia enxergar; os olhos estavam cobertos de sangue, mas sentiu que o pedaço de pau atingia o alvo e ouviu Jim gritar.

— Por aqui! Por aqui, Fred!

Outro golpe e enxugou os olhos. Jim se arremessou contra os joelhos do grandalhão e o homem tombou desastrosamente — bem na beira do cais. Frederick o acertou mais uma vez; o sr. Berry se ajoelhou e desprende um murro que acertou a orelha de Jim. Jim caiu, mas o homem estava sem equilíbrio. Frederick viu ali sua última oportunidade, e com a única força restante lançou o porrete contra o monstrengo.

O sr. Berry desapareceu.

Jim estava deitado sem se mover. Frederick caiu de joelhos e se sentiu nauseado. Jim se arrastou até a beira do cais e olhou ao redor. O silêncio era absoluto.

— Onde ele está? — Frederick perguntou com dificuldade devido ao inchaço dos lábios e aos dentes quebrados.

— Lá embaixo — Jim respondeu.

Frederick engatinhou até a extremidade do píer. Havia uma plataforma de pedra com cerca de um metro de largura ao pé do quebra-mar; metade do corpo do sr. Berry estava estirado na plataforma e a outra metade no lodo. O pescoço estava quebrado.

— Você conseguiu — Jim disse. — Nós conseguimos. Nós o matamos.

— Onde está Adelaide?

Olharam ao redor. O ancoradouro estava vazio. A chuva cessara e as poças refletiam a débil luz do local. Abaixo deles, sobre o lodo, os barcos menores começavam a se movimentar lentamente, tomando o rumo correto, como se levantassem de suas tumbas. Jim e Frederick estavam a sós. Adelaide não estava lá.



A PONTE DE LONDRES

Muito tempo depois, Sally despertou. Os ponteiros do relógio marcavam meia-noite e o fogo se consumira. Trembler estava adormecido na poltrona. Tudo lhe era familiar — com exceção dela mesma; visto que havia se transformado e, com ela, o mundo. Mal conseguia acreditar no que havia acontecido... Embora aquilo explicasse tudo.

Trembler despertou em seguida.

— Meu Deus, senhorita! Que horas são?

— Meia-noite.

— A senhorita? Oh, não, eu não dormi, não é? Ela fez que sim com a cabeça.

— Não tem importância.

— A senhorita está bem? Sinto terrivelmente...

— Não se preocupe, estou bem.

— Parece bastante abatida, como se tivesse visto um fantasma. Me deixe preparar uma xícara de chá. E eu disse que ficaria acordado... Um imbecil, é isso o que sou.

Sally não estava ouvindo. Trembler se levantou e a tocou no ombro.

— Senhorita?

— Preciso encontrar o Rubi. Preciso achá-lo.

Ela se levantou e foi até a janela, distraidamente, batendo as palmas das mãos delicadamente. Trembler se manteve afastado, preocupado, e mordeu o bigode. Então voltou a falar:

— Senhorita, pelo menos espere Frederick voltar... Ouviu-se um estrondo na porta. Alguém batia do lado de fora. Trembler a destrancou e, momentos depois, Rosa entrou na cozinha, molhada, com frio e emburrada.

— Posso saber por que cargas-d'água trancaram a porta? Ai, que noite! E o teatro não alcançou nem a metade do público. E os que apareceram, que grupo desanimado. Sally, qual o problema? O que é isso? Que cheiro é este?

Ela torceu o nariz e enxugou os olhos molhados pela água da chuva, vendo em seguida as cinzas e os fósforos usados sobre a mesa.

— O que é isso? Não me digam que é ópio!

Trembler voltou antes que Sally tivesse tempo de responder.

— Foi minha culpa, srta. Rosa — ele disse prontamente. — Eu a deixei fazer isso.

— E o que aconteceu com você? — Ela largou a capa no chão e correu para ver o rosto e os olhos inchados de Trembler. — Mas o que está acontecendo aqui? Onde está Frederick?

— Levaram Adelaide — Trembler respondeu. — A sra. Holland apareceu com um capanga enorme e a levou no meio da rua e sumiu com nossa menina. O sr. Fred e o jovem Jim foram atrás deles.

— Quando?

— Horas atrás.

— Oh, meu Deus! Sally, por que o ópio?

— Era necessário. Agora preciso encontrar o Rubi, porque sei tudo sobre ele. Oh, Rosa, eu...

Ela vacilou, abraçando Rosa em seguida e caindo no choro. Rosa a abraçou também e ajudou-a a se sentar.

— O que foi, minha querida? Qual o problema?

As mãos frias e molhadas de Rosa acariciaram a face de Sally. Segundos depois, Sally balançou a cabeça e se endireitou na cadeira, secando as lágrimas bruscamente.

— Preciso encontrar o Rubi. É a única maneira de acabar com esse pesadelo. Tenho que descobrir como...

— Espere aqui — Rosa disse.

Ela subiu as escadas correndo e retornou em menos de um minuto. Largou algo sobre a mesa — era pesado e estava envolto em um lenço, que cintilava através do embrulho de linho.

— Não acredito — Trembler exclamou. Sally a fitou abismada.

— Foi Jim — Rosa explicou. — Ele... essas histórias que ele vive lendo, suspeito que ele raciocina como um romancista sensacionalista. Ele decifrou o mistério já faz um tempo. Estava em um pub em Swalesness, creio, não recordo os detalhes, mas ele quis manter o rubi longe de você por acreditar que a pedra está amaldiçoada e não quer te ver machucada. Sabe o que ele pensa a seu respeito? Ele te venera, Sally. Ele trouxe a pedra para mim, pois achava que eu saberia o que fazer com ela. Me contou a história toda pouco antes de minha saída para o teatro. Por isso não tive tempo de te falar antes. É a Jim que deve agradecer. Enfim... Aí está.

Sally abriu o lenço. No centro do tecido branco amarrotado viu o vermelho-sangue da matéria sólida — a pedra tinha o tamanho de um polegar adulto e continha

toda a vermelhidão existente no mundo. Parecia absorver a luz da lamparina próxima e a magnificar, e mudar o tom, e retrair-se novamente com visível impetuosidade. E no seu interior, as paisagens tremulantes e entorpecidas de abismos, ravinas e despenhadeiros, que tanto fascinaram o major Marchbanks. A mente de Sally começou a girar e suas pálpebras pesavam... Então cobriu a pedra com uma das mãos. Era dura, pequena e fria. Levantou.

— Trembler — ela disse. — Tome um cabriolé até o Ancoradouro do Carrasco. Diga a sra. Holland que eu estou com o Rubi e que a encontrarei no meio da Ponte de Londres em uma hora. Isto é tudo.

— Mas...

— Eu lhe darei o dinheiro. Faça isso, Trembler. Você... você adormeceu enquanto eu tinha o Pesadelo; por favor, faça isso.

Ela contraiu o rosto ao dizer isso, como se desprezasse a si mesma por relembra-lo da falta. Trembler curvou a cabeça e vestiu o pesado sobretudo.

Rosa interveio.

— Sally, não pode fazer isso! Não deve! Onde está com a cabeça?

— Não posso explicar agora, Rosa. Mas o farei em breve. E entenderá que precisava encontrá-la.

— Mas...

— Por favor, Rosa, confie em mim. É muito importante, o *mais* importante... você não compreende... Tampouco eu conseguia compreender antes...

Ela apontou para as cinzas do ópio e estremeceu.

— Pelo menos, me deixe ir com você — Rosa pediu. — Você pode me contar tudo no caminho.

— Não. Quero encontrá-la sozinha. Trembler, você não deve ir até a ponte, apenas peça que ela vá.

Ele a olhou culpado e concordou com a cabeça antes de se retirar. Rosa insistiu:

— Deixo que vá até a ponte sozinha, mas a seguirei até lá. Acho que você perdeu a razão, Sally.

— Você não sabe — Sally disse, mas logo balançou a cabeça. — Tudo bem. Obrigada. Mas me prometa que vai me deixar encontrá-la a sós. Deve me prometer que não irá interferir, não importa o que aconteça.

Rosa assentiu com a cabeça.

— Está bem — disse. — Estou faminta. Vou comendo um sanduíche pelo caminho.

Cortou um pedaço de pão e passou uma grossa camada de manteiga e geleia.

— Estou pronta para o que der e vier — ela disse. — E encharcada. Você é

insana. Uma lunática. Vamos, a caminhada será longa.

Sally ouviu o repique dos relógios da cidade anunciando que já era uma e meia da manhã. Caminhava de um lado para outro, indiferente aos pedestres que eventualmente passavam e carruagens e veículos de quatro rodas que eram ainda mais raros àquelas horas. Um policial chegou a pará-la para perguntar se ela estava bem, claramente considerando-a uma pobre coitada que buscava o rio como resposta para suas desventuras; mas ela sorriu e o tranquilizou, e ele se foi calmamente.

Quinze minutos se passaram. Uma carruagem estacionou no extremo norte da ponte, mas ninguém saltou. O cocheiro ergueu o capuz de seu abrigo e cochilou à espera de passageiro. O rio corria abaixo de Sally. Ela observou a maré subindo, erguendo os barcos presos por cordas em ambas as margens. Ouviu o motor de um barco a vapor da polícia passando pela ponte Southwark. Observou-o se aproximar e logo desaparecer sob seus pés, e então caminhou para o outro lado da ponte para vê-lo novamente passar lentamente pela enorme estrutura da ponte, arqueando para a direita.

O tempo passou; o frio aumentou. Os relógios soaram novamente.

E então uma figura apareceu debaixo de um poste de lampião, no lado norte da ponte. Uma figura atarracada e pequena, vestida de preto.

Sally corrigiu a postura e um bocejo foi abortado no meio do caminho. Ela se pôs no meio da pista para que pudesse ser vista, e em seguida a figura iniciou um movimento de aproximação. Era a sra. Holland. Sally a enxergava nitidamente. Mesmo àquela distância, os olhos da velha pareciam cintilar. Ela entrava e saía da sombra em seu caminhar e mancava um pouco, ofegante, buscando equilíbrio, mas sem pausar.

Caminhou a poucos metros de distância de Sally e parou. O antiquíssimo *bonnet* amarrado ao queixo encobria parte do rosto dela e apenas o queixo e a boca estavam claramente visíveis. A boca se movia constantemente, como se ela mastigasse algo pequeno e resistente; ainda assim seus olhos brilhavam na escuridão.

— Pois bem, querida — ela disse por fim.

— Você matou o meu pai.

A boca da sra. Holland se entreabriu, deixando à mostra os enormes dentes. A língua pontiaguda perpassou a dentadura devagar e se recolheu novamente.

— Bem — ela disse. — Não pode fazer esse tipo de acusação, senhorita.

— Eu sei de tudo. Sei que o major Marchbanks... que o major Marchbanks era o meu pai. Era, não era?

A sra. Holland permaneceu em silêncio.

— E ele me vendeu, não vendeu? Me vendeu para o capitão Lockhart, o homem que eu achei... O homem que conheci como sendo o meu pai. Ele me vendeu

pelo Rubi.

A sra. Holland permanecia muda e imóvel.

— Pois o marajá presenteou o Rubi ao meu... ao capitão Lockhart como pagamento por protegê-lo durante o Motim. Não é verdade?

Lentamente, a mulher confirmou com a cabeça.

— Porque os rebeldes acreditavam que ele estava ajudando os britânicos, e meu p... o capitão Lockhart deixou o major Marchbanks tomando conta do marajá, em algum lugar escuro...

— Nos porões da Residência — completou a sra. Holland. — Junto com as mulheres, algumas delas. E as crianças, algumas delas.

— E o major Marchbanks havia fumado ópio, entrou em pânico e fugiu, foi quando mataram o marajá. Ao retornar com meu... com o capitão Lockhart... Eles discutiram. O major Marchbanks implorou pelo Rubi. Tinha dívidas que não podia pagar.

— O ópio. Lamentável. O ópio o matou.

— *Você* o matou!

— Ora, ora. Quero o Rubi, senhorita. É por isso que estou aqui. Tenho direito a ele.

— Pode ficar com ele, depois que me contar o restante da história.

— Como posso ter certeza de que o tem?

Como resposta, Sally tirou o lenço de linho da bolsa e o colocou no parapeito sob o poste de luz a gás. Ela abriu o lenço, deixando o Rubi à mostra, vermelho contrastando com o branco, bem no centro da larga borda de pedra da ponte. A sra. Holland deu um passo involuntário em direção da pedra.

— Nem mais um passo ou jogo no rio — Sally disse. — A verdade. Sei o suficiente para ser capaz de perceber se está mentindo ou não. Quero saber tudo.

A sra. Holland voltou a encará-la.

— Pois muito bem — disse. — Você entendeu certo. Eles voltaram e o marajá estava morto. Lockhart esmurrou Marchbanks pela covardia. Então ouviu uma criança chorando. Era você. A esposa de Marchbanks havia morrido, era muito doente. Lockhart diz, esta pobre menina será criada por um pai covarde como você? Um covarde e viciado em ópio? Leve o Rubi, ele diz. Tome-o e vá se danar, mas me de a criança...

Ela fez uma pausa. Sally ouviu os passos pesados do policial que retornava. Nenhuma das mulheres se moveu, o Rubi permanecia no parapeito à vista de quem passasse.

— Tudo bem, senhoras?

— Sim, obrigada — Sally disse.

— Uma péssima noite para estar fora de casa. Não duvido que teremos

mais chuva adiante.

— Não ficaria surpresa — a sra. Holland disse.

— Eu iria para casa se fosse as senhoras. Não estaria aqui se não fosse minha obrigação. E por falar em obrigação...

Ele tocou o capacete e prosseguiu sua caminhada.

— Continue — Sally disse.

— Então Marchbanks tira o bebê do berço, você, e o entrega a Lockhart. O ópio e as dívidas falaram mais alto. Ele guarda o Rubi no bolso e... é tudo.

— Não é, não. O que disse a esposa do capitão Lockhart?

— Esposa? Ele nunca teve esposa. Era solteiro.

E ali esvaía-se a mãe de Sally. Varrida de supetão: o pior dos golpes foi saber que a mulher maravilhosa nunca existira. Sally disse tremendo dos pés à cabeça:

— Mas a cicatriz no meu braço. Uma bala...

— Não foi uma bala; foi uma faca. A mesma faca que matou o marajá, que sua alma apodreça. Iam matar você; mas foram detidos.

Sally se sentiu fraca.

— Continue — disse. — E a senhora? Onde se encaixa nessa história? Não esqueça que sei de alguma coisa, e que se mentir...

Segurou uma das pontas do lenço. Era mentira: não fazia ideia de como a sra. Holland estava envolvida naquilo, porém a expressão de desespero da mulher ao ver Sally se aproximar do Rubi mostrava que Sally logo saberia a verdade.

— Meu marido — a velha disse com voz rouca —, Horatio, era soldado do Regimento e ficou sabendo da história.

— Como? — Sally perguntou e aproximou ainda mais a pedra da beirada do parapeito.

— Ele estava lá — a sra. Holland disse na mesma hora, as mãos se movendo em círculos pela ansiedade. — Ele viu o Rubi e ouviu tudo. E mais tarde, ao voltar para casa...

— Vocês chantagearam ele. O major Marchbanks, meu verdadeiro pai. Vocês tiraram tudo dele, não é verdade?

— Ele ficou envergonhado. Terrivelmente envergonhado. Claro, não queria que ninguém soubesse o que tinha feito. Vender a própria filha por uma pedra? Terrível!

— Mas por que você odiava o meu... o capitão Lockhart? O que ele te fez? Por que quer me matar?

A sra. Holland desviou o olhar do Rubi.

— Ele rebaixou meu Horatio a soldado raso — respondeu. — Ele era sargento. Tinha orgulho disso. Voltar a ser soldado raso... foi cruel.

A voz saiu trêmula de indignação da injustiça cometida.

— Por que diz que o Rubi é seu? Se o marajá o entregou ao capitão Lockhart, que o deu ao major Marchbanks, que direito você tem à joia?

— Tenho mais direito do que qualquer um de vocês. Ele prometeu me dar a joia vinte anos antes, o maldito mentiroso. Ele prometeu.

— Quem? Meu pai?

— Não, o marajá!

— O quê? Por quê? Para quê?

— Estava apaixonado por mim.

Sally riu. A ideia era absurda; a velha estava inventando aquilo. Mas a senhora fechou os punhos, furiosa, e chiou:

— É verdade! Deus sabe que fiz um trato com a senhorita, a verdade pelo Rubi, e esta é a mais pura verdade. Você me olha agora e pensa que sou velha e feia, mas vinte anos antes do Motim, antes de me casar, eu era a senhorita mais adorável em todo o Norte da Índia. A bela Molly Edwards, me chamavam. Meu pai era o ferrador do Regimento Real Britânico em Agrapur, um cidadão humilde, mas todos nos visitavam, os oficiais, e apreciavam minha beleza. E não só os oficiais. O próprio marajá se encantou por mim, o maldito. Sabe bem o que ele queria... Estava enlouquecido por mim e eu virava a cabeça, uma cabeça cheia de cachos negros... Você se acha bonita; mas é uma decepção, sem graça e deplorável perto da garota que eu fui. Uma insignificante, você é. Não há comparação. Pois bem, o marajá me prometeu o Rubi. Então eu cedi. E quando fiz isso ele riu de mim e me expulsou do palácio; e nunca mais voltei a ver o Rubi até aquela noite, nos porões da residência...

— Então foi você quem viu tudo! Não o seu marido!

— Qual o problema agora, hein? Sim, eu vi tudo. Mais do que isso: eu deixei os homens entrarem para matá-lo. E gargalhei enquanto ele morria...

A lembrança a fez sorrir. Sally não conseguia visualizar a beleza que ela afirmava ter tido. Nada restara — apenas velhice e crueldade. Ainda assim, Sally acreditava em cada palavra e sentiu pena — até se lembrar do major Marchbanks e de sua estranha e tímida gentileza no dia em que se conheceram, na forma como ele olhou para a menina que era sua filha... Não, não sentia pena.

Apanhou o Rubi.

— E esta é toda a verdade?

— Pelo menos o que interessa. Vamos, ele é meu. Meu, antes de ser seu, de seu pai, de Lockhart. Fui comprada por este Rubi, assim como você. As duas, cada uma comprada por um rubi... Agora me dê.

— Não o quero — Sally disse. — Não me trouxe nada, além de mortes e infelicidade. Meu pai queria que eu o tivesse, não a senhora. Mas não o desejo. Eu

abro mão dele. E se quiser tê-lo — ela ergueu a joia —, pode pegar.

E o atirou no rio.

A sra. Holland se manteve imóvel.

Ambas ouviram o espirrar da pedra ao se chocar com a água; em seguida, a sra. Holland enlouqueceu.

Primeiro, riu e mexeu a cabeça de um lado para outro, jogando os cabelos como uma menina, como se não tivesse um imundo e velho chapéu sobre a cabeça, mas sim uma bela e negra cabeleira com vastos e pesados cachos. Então disse:

— Minha bela. Minha bela Molly. Você terá o Rubi para combinar com seus graciosos braços, seus olhos azuis, seus lábios vermelhos...

Os dentes postiços caíram de sua boca. Ela não percebeu, mas suas palavras se tornaram incoerentes, seu chapéu saiu do lugar, cobrindo metade do rosto. Ela empurrou Sally e subiu no parapeito. Cambaleou sem equilíbrio por alguns instantes; horrorizada, Sally estendeu a mão, mas só sentia a leveza do ar: a mulher mergulhou.

Caiu sem emitir qualquer som. Sally tapou os ouvidos; sentiu mais do que ouviu o impacto do corpo na água.

A sra. Holland estava morta.

Sally se ajoelhou e chorou.

Na parte norte da ponte, o cocheiro chicoteou o cavalo de leve e balançou as rédeas, e a carruagem saiu do lugar.

Foi até a metade da ponte e estacionou a seu lado. Ela ainda soluçava e ergueu os olhos, turvos de lágrimas. O rosto do cocheiro estava escondido e o ocupante do cabriolé — se é que existia um —, invisível.

A porta se abriu e a mão de alguém apareceu; bronzeada e com pelos dourados. Uma voz que ela nunca havia escutado antes disse:

— Entre, srta. Lockhart. Temos um assunto a tratar. Ela se levantou muda. Ainda soluçava: estava perplexa.

— Quem é você? — conseguiu dizer.

— Tenho muitos nomes. Recentemente visitei Oxford sob o nome de Eliot. Outro dia tive um encontro com o sr. Selby, e usei o nome Todd. No Oriente, também me conhecem como Ah Ling, mas meu verdadeiro nome é Hendrik van Eeden. Entre na carruagem, srta. Lockhart.

Impotente, ela obedeceu. Fechou a portinhola e o veículo partiu.



DOCAS ÍNDIA ORIENTAL

Sally segurava a bolsa em seu colo com firmeza. Dentro, estava a arma, carregada, que comprara contra o inimigo invisível. E ali estava ele... Sentiu a carruagem virando à direita ao deixar a ponte e seguir pela rua Tâmisia em direção à Torre. Tremia no assento, com dificuldade de respirar devido ao medo que se apoderava dela.

O homem nada disse e não se moveu. Ao sentir seus olhos sobre ela, arrepiou-se completamente. O veículo virou à esquerda e então adentrou um labirinto de ruas menores e pouco iluminadas.

— Aonde vamos? — ela perguntou hesitante.

— Para as Docas Índia Oriental — ele disse. — E lá você poderá decidir se quer ir adiante ou ficar.

A voz dele era suave e aguda. Ele falava sem sotaque, mas pronunciava cada palavra cuidadosamente, como se buscasse recordar como dizê-las corretamente.

— Não compreendo — ela disse. Ele sorriu.

A cada poste de luz pelo qual passavam, ela via com dificuldade o rosto do homem. Era largo e cordial; contudo, seus olhos, negros e brilhantes, percorriam lentamente seu corpo, dos pés à cabeça. Ela sentiu como se a tocassem, e se recolheu bruscamente em um dos cantos da carruagem, fechando os olhos.

O veículo contornou à direita, entrando na rua do Comércio. Ele acendeu um charuto, cuja fumaça impregnou o ambiente e a deixou enjoada e tonta.

— Por favor — ela disse —, posso abrir a janela?

— Me perdoe — ele disse. — Que insensato de minha parte. Ele abriu o vidro da janela e jogou o charuto fora. Sally enfiou a mão dentro da bolsa, mas ele voltou à posição original antes que ela tivesse tempo de encontrar a pistola. Nenhum dos dois se pronunciou. O único som vinha do chacoalhar das rodas do veículo e do trote do cavalo.

Muitos minutos se passaram. Ela olhou através da janela. Passavam pelo dique Limehouse do canal Regent e ela avistou mastros de navios e chamas de uma

fogueira de um vigia noturno. Pouco depois, chegavam à via principal das Docas Índia Oriental. Perto dali estava Madame Chang... Caso Sally conseguisse chegar até ela, poderia pedir ajuda. Infelizmente, nunca se lembraria do caminho.

Deslizou a mão lentamente pela bolsa em busca da arma. O coração ficou apertado, pois chovera praticamente durante todo o trajeto até a ponte e a bolsa estava encharcada. Por favor, que a pólvora esteja seca...

Mais dez minutos se passaram em silêncio e a carruagem entrou em uma estreita rua cercada por uma fábrica e um paredão. A única luz a iluminar o local vinha de um poste na esquina da rua. O veículo subiu no meio-fio e estacionou. Van Eeden se inclinou para fora da janela e pagou ao cocheiro. Sem dizer uma palavra, o condutor saltou da carruagem e desatrelou o cavalo. Sally sentiu a carruagem balançar quando ele desceu e ouviu o som dos arreios se soltando e caindo no chão. Em seguida ouviu o som das patas do cavalo se afastando, levado pelo cocheiro. E o silêncio voltou a reinar.

Sally encontrara a pistola. O cano estava apontado para o lado errado. Virou a bolsa com uma das mãos, enquanto a outra segurava a arma. Estava tudo tão úmido...

— Temos pouco mais de meia hora — Van Eeden disse. — Há um navio além desta parede que zarpará quando a maré subir. Eu estarei a bordo. Você pode vir comigo, viva, ou ficar aqui, morta.

— O que quer de mim?

— Ora, obviamente — ele disse — não preciso lhe explicar. Você não é criança.

Sally gelou.

— Por que matou o meu pai? — perguntou.

— Porque ele interferiu nos negócios da minha sociedade.

— As Sete Bênçãos?

— Exato.

— Mas como o senhor pertence a uma sociedade secreta chinesa? O senhor não é holandês?

— Em parte. Fisicamente sou mais parecido com meu pai do que com minha mãe; no entanto, minha ancestralidade não está em questão. Minha mãe era filha de Ling Chi, que vivia de forma tradicional e louvável, ou o que você chamaria de pirataria. Nada mais natural que eu quisesse seguir os passos de meu ilustre avô. Tinha a meu favor a educação europeia, que me ajudou a conseguir um posto como agente de uma conhecida empresa no ramo de navios comerciais. E assim pude arquitetar um esquema vantajoso para ambas as partes.

— Ambas as partes?

— A empresa Lockhart & Selby e As Sete Bênçãos. O ópio fazia essa

conexão. Seu pai se recusou a entrar no negócio, foi sua atitude de pouca visão e fora de propósito, em minha opinião, a responsável por sua morte. Não, eu estava satisfeito com o arranjo que havia criado e fiquei extremamente irritado quando ele ameaçou arruinar tudo.

— Qual era esse arranjo? — Sally perguntou, tentando ganhar tempo. O dedo estava no gatilho. O calor da mão secaria a pólvora? E o cano aguentaria com o tiro, se este saísse?

— O mais excelente dos ópios — Van Eeden continuou — vem da China, é produzido sob a supervisão do governo britânico e leva a marca oficial, uma espécie de molde, que embala a droga em pequenas barras, com a aprovação e a bênção de Vossa Majestade, a rainha. Algo muito civilizado. A venda é garantida, por um preço elevado. Infelizmente, seu pai não quis participar, logo a empresa Lockhart & Selby não estava em posição de se beneficiar da transação.

“Pois bem, como o poderoso Ah Ling, eu interceptava navios com carregamentos de ópio da China. É necessária uma manhã inteira para convencer a tripulação a cooperar; toda uma tarde para transferir o carregamento para meu junco; e uma boa noite favorável para afundar o navio e ir embora”.

— E então a Lockhart & Selby se encarrega do ópio roubado e o vende, suponho? — Sally disse. — Muito ardiloso. Devo admitir.

— Óbvio demais. Mais cedo ou mais tarde seria descoberto. Não, eis a beleza do esquema: por uma coincidência fortuita, minha sociedade veio a ter acesso a um desses moldes britânicos. Portanto, com a ajuda da embalagem e de uma fábrica em Penang, juntamente com uma classe inferior de ópio cultivado nas montanhas, um carregamento se transforma em três ou quatro, todos embalados, certificados e transportados pela mais respeitosa firma, Lockhart & Selby.

— Vocês adulteram a droga... e o que acontece com aqueles que fumam o ópio?

— Morrem. Os que fumam a nossa droga morrem mais rápido, o que é uma bênção para eles. Não foi sábio da parte de seu pai intervir; me trouxe muitos problemas. Eu estava em Penang no papel de Hendrik van Eeden; tive que me transformar em Ah Ling e chegar a Cingapura antes de seu pai partir... Tarefa terrivelmente penosa. Mas os deuses têm sido gentis. O fim está próximo.

Ele tirou um relógio do bolso do colete.

— Admirável tempo — disse. — Bem, srta. Lockhart, já se decidiu? Você vem ou fica?

Ela olhou para baixo e viu, horrorizada, uma faca no colo dele. Brilhava sob a fraca luz que vinha da doca, do outro lado da parede. A voz era tranquila e densa, como se ele falasse com um feltro sobre a boca, e Sally percebeu que ela tremia. *Não, não, fique calma*, disse a si mesma. Mas aquele não era um alvo preso na

porta — era um ser humano e o tiro o mataria...

Ela puxou o gatilho com o polegar. Fez-se um leve clique.

Van Eeden se inclinou em sua direção e a acariciou na mão levemente. Ela se afastou, mas ele foi mais rápido: uma das mãos segurou a boca e a outra, que continha a faca, apontou para o peito de Sally. A mão que cobria a boca de Sally tinha perfume adocicado, enjoando-a; posicionou a bolsa entre os dois, a um milímetro do peito dele. Podia ouvir a respiração do homem. Estava zonha de medo.

— E então? — ele perguntou serenamente.

E então ela puxou o gatilho.

A explosão sacudiu a carruagem. O impacto arremessou Van Eeden para longe, contra o assento em frente a ela; a faca caiu das mãos dele e ele apertou o peito e abriu a boca algumas vezes, tentando dizer algo — em seguida escorregou até o chão e ficou imóvel.

Ela abriu a portinhola e saiu correndo; chorava, tremia, estava ensandecida de medo...

Não conseguia ver aonde estava indo. Podia ouvir passos atrás dela, correndo, perseguindo-a.

Alguém gritava seu nome. Ela gritava:

— Não! Não! — e continuou correndo. Percebeu que ainda segurava a arma e a arremessou longe, com repugnância. A pistola quicou nos paralelepípedos molhados até desaparecer pelo bueiro.

Sentiu alguém a agarrar pelo braço.

— Sally! Pare! Sally, não! Escute! Olhe, sou eu!

Ela caiu e o que ainda restava de ar abandonou seus pulmões. Virou-se para cima e viu Rosa.

— Rosa, oh, Rosa... o que foi que eu fiz?

Ela se debruçou sobre Rosa e chorou com vontade, e Rosa a abraçou com força, ajoelhando-se descuidadamente no chão sujo e molhado e ninando-a como uma criança.

— Sally, Sally, ouvi um tiro e... você está ferida? O que ele fez?

— Eu... eu o matei, eu o matei... f... fui eu.

E em seguida um choro descontrolado. Rosa a abraçou mais forte e lhe acariciou os cabelos.

— Você tem... tinha... tem certeza? — disse Rosa, olhando por cima dos ombros de Sally.

— Eu o matei, Rosa — Sally disse, com o rosto colado ao pescoço de Rosa. — Porque ele ia, ele ia me matar, e... Ele tinha uma faca. Já matou tantas pessoas. Ele matou o meu... oh, Rosa, não consigo chamá-lo de capitão Lockhart! Eu o amava... ele era o meu pai, apesar de... meu paizinho...

A tristeza e a dor contagiaram Rosa, que agora também chorava copiosamente. Não conseguia falar.

Pouco depois, Rosa a ergueu gentilmente.

— Escute, Sally — disse. — Precisamos encontrar um policial, urgente. Temos que... não balance a cabeça... é fundamental que façamos isto... Não se preocupe. Está tudo acabado. Mas agora precisamos ir à polícia. Eu sei o que aconteceu... Posso testemunhar. Você não vai se complicar.

— Não sabia que você estava aqui — Sally disse, enfraquecida, olhando para a capa e a saia cobertas de lama.

— Como poderia deixá-la sozinha assim? Entrei em outra carruagem e a segui. Graças aos céus encontrei uma à disposição. E quando ouvi o tiro...

Ela balançou a cabeça; um apito de polícia ecoou. Sally olhou para Rosa.

— Acho que vem da carruagem — ela disse. — Devem tê-lo encontrado. Vamos...



O RELÓGIO DA TORRE

ESTRANHOS EVENTOS NAS DOCAS ÍNDIA ORIENTAL

O MISTÉRIO DA CARRUAGEM VAZIA

UM TIRO NA NOITE

Um distúrbio inexplicável e misterioso ocorreu nas proximidades das Docas Índia Oriental na madrugada da última terça-feira.

O policial Jonas Torrance, oficial experiente e fidedigno, patrulhava a área das docas quando, aproximadamente às 2h20 da manhã, ouviu o som de um tiro.

Correu à procura do local de onde partira o tiro e em cinco minutos encontrou uma carruagem de quatro rodas, aparentemente abandonada na via principal das Docas Índia Oriental. Não havia sinal do cavalo ou do cocheiro, porém, ao revistar o interior do veículo, o guarda encontrou evidências de que ali houvera um confronto violento.

No chão e no assento, uma quantidade substancial de sangue. O oficial de polícia Torrance estimou que havia mais de um litro espalhado pela cabine, possivelmente mais. Está claro que ninguém conseguiria sobreviver após perder tanto sangue em tempo tão curto; ainda assim, não foi encontrada a vítima deste brutal ataque.

Após exame mais minucioso da carruagem, foi encontrada uma faca, de estilo comumente utilizado por marinheiros, debaixo de um dos assentos. A faca estava impecavelmente afiada e sem qualquer vestígio de sangue.

O policial chamou reforços e foram feitas buscas nas ruas vizinhas; apesar disso, nada mais foi descoberto. Até o presente, o caso permanece um mistério.

— Nós tentamos contar a ele — Sally disse. — Não é verdade, Rosa?

— Quatro vezes. Ele não quis escutar. Nada conseguia entrar naquela cabeça dura. Nos mandou embora, pois estávamos estorvando seu trabalho.

— Simplesmente se recusou a acreditar em nós.

— Ele é um oficial experiente e fidedigno — Frederick comentou. — É o que diz aqui. Acredito que fez muito bem em dispensá-las, e não entendo do que estão se queixando. Você entende, Bedwell?

Estavam sentados ao redor da mesa, na rua Burton. Três dias haviam se passado após o incidente; o reverendo Bedwell viera de Oxford para saber do ocorrido e aceitara o convite para jantar. Rosa estava lá, porque a peça em que trabalhava fora cancelada: o patrocinador acabara tendo um ataque de nervos antes de conseguir recuperar o dinheiro investido, e como consequência Rosa estava desempregada. Sally sabia que as economias da residência da rua Burton sofreriam severamente com isso, mas nada disse.

O sr. Bedwell pensou um pouco antes de responder à pergunta de Frederick.

— Parece-me que vocês fizeram a coisa certa ao procurar o guarda — disse. — Foi algo sensato e apropriado. E tentaram explicar a ele, o quê... quatro vezes?

Rosa confirmou com a cabeça.

— Ele achou que estávamos de brincadeira e tomando seu tempo.

— Então, creio que fizeram o que estava ao alcance, e a resposta do oficial nada mais representa do que a cegueira da justiça. O resultado é justo; foi legítima defesa, um direito que, afinal, todos nós temos. E não há vestígio do homem?

— Nem sinal — Frederick disse. — Provavelmente, conseguiu chegar ao seu navio. Ou morreu ou está a caminho do Oriente neste momento.

O sr. Bedwell concordou com a cabeça.

— Pois bem, srta. Lockhart, creio que fez o que deveria e pode ficar com a consciência perfeitamente tranquila, portanto.

Frederick disse em voz baixa:

— E quanto a mim? Eu, sim, pretendia matar aquele rufião da sra. Holland. Na verdade, eu disse a ele que o mataria. O que cometi foi assassinato?

— Em defesa de terceiros, suas ações são justificáveis. Quanto às suas intenções, não tenho como julgar. Talvez você tenha que conviver com o fato de que saiu para matar um homem. Mas eu mesmo troquei socos com o sujeito e não posso condená-lo com rigor.

O rosto de Frederick estava severamente machucado. Tinha o nariz quebrado e perdera três dentes; e as mãos estavam tão doloridas que ainda as usava com dificuldade. Sally havia chorado ao vê-lo. Nos últimos dias, andava chorando

com muita facilidade.

— Como vai o jovem rapaz? — o sr. Bedwell perguntou.

— Jim? Um braço quebrado e uma bela coleção de olhos roxos e hematomas. Mas é necessário um regimento de cavalaria e umas quantas granadas para realmente lhe causar estrago. O que mais me preocupa é o fato de ele ter perdido o emprego.

— A firma fechou — Sally contou. — Gerou uma tremenda confusão. Há uma matéria a respeito em uma das páginas do jornal de hoje.

— E a menina?

— Nada — disse Rosa. — Nenhuma notícia. Nenhum sinal dela. Procuramos por toda parte, fomos a todos os orfanatos, mas ela desapareceu.

Ela não verbalizou o que todos temiam.

— Meu pobre irmão gostava muito dela — o clérigo disse. — Foi ela quem o manteve vivo naquele lugar horroroso... Ora, ora, ora; precisamos ter esperança. Quanto a você, srta. Lockhart, bem, devo chamá-la de srta. Lockhart ou srta. Marchbanks?

— Sou Lockhart há 16 anos. E quando escuto a palavra *pai*, penso no sr. Lockhart. Não sei que tipo de status legal eu tenho ou o que representam rubis nos tribunais... Sou Sally Lockhart. Trabalho para um fotógrafo. É o que me importa no momento.

Mas não era. Uma semana se passou e Adelaide permanecia desaparecida, apesar das buscas incessantes de Trembler pelas ruas, escolas e asilos da cidade. Rosa tampouco havia conseguido novo emprego, e pior: a peça que estava ensaiando também fracassou. Agora, não havia mais nenhuma fonte de renda a não ser o que conseguiam vender na loja, e a situação era das piores possíveis — visto que para conseguirem se estabelecer e vender as fotos, eles precisavam desesperadamente construir os alicerces da empresa antes que o público perdesse o interesse; e não tinham dinheiro para financiar as novas fotos que precisavam produzir.

Sally recorreu aos fornecedores, um por um, porém todos se recusaram a vender papel e química fiado. Ela argumentou, implorou, insistiu o quanto pôde, e em troca conseguiu quase nada. Uma firma os deixou levar alguns papéis de impressão, mas não eram suficientes; único êxito até aquele momento. E a empresa que produziria os estereógrafos se negou a pagar adiantado, além do que os dividendos das patentes a que tinham direito estavam longe demais de serem alcançados para terem alguma serventia. Em dado momento, Sally precisou convencer Frederick a não vender a câmera do estúdio.

— Não venda o equipamento — ela disse. — Nunca faça isso. Como conseguirá recuperá-la depois? Como vamos expandir os negócios, se tivermos que gastar o dinheiro que ganharmos comprando novos equipamentos dos quais nunca

deveríamos nos desfazer, para início de conversa? — Ele viu lógica no argumento e a câmera permaneceu no estúdio. Ocasionalmente, ele fazia um ou dois retratos; mas o negócio por que tanto zelavam estava morrendo.

E Sally sabia que tinha dinheiro para salvá-lo. E sabia que, se tentasse acioná-lo, o sr. Temple a encontraria e ela perderia sua liberdade.

Finalmente, em uma fria manhã em fins de novembro, uma carta chegou de Oxford.

Cara srta. Lockhart,

Peço que perdoe o meu lapso de memória. Apenas agora consigo sair do choque em que estava pela morte de meu irmão e pelos trágicos incidentes que todos tivemos que presenciar. Tinha a intenção de mencionar o assunto quando aí estive, dias antes, mas escapou de minha mente e acabei retornando a Oxford antes que pudesse me lembrar.

Acredito que a senhorita se recorda de que seu pai o sr. Lockhart — deu um recado ao meu irmão para que fosse entregue à senhorita. No dia de sua morte, meu irmão escreveu algo em um pedaço de papel, com o intuito de o enviar à senhorita; era a parte final da mensagem, que ele omitira devido à confusão em que estavam seus pensamentos. Era um tanto curta, algumas palavras: “Diga a ela que olhe debaixo do relógio”.

Não disse nada mais, porém ele assegurou que você saberia a que relógio se referia. Foi tudo que Matthew lembrou, mas ele insistiu que eu escrevesse e lhe contasse. Atendi ao pedido de anotar, mas apenas agora me lembrei do segundo pedido.

Espero que faça algum sentido para a senhorita. Mais uma vez, peço desculpas por não haver lembrado antes.

Muito cordialmente,
Seu amigo,
Nicholas Bedwell.

O coração de Sally acelerou vertiginosamente. Sabia de qual relógio o pai falava. A residência em Norwood possuía, acima da estrebaria, uma torre de madeira com um relógio — uma pequena extravagância graciosamente adornada e pintada — que soava a cada 15 minutos e precisava que lhe dessem corda uma vez por semana. Era algo sem cabimento tê-lo ali, em uma casa de campo, mas Sally adorava escalar o celeiro na parte de cima do estábulo e observar o mecanismo funcionando lentamente. E abaixo do relógio havia uma tábua solta, na parede de madeira do celeiro, que um dia, após forçá-la, Sally descobriu ser um lugar perfeito para esconder tesouros. *Olhe debaixo do relógio...*

Talvez não seja nada, mas é tudo que me resta, pensou. Sem dizer nada aos demais, comprou uma passagem de trem e partiu para Norwood.

A casa estava muito mudada desde a última vez em que lá estivera, quatro meses antes. As janelas e a porta haviam sido pintadas, o portão de ferro era novo e o jardim de rosas no centro do passeio circular fora removido e em seu lugar havia algo que parecia um chafariz. Não era mais a sua casa e ficou feliz por isso; o passado ficara no passado e estava enterrado.

Os novos donos eram o sr. e a sra. Green e sua extensa família. O sr. Green estava no trabalho, quando Sally chegou — e a sra. Green saíra para visitar uma vizinha. Não obstante, uma governanta simpática e agitada atendeu Sally e não se opôs a que ela desse uma olhada na cavalariça.

— Claro que eles não se incomodariam — ela disse. — São *pessoas* muito boas... Charles! Pare com isso agora mesmo! — disse para um menino que estava destruindo um guarda-sol. — Por favor, siga adiante, srta. Lockhart, me dê licença, mas preciso... oh, Charles, por favor! A senhorita sabe o caminho? Claro que sabe.

O estábulo não havia mudado e o cheiro familiar e o som do relógio causaram uma leve nostalgia, mas não era para isso que estava ali. Em menos de um minuto ela encontrou a caixa no esconderijo

— uma caixinha de madeira de pau-rosa ornada em bronze que estivera na mesa do escritório do pai durante anos. Ela reconheceu o objeto de imediato e o retirou do buraco.

Sentou-se no chão empoeirado para abri-la. Não estava trancada — apenas um pouco emperrada.

A caixa estava abarrotada de notas de dinheiro.

Ela demorou alguns minutos até perceber o que tinha nas mãos. Tocou, maravilhada; não conseguia sequer prever quanto havia ali. E então encontrou a carta.

22 de junho de 1872

Minha filhinha Sally,

Se estiver lendo esta carta é porque o pior aconteceu e eu estou morto. Minha pobre menina, terá que suportar muitos percalços — mas você é forte e não se entregará.

Este dinheiro, querida, é para você. É exatamente cada centavo que investi na Lockhart & Selby anos atrás, quando Selby era um homem bom. A firma falirá em breve. Eu mesmo me encarreguei para que isso ocorresse. Mas consegui recuperar esta quantia e ela é sua.

Não me sentiria digno de tirar mais. Pela lei, teria este direito — e a

verdade é que a maior parte dos negócios da empresa sempre esteve estritamente de acordo com a lei e longe de qualquer suspeita —; entretanto, algumas transações foram tão inextricavelmente subvertidas pelo mal, por tanto tempo, que hoje não desejo nada que seja fruto dessa ilegalidade.

É culpa minha que isto não tenha sido descoberto antes, mas Selby era o responsável pelos negócios no Oriente e eu, como um tolo, confiei nele. Agora cabe a mim solucionar o problema. Por sorte, temos um bom agente em Cingapura. Estarei com ele em breve e juntos enfrentaremos o demônio que maculou nosso negócio.

E o demônio, minha querida, é o ópio. Para ser sincero, é uma incoerência que esta afirmação venha de alguém que faz negócios no Oriente — todo o comércio na China, como o conhecemos hoje, foi fundado pelo ópio. Mas eu o abomino.

Principalmente porque vi o que ele fez a George Marchbanks, que um dia foi meu amigo mais íntimo. E se estiver lendo esta carta, minha querida, significa que você já sabe quem ele é e a troca que fizemos. Mesmo o Rubi está corrompido, visto que este foi comprado com a riqueza gerada pela extração de papoulas nas plantações de Agrapur. Estes campos hoje estão mais prósperos do que nunca; o mal sobrevive. Quanto a Marchbanks, não o vejo desde aquele dia, mas sei que ainda está vivo e sei que ele lhe contará a verdade se pedir que você vá a seu encontro. E só o farei caso tenha certeza de que não sobreviverei.

Pegue o dinheiro, minha Sally, e me perdoe. Me perdoe por não contar tudo pessoalmente; e me perdoe por inventar uma mãe para você. Houve uma mulher como ela, por quem me apaixonei, mas que se casou com outro e morreu há muitos anos.

Dou-lhe o dinheiro em notas, pois sei que você não conseguiria tirar esta quantia pelas mãos de um advogado. Temple é um bom homem e cuidará do restante de sua fortuna muito bem e com responsabilidade, mas a considera incapaz de administrar o dinheiro sozinha e usará de todos os dispositivos legais na Inglaterra para manter o controle dos seus bens — com a melhor das intenções. Contudo, com dinheiro vivo, você tem a liberdade de usá-lo como lhe convier. Procure pequenos negócios, algum que necessite de capital para expandir. Você conseguirá. Saberá escolher bem. Eu não fui feliz em minhas escolhas: meus amigos, meu sócio, todos me desapontaram.

Mas houve uma vez em que eu fiz a escolha certa. Foi quando escolhi você, minha filhinha, em vez de fortuna. Esta escolha tem sido meu motivo de maior orgulho e felicidade, hoje e sempre. Adeus, minha Sally. Termino esta carta expressando meu amor mais profundo,

Seu pai,
Matthew Lockhart.

Sally deixou o papel cair e baixou a cabeça. Tudo se resumira a isto: uma caixa cheia de dinheiro e uma carta. Chorava. Amara o pai intensamente. Ele havia previsto e organizado tudo. Haveria trabalho e um futuro para Jim... Poderiam contratar um detetive para procurar Adelaide. Poderiam...

— Papai — sussurrou.

Oh, haveria muitos obstáculos, centenas deles. Mas ela venceria. Garland & Lockhart!

Guardou a carta, a caixa e se dirigiu para a estação de trem.

FIM



DICIONÁRIO

DICKENS

DE

LONDRES,

1879



UM GUIA NADA CONVENCIONAL

Durante a década de 1870 o filho de Charles Dickens, que também se chamava Charles, compilou um guia fascinante sobre a Londres vitoriana, o qual Philip Pullman considerou de valor inestimável enquanto escrevia *Sally e a Maldição do Rubi*.

Boêmia — Durante muito tempo, a teoria favorita entre os escritores londrinos era a de que para ser um autêntico Boêmio era necessário ser um bêbado, desleixado, sujo e esbanjador. Posteriormente, o perfil de escritor boêmio mudou. Limpeza, ordem, respeito às normas e aos costumes sociais, combinados a um absoluto desprezo por todo e qualquer tipo de obrigações e deveres legais, vêm sendo apontados em muitos romances como sendo as características de um genuíno boêmio. Ambas as generalizações, ambas monstruosas, que são frequentemente descritas como pertencentes às profissões literárias, artísticas e dramáticas, estão longe de representar a verdade. A boêmia não pertence, não está confinada a uma divisão territorial, de profissão ou classe. O verdadeiro boêmio se emancipou de convencionalidades e fingimentos e desenvolve a sua maneira; sem desejar ou esperar, de um lado, impor ideias aos companheiros que possuem pontos de vista e valores diferentes, tampouco permitindo, por outro lado, qualquer tipo de interferência em seu estilo de vida. Na verdade, é possível afirmar que tolerância e generosidade estão entre as principais características da boêmia.

Casas de venda de ópio — A mais conhecida dessas casas é a de Johnston, localizada num sítio próximo à estrada Ratcliff, onde os visitantes fumam cachimbos já utilizados por muitos da realeza, como também por pobres marinheiros chineses em busca do prazer nativo. O local é mencionado no romance *O Mistério de Edwin Drood*. Estabelecimento similar, porém de classe pouco superior — ou seria mais correto dizer: menos nauseabundo — se chama Johnny Chang e se localiza na casa de chás London & St. Katharine, na beira da estrada.

Criados — É o mais variável da maioria dos artigos de utilidade. A melhor forma de conseguir um é através dos classificados nos jornais diários. A segunda melhor maneira, anunciar nos classificados sua procura, embora isto possa expor sua pessoa a futuros ataques de uma classe interesseira e oportunista de pessoas. O soldo padrão em Londres pode ser fixado em: mordomo, entre 40 e 100 libras; lacaio, 20 e 40 libras; pajem, de 8 a 15 libras; cozinheiro, 18 a 50 libras; arrumadeira, 10 a 25 libras; governanta, 12 a 30 libras; “criados gerais”, *anglicé* para todo tipo de serviço, 6 a 15 libras. É necessário aviso prévio de um mês para pedir demissão ou demitir. Neste último caso, o pagamento de um valor referente a um salário é suficiente. O empregado pode ser demitido sem aviso prévio caso haja tido conduta imprópria. Quando deixado na cidade, soldos adicionais de 10 xelins semanais são requeridos. Caso haja necessidade de economizar, tenha em mente que em Londres o pagamento de comissões de comerciantes a criados é quase um costume obrigatório, como também fonte frutífera de desperdício deliberado. “Coisas de Cozinha” também é outra instituição dispendiosa especialmente designada para facilitar o consumo de itens, com cujas substituições o cozinheiro pode ganhar algum trocado. O molho, um pré-requisito de que praticamente nenhum cozinheiro abre mão de preparar, significa não apenas muito mais do que o próprio nome indica, como também ocasiona o desperdício de sua carne devido às furtivas punhaladas para que o caldo se esvaia mais livremente.

Docas — O sistema de docas londrino — o maior do mundo — permanece inteiramente, ou quase inteiramente, do mesmo tamanho nos dias de hoje. A pequena doca, até hoje conhecida pelo nome de Doca Greenland, e uma das menores de todo o enorme sistema de docas comerciais, existe desde os primórdios de 1660, quando então seus três diques, os pequenos e apertados armazéns e sua simples e descomplicada construção eram no mínimo mais agradáveis, se não mais rentáveis, do que o vasto sistema, implacavelmente confuso e bagunçado, dos dias de hoje. Atualmente, as docas de Londres cobrem uma área de aproximadamente 600 acres e se estendem praticamente de maneira ininterrupta da Torre de Galleons-reach para além de Woolwich.

Docas Índia Oriental e Índia Ocidental — Antes da revogação de monopólios concedidos a certas empresas, essas docas serviam exclusivamente para receber embarcações que comercializavam com as Índias Oriental e Ocidental. Depois da mudança não há mais restrições desse tipo. A empresa pode realizar o negócio que lhe convier. Como era de esperar, os quase vinte anos de dedicação exclusiva dessa localidade aos negócios referentes à Índia Ocidental criaram um vínculo tão forte desse tipo de comércio com o local que a maioria das importações oriundas daquela parte do mundo continua se dirigindo a essa doca. Casos emblemáticos são os artigos açúcar e rum, especialmente o rum. Um volume muito grande das mercadorias originárias da China e da Índia Oriental é dirigido a essas docas, que também são o destino das mercadorias australianas. O comércio de mogno do Porto de Londres é exclusivamente centralizado ali, e o mesmo se pode dizer das importações de tecas. O algodão, motivo por que amplos armazéns foram erigidos na parte sul da Doca Índia Ocidental, também tem sua importância. O número de propriedades da corporação localizadas na cidade é muito extenso, incluindo os vastos armazéns nas ruas Fenchurch, Crutched Friars, Jewry e Billiter. Nas ruas Fenchurch e Jewry os charutos e o índigo são os artigos centrais. Os armazéns da rua Crutched Friars conservam chá e os da rua Billiter servem para armazenar penas, especiarias, marfim e produtos manufaturados da China, sendo que ocasionalmente é possível encontrar belos espécimes.

Hospedagens — A imensa ampliação do sistema metropolitano de ferrovias, implementada nos últimos anos, possibilitou àqueles em busca de estalagem um leque muito maior de opções, mesmo quando a paisagem se torna o principal objetivo e o tempo é urgente. Para os que se incluem na última alternativa ou os que contemplam estar fora de casa até mais tarde, quando os trens não mais operam, um lugar central para descansar é claramente importante e estes podem encontrar um local — os que têm boas condições financeiras — nas ruas entre o rio e a rua Strand, onde uma razoável acomodação custa entre 30 xelins e 50 xelins por semana, ou as que se encontram em ambos os lados da rua New Oxford, e que cobram alguns xelins a menos. Em Bloomsbury, pouco mais ao norte, mas ainda assim de fácil acesso ao centro de divertimento, existe uma região onde a principal fonte de renda vem dos aluguéis de quartos, e lá é possível encontrar acomodações por praticamente qualquer valor entre um e 2, 5 guinéus. Aqueles que desejam um lugar mais central e não estão particularmente preocupados com o preço que pagarão devem prosseguir sua busca entre as ruas Pall-Mall e Picadilly. Nesta última, é comum encontrar quartos pequenos, com frequência malmobiliados, porém com ótima comida e atendimento de primeira, com um gosto geral pela “camaradagem”.

Os preços nessas hospedagens são consideravelmente influenciados pelas estações do ano, visto que são os refúgios prediletos dos solteiros modernos e elegantes que vivem nos clubes; mas o aluguel semanal de uma cama e uma sala de estar pode sair entre 3 e 8 ou até 10 guinéus: sem contar as taxas “extras”, claro, na justa proporção. Em todos os casos, com exceção do distrito de Pall-Mall, os preços incluem lareira aquecida, limpeza das botas, corredor, escada, serviço de quarto e muitos outros adicionais.

Luz elétrica — A luz elétrica, praticamente introduzida pela primeira vez em Londres pelo sr. Hollingshead, gerente do Teatro Gaiety, tem sido, nos últimos meses, objeto de extenso número de experimentos, tanto públicos quanto privados. Dentre os públicos, o mais importante foi a experiência envolvendo o aterramento do rio Tâmsa, onde as largas vias e a completa ausência de luz externa nas vitrines das lojas ou tabernas, em ambas as margens, possibilitaram aos sistemas então concorrentes de gás e eletricidade unirem forças para competirem entre si de igual para igual. Também, quiçá, seria a oportunidade para realizar o experimento noutras condições e buscar instalar a luz elétrica em lojas comuns; mas até o momento da impressão deste texto nada ainda havia sido feito. Enquanto isso, as companhias de gás foram estimuladas pela chegada da temível rival a mostrar o que o gás é capaz de oferecer, quando gastos deixam de ser uma das prioridades. A primeira demonstração do poder de iluminação do velho e familiar carvão foi feita na via da Ponte Waterloo e causou frisson entre os acionistas, tomados de pânico pelo temor de que suas assembleias comunais fossem induzidas a abrir suas carteiras com a esperança de haver algum tipo de dividendo, no fim das contas. A questão envolve apenas custos. Era de se imaginar que tal questão não seria das mais impossíveis de se solucionar. Contudo, Londres ainda não encontrou o seu Haussmann [*O barão Haussman foi designado por Napoleão III, em 1853, para dar início a um programa de reformas em Paris e foi o responsável pelos inconfundíveis e amplos boulevares e jardins que vemos nos dias de hoje.*]

Ônibus — O serviço de ônibus londrino está essencialmente subordinado à Companhia de Ônibus de Londres Ltda., cujas charretes transitam pelas principais vias públicas da cidade em todas as direções com intervalos regulares desde cedo até à meia-noite. Além dos veículos dessa empresa, atuam nas principais vias um ou dois grande, proprietários privados e um considerável número de proprietários menores que guiam seus veículos relativamente de forma discreta.

Ponte de Londres — Construída entre 1824-27, foi fruto do trabalho de John Rennie, arquiteto das pontes de Southwark e Waterloo, implementado pelo próprio

até a sua morte e terminado por seu filho, o sr. J. Rennie. Seu custo, por vários motivos, foi enorme, e houve bastante mal-entendido a respeito do tema. Algumas autoridades afirmam que o valor foi pouco menor que 1, 5 milhão, enquanto outros dizem que passou de 2, 5 milhões. Toda de granito, possui cinco arcos, tendo o arco central altura de cerca de 46 metros, os dois seguintes ao redor de 42 metros e os últimos dois, nas margens, aproximadamente 40 metros, cada um. Para facilitar o trânsito, guardas estão posicionados ao longo da via e todos os veículos que trafegam em baixa velocidade são compelidos a andar próximo ao meio-fio. Ainda assim, as retenções são frequentes e a ponte deve ser evitada entre as nove e as dez da manhã e as quatro e as seis da tarde. Vista do rio, é a ponte mais bela de Londres.

Vestuário — Caso sua única preocupação seja não chamar a atenção, hoje em dia é possível passear pela maior parte de Londres vestindo qualquer traje simples inglês. Se, contudo, seu desejo for um passeio pelos parques nas horas de pico em dia propício ou pelo zoológico nas tardes de domingo, ou os jardins de horticultura ou qualquer outro lugar da moda, luvas, cartola, o ortodoxo paletó matinal etc. ainda são acessórios essenciais. Caso tenha negócios para tratar, descobrirá que o estilo convencional de se vestir poderá ser fator vantajoso nas negociações. A vestimenta de gala não é *de rigueur* em nenhum dos teatros; ainda assim é o que costuma predominar nas primeiras fileiras dos espetáculos. No entanto, se puder, evite as capas de gala vermelho escarlate. Pelos frequentadores assíduos, é visto estritamente como sinal de que o dono ganhou as entradas. As damas frequentam as primeiras fileiras dos teatros, bem como os demais locais do edifício. Nas apresentações das Óperas Italianas, os trajes a rigor são indispensáveis em todos os ambientes, exceto nas tribunas. A praxe é rigorosamente reforçada nos mínimos detalhes e é impossível se evadir dela. Se, contudo, o cavalheiro não possuir roupa apropriada para a ocasião e não se incomodar em vestir uma já utilizada, há butiques nas ruas King, Covent-garden, Chandos, entre outras, onde é possível alugar um traje por uma noite apenas. Os preços costumam sair por 5 xelins para o aluguel do paletó, 2 xelins para o colete, 3 xelins para as calças, 5 xelins para o sobretudo. Também há disponibilidade de trajes negros para funerais por preços similares. A diária dos guarda-chuvas custa cerca de 2 xelins. Evidentemente, um depósito com o valor dos artigos deve ser feito no ato do aluguel.



E o demônio, minha querida, é o ópio. Para ser sincero, é uma incoerência que esta afirmação venha de alguém que faz negócios no Oriente — todo o comércio na China, como o conhecemos hoje, foi fundado pelo ópio. Mas eu o abomino.

Principalmente porque vi o que ele fez a George Marchbanks, que um dia foi meu amigo mais íntimo. E se estiver lendo esta carta, minha querida, significa que você já sabe quem ele é e a troca que fizemos. Mesmo o Rubi está corrompido, visto que este foi comprado com a riqueza gerada pela extração de papoulas nas plantações — de Agrapur. Estes campos hoje estão mais prósperos do que nunca; o mal sobrevive. Quanto a Marchbanks, não o vejo desde aquele dia, mas sei que ainda está vivo e sei que ele lhe contará a verdade se pedir que você vá a seu encontro.



Philip Pullman é o autor premiado da trilogia Fronteiras do Universo. Mora em Oxford, Inglaterra.



UM MISTÉRIO DE SALLY LOCKHART

PRIMEIRO LIVRO DA NOVA SÉRIE DE PHILIP PULLMAN

Um mistério aterrorizante marcado por cartas estranhas,
por ruas tomadas por ratos, pelo cheiro mortal de ópio – e,
no coração disso tudo, uma joia banhada em sangue.

“IMPOSSÍVEL PARAR DE LER ESTE LIVRO DE VELHAS MALVADAS, HERÓIS
BONZINHOS E CRIANÇAS QUE MORAM NOS LUGARES MAIS SÓRDIDOS DE
LONDRES NO SÉCULO XIX.”

Booklist

“UMA AVENTURA EMOCIONANTE, REPLETA DE VILÕES IMPIEDOSOS,
CRIMES TERRÍVEIS, CASAS TORPES DE ÓPIO, BAIRROS IMUNDOS E POBRES
E UMA ENCANTADORA HEROÍNA DE 16 ANOS.”

School Library Journal



Fontes arquivo .pdf



Digitalização

villie

Revisão

Yuna



Formatação .ePub

Clubinho

2013